



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Inês Alexandra Carvalho Gama

**AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA VOZ PASSIVA:
COMPORTAMENTOS LINGUÍSTICOS E
METALINGUÍSTICOS DE APRENDENTES POLACOS DE
PLE**

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS), orientada pelas Professoras Doutoradas Ana Paula Oliveira Loureiro e Isabel Maria de Almeida Santos, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Janeiro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA VOZ PASSIVA: COMPORTAMENTOS LINGUÍSTICOS E METALINGUÍSTICOS DE APRENDENTES POLACOS DE PLE

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Aquisição/Aprendizagem da voz passiva: comportamentos linguísticos e metalinguísticos de aprendentes polacos de PLE
Autora	Inês Alexandra Carvalho Gama
Orientadoras	Doutora Ana Paula Oliveira Loureiro e Doutora Isabel Maria de Almeida Santos
Júri	Presidente: Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins Vogais: 1. Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos 2. Doutora Ana Paula Oliveira Loureiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS)
Área científica	Língua e Literatura Moderna
Especialidade/Ramo	Linguística Aplicada
Data da defesa	17-2-2020
Classificação	17 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



AGRADECIMENTOS

Queria expressar o meu profundo agradecimento às Professoras Ana Paula Loureiro e Isabel Santos, da Universidade de Coimbra, por todo o apoio, pela orientação e paciência constante que me dirigiram ao longo da elaboração desta dissertação. Agradeço os conselhos e sugestões que me permitirem melhorar e desenvolver o meu trabalho.

Agradeço à minha família, em especial, aos meus pais, à minha irmã e aos meus avós maternos por todo o apoio, pela paciência e pelo amor prestados durante o período de construção deste projeto.

Agradeço a todos os professores, do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Jaguelónia de Cracóvia, pelo carinho e atenção prestados durante a minha estadia na Polónia, em especial à Professora Isabel Fraústo por me ter deixado aplicar os questionários aos alunos das suas turmas e por toda a ajuda e sugestões.

Agradeço a todos os meus companheiros do apartamento da Józef Piłsudski 28/3 pelas palavras de incentivo e motivação e pela forma calorosa como me acolheram, em particular à Lucía Sanfeliu, à Inés Abad Cortés, à Vanessa Scholaske, ao Riccardo Zucchi e ao Tristan Metz pelo vosso precioso apreço e pela vossa amizade.

Agradeço a todas as minhas colegas de mestrado pelo companheirismo partilhado durante o primeiro ano.

Agradeço ainda a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão desta dissertação.

A todos vós, Muito Obrigada!

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo central o estudo do modo como se processa e consolida a aquisição/aprendizagem da voz passiva em português como língua estrangeira (PLE) por aprendentes polacos de diferentes níveis de proficiência. Para tal, partiu-se da análise de respostas dadas por estes a questionários que testaram os contextos verbais e argumentais que admitem diátese passiva em português e os verbos auxiliares que aí são usados.

O objetivo específico deste trabalho é apurar, tendo em conta as regras de construção e uso da voz passiva em português, i) quais os comportamentos linguísticos e metalinguísticos dos aprendentes polacos no domínio das estruturas passivas em português; ii) quais as características sintáticas e semânticas dos núcleos verbais passivos em português que suscitam maiores dificuldades aos aprendentes polacos; iii) se essas dificuldades são resultado de fenómenos de transferência ou decorrem da complexidade intrínseca desta estrutura.

Deste modo, partindo da definição de conceito de *interlíngua* proposto por Larry Selinker (1972) e das características da voz passiva em português descritas nos trabalhos de Duarte & Oliveira (2010) e Duarte (2003; 2013), procedemos à análise detalhada das respostas aos estímulos presentes nos questionários preenchidos por aprendentes polacos que, entre outubro de 2018 e junho de 2019, aprendiam português na Universidade Jaguelónia, de Cracóvia, e por um grupo de controlo, constituído por falantes nativos que em maio de 2019 frequentavam o ensino universitário.

Assim, as correlações estabelecidas entre os tipos de respostas obtidas nos questionários e o nível de proficiência dos aprendentes polacos permitem concluir que i) em todos os níveis de proficiência analisados foram encontradas respostas desviantes relativamente à língua alvo (LA); ii) os aprendentes polacos mostram dificuldade em reconhecer que frases ativas com *verbos transitivos estativos* não admitem diátese passiva; iii) observa-se uma tendência para aceitar a expressão do agente da passiva em frases passivas adjetivais resultativas. A observação dos dados obtidos junto dos informantes nativos permite ainda avançar com a hipótese de que muitos dos problemas identificados se correlacionam com as complexidades inerente à voz passiva.

Palavras-Chaves: voz passiva; português como língua estrangeira; aquisição/aprendizagem de língua não materna; aprendentes com LM polaca; interlíngua

ABSTRACT

This research has as its main aim the perception of how the acquisition/learning of passive voice in Portuguese as a foreign language (PFL) by Polish learners of different levels of proficiency is consolidated, based on answers given by them to questionnaires that have verbal and argumental contexts that admit passive diathesis and the choice of passive auxiliary verbs of Portuguese in different situations.

The specific aims of this work is to determine, taking into account the rules of construction and use of passive voice in Portuguese, i) what are the linguistic and metalinguistic behaviors of Polish learners in the domain of passive structures in Portuguese; ii) which are the syntactic and semantic characteristics of passive verbal nuclei in Portuguese that cause difficulties for Polish learners; iii) whether these difficulties result from transfer phenomena or come from the intrinsic complexity of this structure.

Starting from the definition of interlanguage concept proposed by Larry Selinker (1972) and the characteristics of the passive voice in Portuguese according to the proposals and works of Duarte & Oliveira (2010) and Duarte (2003; 2013), we carried out the analysis of the answers to the stimuli present in the questionnaires that were filled by Polish learners who between October 2018 and June 2019 learned Portuguese at the Jagiellonian University of Krakow and a control group, made up of native speakers who in May 2019 attended the Portuguese higher education system.

The correlations established between the types of answers obtained in the questionnaires and the level of proficiency of Polish learners allow us to conclude that i) at all levels of proficiency analyzed deviant answers were found in relation to the target language (TL); ii) Polish learners find it difficult to recognize that sentences with transitive stative verbs do not allow passive diathesis; iii) there is a tendency to accept the expression of the passive agent in resultative passive. Observing the data obtained from native speakers also allows us to advance the hypothesis that many of the identified problems correlate with the complexities inherent in passive voice.

Keywords: passive voice; Portuguese as a foreign language; Non-native language acquisition/learning; Polish learners; interlanguage

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	3
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
CAPÍTULO 1	4
A ESTRUTURA PASSIVA EM PORTUGUÊS	4
1.1 INTRODUÇÃO	4
1.2. A PASSIVA EVENTIVA	6
1.2.1 A ESTRUTURA DA PASSIVA EVENTIVA	6
1.2.2 O VERBO <i>SER</i> ENQUANTO AUXILIAR DA PASSIVA EVENTIVA	7
1.2.3 O AGENTE DA PASSIVA	8
1.3 A PASSIVA ADJETIVAL	9
1.3.1 PASSIVA ADJETIVAL RESULTATIVA E PASSIVA ADJETIVAL ESTATIVA	10
1.3.2 A PASSIVA ADJETIVAL RESULTATIVA E O VERBO AUXILIAR PASSIVO <i>FICAR</i>	12
1.3.3 A PASSIVA ADJETIVAL ESTATIVA E O VERBO AUXILIAR PASSIVO <i>ESTAR</i>	13
1.3.4 O AGENTE DA PASSIVA	14
CAPÍTULO 2	16
A ESTRUTURA PASSIVA EM POLACO	16
2.1 INTRODUÇÃO	16
2.2 O ASPETO VERBAL NA LÍNGUA POLACA	16
2.3 A CONSTRUÇÃO PASSIVA TÍPICA DO POLACO	18
2.3.1 CARATERÍSTICAS GERAIS DA CONSTRUÇÃO PASSIVA DO POLACO	19
2.3.2 AS PASSIVAS EVENTIVAS, RESULTATIVAS E ESTATIVAS DA LÍNGUA POLACA.....	21
CAPÍTULO 3	25
AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE LNM	25
3.1 INTRODUÇÃO	25
3.2 AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA E DE LNM	26
3.3 TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA E INTERLÍNGUA	27
3.4 A AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA EM LNM	29
3.5 A AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM EM LM E LNM DA VOZ PASSIVA	30
PARTE II	33
TRABALHO EMPÍRICO	33
CAPÍTULO 4	34
METODOLOGIA.....	34
4.1 INTRODUÇÃO	34
4.2 RECOLHA DOS DADOS E CONSTITUIÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	34
4.2.1 OS INFORMANTES	34
4.2.2 O(S) QUESTIONÁRIO(S)	35
4.2.3. OS DADOS	38
4.3 REGISTO E TRATAMENTO DOS DADOS	39

CAPÍTULO 5	47
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	47
5.1 INTRODUÇÃO.....	47
5.2 APRENDENTES POLACOS.....	47
5.2.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PARTE I DOS QUESTIONÁRIOS (A) E (B)	47
5.2.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PARTE II DOS QUESTIONÁRIOS (A) E (B)	54
5.2.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PARTE III DOS QUESTIONÁRIOS (A) E (B)	61
5.3 OS DADOS DOS FALANTES NATIVOS: CONFRONTO COM OS DADOS DOS APRENDENTES POLACOS DE PLE	65
5.3.1 DADOS DOS FALANTES NATIVOS.....	66
5.3.1 APRENDENTES POLACOS E FALANTES NATIVOS.....	70
CONCLUSÕES.....	71
BIBLIOGRAFIA.....	75
ANEXOS.....	78

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1.1 - CARATERIZAÇÃO DA PASSIVA EVENTIVA, ADJETIVAL RESULTATIVA E ADJETIVAL ESTATIVA.	11
TABELA 2.1 - EXEMPLOS DE FRASES PASSIVAS EM POLACO ORGANIZADAS POR ASPETO E TEMPOS VERBAIS.....	20
TABELA 2.2 - EXEMPLOS DE FRASES PASSIVAS EVENTIVAS E ADJETIVAS EM POLACO.	21
TABELA 2.3 - EXEMPLOS DE FRASES PASSIVAS ADJETIVAS RESULTATIVAS E ADJETIVAS ESTATIVAS EM POLACO.	22
TABELA 2.4 - EXEMPLOS DE FRASES PASSIVAS ADJETIVAS RESULTATIVAS E ADJETIVAS ESTATIVAS EM POLACO COM MODIFICADORES DE LUGAR.	23
TABELA 2.5 - EXEMPLOS DE FRASES PASSIVAS ADJETIVAS RESULTATIVAS E ADJETIVAS ESTATIVAS EM POLACO COM A COMPONENTE AGENTIVA.....	24
TABELA 3.1- DOMÍNIO DA VOZ PASSIVA AO LONGO DOS NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA DO QECR.	30
TABELA 4.1- NÚMERO DE INFORMANTES / QUESTIONÁRIOS POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	35
TABELA 4.2 - APRENDENTES POLACOS - NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS / INFORMANTES E DE RESPOSTAS POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	38
TABELA 4.3 - FALANTES NATIVOS - NÚMERO DE QUESTIONÁRIOS / INFORMANTES E DE RESPOSTAS.	39
TABELA 4.4 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PARTE I DOS QUESTIONÁRIOS A E B - AMOSTRA.	40
TABELA 4.5 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PARTE II DOS QUESTIONÁRIOS A E B - AMOSTRA.	41
TABELA 4.6 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PARTE III DOS QUESTIONÁRIOS A E B - AMOSTRA.	41
TABELA 4.7 - TIPOS DE RESPOSTAS REGISTRADAS E ENCONTRADAS NOS QUESTIONÁRIOS A E B.	43
TABELA 4.8 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PARTE I DO QUESTIONÁRIO C - AMOSTRA.	44
TABELA 4.9 - ORGANIZAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS NA PARTE II DO QUESTIONÁRIO C - AMOSTRA.	45
TABELA 5.1 - PARTE I: NÚMERO DE RESPOSTAS TOTAIS E DE NR/RI POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	47
TABELA 5.2 - PARTE I: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS E DESVIOS DE TR POR TIPO DE VERBO.....	50
TABELA 5.3 - PARTE I: PERCENTAGEM DA TR DIVERGENTE POR TIPO DE VERBO E NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	51
TABELA 5.4 - PARTE I: NÚMERO DE TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO PARA AS NTR CONVERGENTES.....	52
TABELA 5.5 - PARTE II: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS E DESVIOS DE JUÍZOS N. CORR POR TIPO DE VERBO.....	56
TABELA 5.6 - PARTE II: PERCENTAGEM DE JUÍZOS N. CORR. POR TIPO DE VERBOS E NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	57
TABELA 5.7 - PARTE II: NÚMERO DE TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO PARA OS JUÍZOS CORR DE FRASES PASSIVAS INCORRETAS.....	59
TABELA 5.8 - NATIVOS: NÚMERO DE OCORRÊNCIAS E DESVIOS EM JUÍZOS N. CORR POR TIPO DE VERBO.	67
TABELA 5.9 - NATIVOS: JUSTIFICAÇÕES PARA OS JUÍZOS CORR DE FRASES PASSIVAS INCORRETAS.....	68

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 5.1 - PARTE I: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL GLOBAL DE TR E NTR CONVERGENTE E DIVERGENTE.	48
GRÁFICO 5.2 - PARTE I: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE NTR CONVERGENTE E DIVERGENTE POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	49
GRÁFICO 5.3 - PARTE I: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL TR CONVERGENTE E DIVERGENTE POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	49
GRÁFICO 5.4 - PARTE I: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO - NÍVEL INICIAL.	54
GRÁFICO 5.5 - PARTE I: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO - NÍVEL INTERMÉDIO.	54
GRÁFICO 5.6 - PARTE I: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO - NÍVEL AVANÇADO.	54
GRÁFICO 5.7 - PARTE II: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL GLOBAL DE JUÍZOS DE GRAMATICALIDADE (CORR. E N. CORR.) DOS APRENDENTES POLACOS.	55
GRÁFICO 5.8 - PARTE II: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE JUÍZOS DE GRAMATICALIDADE CORR E N. CORR PELOS TRÊS NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA.	55
GRÁFICO 5.9 - PARTE II: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO - NÍVEL INICIAL.	60
GRÁFICO 5.10 - PARTE II: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO - NÍVEL INTERMÉDIO.	60
GRÁFICO 5.11 - PARTE II: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE JUSTIFICAÇÃO - NÍVEL AVANÇADO.	60
GRÁFICO 5.12 - PARTE III: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE RESPOSTAS CORRETAS E INCORRETAS EM FRASES QUE ADMITEM UMA OPÇÃO.	62
GRÁFICO 5.13 - PARTE III: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE RESPOSTAS EM FRASES QUE ADMITEM AS DUAS OPÇÕES.	62
GRÁFICO 5.14 - PARTE III: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE FRASES QUE ADMITEM UMA OPÇÃO POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	63
GRÁFICO 5.15 - PARTE III: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE FRASES QUE ADMITEM AS DUAS OPÇÕES POR NÍVEL DE PROFICIÊNCIA.	65
GRÁFICO 5.16 - NATIVOS: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL GLOBAL DE JUÍZOS DE GRAMATICALIDADE (CORR., N. CORR. E NS).	66
GRÁFICO 5.17 - NATIVOS: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE RESPOSTAS CORRETAS E INCORRETAS EM FRASES QUE ADMITEM UMA OPÇÃO.	69
GRÁFICO 5.18 - NATIVOS: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE RESPOSTAS EM FRASES QUE ADMITEM AS DUAS OPÇÕES.	69

LISTA DE ABREVIATURAS

LNM - Língua não materna

LM - Língua materna

PLE - Português como Língua Estrangeira

SN - Sintagmas Nominais

SP - Sintagmas Preposicionais

IPFV - Aspeto Imperfetivo

PFV - Aspeto Perfetivo

SG - Singular

PL - Plural

NOM - Caso Nominativo

ACC - Caso Acusativo

DEM - Determinante Demonstrativo

GU - Gramática Universal

MCP - Memória de curto prazo

MLP - Memória de longo prazo

LA - Língua Alvo

QEQR - Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas

RCPLE - Referencial Camões para o Ensino de Português como Língua Estrangeira

TR - Transformação da frase ativa em frase passiva

NTR - Não transformação da frase ativa em frase passiva

CORR - Juízo de gramaticalidade correto

N. CORR - Juízo de gramaticalidade não correto

V - Opção de justificação *tipo de verbo*

SU - Opção de justificação *tipo de sujeito*

COMP - Opção de justificação *tipo de complemento*

TV - Opção de justificação *tempo verbal*

NS - Opção de justificação *não sei*

NV - Opção de justificação *nenhum das justificações anteriores é válida.*

INTRODUÇÃO

Na presente dissertação apresentamos um trabalho de investigação sobre a aquisição/aprendizagem da voz passiva por aprendentes que têm o polaco como língua materna (LM). O estudo apresentado tem por base a análise de dados recolhidos a partir de respostas a questionários concebidos para testar diferentes situações verbais e argumentais que podem ou não admitir diátese passiva, considerando a distinção de três tipos de construções passivas (eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas) associada à seleção dos verbos auxiliares passivos do português (*ser*, *ficar* e *estar*). Os questionários que serviram como suporte de recolha de dados foram aplicados a aprendentes polacos de português como língua estrangeira (PLE) em contexto instrucional e de não imersão e a falantes nativos estudantes universitários.

A escolha desta temática decorre, sobretudo, do facto da voz passiva ser uma construção gramatical que, quer no contexto de aprendizagem da LM (Estrela, 2013), quer no contexto de aquisição/aprendizagem de língua não materna (LNM) (Franciotti, 2016), se apresenta como uma área crítica. Além disso, como se assinalará nesta dissertação, apesar de o português e o polaco possuírem os mesmos tipos de frases passivas e praticamente as mesmas regras na construção dessa estrutura, pequenas, mas significativas, particularidades afastam os dois idiomas. Consequentemente, a construção de frases passivas corresponde a um exercício gramatical que nem sempre é acompanhado por um raciocínio sintático e, sobretudo, semântico comum a estas duas línguas.

Deste modo, o objetivo principal do presente trabalho é o de tentar perceber, a partir da análise dos comportamentos linguísticos e metalinguísticos dos aprendentes aos estímulos presentes nos questionários que lhes foram apresentados, como é que se processa a aquisição/aprendizagem da voz passiva em português, nomeadamente das características sintáticas e semânticas dos núcleos verbais, por aprendentes cuja LM é o polaco. Concretamente, pretendemos responder às questões seguintes: i) quais os comportamentos linguísticos e metalinguísticos dos aprendentes polacos no domínio das estruturas passivas em português; ii) quais as características sintáticas e semânticas dos núcleos verbais passivos em português que suscitam maiores dificuldades aos aprendentes polacos; iii) essas dificuldades podem atribuir-se a fenómenos de transferência ou decorrem da complexidade intrínseca desta estrutura.

Para o desenvolvimento desta investigação procedemos à divisão do trabalho em duas partes: na primeira (Capítulos 1, 2 e 3), faremos o enquadramento teórico do tema; na segunda, (Capítulos 4 e 5) apresentamos o trabalho empírico desenvolvido.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos a descrição da voz passiva em português. Para uma abordagem das principais características da estrutura em causa nesta língua seguimos os trabalhos elaborados por Duarte (2003; 2013). Posteriormente, tendo em conta Duarte & Oliveira (2010), que integram aportações dos estudos de Embick (2004), discutiremos a divisão da passiva adjetival.

No segundo capítulo, procedemos à descrição das propriedades e do funcionamento da voz passiva em polaco, começando por abordar as diferenças existentes entre esta língua e o português no que respeita à categoria aspeto, pormenor relevante no domínio da escolha do verbo auxiliar e da forma do verbo pleno nas construções passivas do polaco. De seguida, são apresentadas as características gerais da voz passiva em polaco, segundo Swan (2003) e Kibort (2004). Para finalizar o capítulo, iremos descrever as especificidades das passivas eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas em polaco, de acordo com os trabalhos desenvolvidos por Bondaruk & Rozwadowska (2014; 2018).

No terceiro capítulo, ainda no contexto do enquadramento teórico, apresentamos uma revisão dos principais conceitos ligados à área da aquisição/aprendizagem de LNM, com especial enfoque nos conceitos de *Interlíngua*, *Transferência* e *Competência Gramatical*, de acordo com as linhas teóricas defendidas por autores como L. Selinker (1972) e R. Ellis (1986). Para terminar o capítulo, discutimos a voz passiva como área problemática no contexto da aquisição/aprendizagem de LM e LNM.

Após o enquadramento teórico, descreveremos, no capítulo 4, o perfil dos participantes neste estudo e a metodologia usada na construção e aplicação dos questionários. Neste capítulo, também pretendemos apresentar a tipologia de respostas definida com base nas características da voz passiva em português apresentadas no Capítulo 1 e no tipo de respostas encontradas nos questionários.

Por fim, no capítulo 5, discutiremos os dados apurados, começando por analisar as respostas dos aprendentes polacos às diferentes partes dos questionários. De seguida, apresentamos os dados dos falantes nativos, confrontando-os com os do grupo anterior.

Para terminar, nas *conclusões*, apresentaremos um conjunto de reflexões suscitadas pelos resultados obtidos.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1

A ESTRUTURA PASSIVA EM PORTUGUÊS

1.1 INTRODUÇÃO

A diferença entre frase passiva e frase ativa reside na diátese, isto é, no modo como é perspectivada a situação descrita (cf. (1) e (2)).

(1) A Joana entregou o projeto.

(2) O projeto foi entregue pela Joana.

A frase presente no exemplo (1) é uma frase ativa, em que a situação descrita é perspectivada a partir da entidade com o papel temático de agente, *a Joana*, que desempenha a função sintática de sujeito da frase. Já no exemplo (2), embora a informação objetiva apresentada seja a mesma, é a entidade com o papel temático de paciente, *o projeto*, que desempenha a função sintática de sujeito. Por outro lado, a entidade com o papel temático de agente (*a Joana*) desempenha na frase passiva (2) a função sintática de complemento agente da passiva¹, enquanto que a entidade com o papel de paciente (*o projeto*) assume na frase ativa a função sintática de complemento direto².

Em ambas as frases estão, portanto, presentes os mesmos papéis temáticos, sendo o conteúdo proposicional e o valor de verdade idênticos. No entanto, a hierarquia dos papéis temáticos é diferente, na medida em que, de acordo com Duarte (2013), numa frase ativa, o argumento com papel mais proeminente (agente e/ou experienciador) é, tipicamente, alinhado com a função sintática de sujeito, enquanto que numa frase passiva esse alinhamento pode “ser ignorado para obter uma estrutura temática e informacional diferente” (Duarte, 2013: 431), como o que se observa no exemplo (2), em que o elemento com papel temático de paciente é adotado como ponto de partida da situação descrita.

Em português, nem todas as situações passíveis de serem descritas linguisticamente através de frases ativas podem ser também apresentadas através de frases passivas. Para que tal seja possível, é necessário mas não suficiente que no núcleo verbal da correspondente frase

¹Algumas gramáticas do português, como Mateus *et al.* (2003), denominam esta estrutura de *sintagma por*, uma vez que a estrutura que preenche o espaço sintático é introduzida pela preposição *por*. No entanto, neste trabalho optámos por seguir a tradição gramatical luso-brasileira e designá-la por *agente da passiva*, seguindo assim a nomenclatura de Cunha & Cintra (2005) e Duarte (2013: 438).

²A designação desta estrutura na literatura especializada é variada: *objeto direto* (Duarte, 2003), *argumento interno direto* (Duarte, 2013), *complemento direto* (Cunha & Cintra, 2005). Dada a difusão desta designação, referir-nos-emos a este constituinte como *complemento direto*.

ativa esteja um verbo transitivo³. Peres & Mória (1995: 209) fazem notar que um verbo transitivo, no sentido estrito que interessa para a construção passiva, é um verbo que tem pelo menos um argumento interno que recebe a função semântica de paciente e a função sintática de complemento direto. Além disso, “só podem ocorrer em orações passivas verbos de dois ou três lugares em que o argumento que se realiza como sujeito tem o estatuto de argumento interno direto na entrada lexical do verbo” (Duarte, 2013: 435), ou seja, nas frases passivas em português não são admitidos verbos intransitivos, verbos inacusativos, verbos que selecionam complementos preposicionados e, como veremos adiante, alguns verbos transitivos. As frases ativas que “mais facilmente aceitam uma versão passiva são aquelas em que o sujeito corresponde a um agente e o complemento direto a um paciente ou a um tema” (Gonçalves & Raposo, 2013: 1166).

Existem, em português, várias formas de exprimir a diátese passiva. Uma proposta de tipologia das frases passivas em português (Duarte, 2013: 436 a 446) tem por base a ausência ou presença das componentes agentivas e eventivas das frases e distingue os seguintes tipos de construções: passivas verbais (que muitos autores denominam de *eventivas*), passivas adjetivais resultativas, passivas adjetivais estativas (tendo estas últimas duas categorias “um formato sintático muito próximo” [Duarte, 2013: 443]) e passivas pronominais. Devido à diversidade de propostas, que seguem critérios específicos dos diferentes autores, optamos por adotar, ao longo deste trabalho, as designações passiva eventiva e passiva adjetival, subdividindo esta última categoria em passiva adjetival resultativa e passiva adjetival estativa. Conciliamos, assim, a proposta de Duarte (2013) e a classificação tradicional das orações passivas em duas classes (passivas verbais e passivas adjetivais) (Duarte, 2013: 444). As passivas pronominais não serão objeto deste estudo.

Neste capítulo, propomo-nos descrever a passiva eventiva e os dois tipos de passivas adjetivais. Na secção 1.2 procederemos à descrição de alguns aspetos relacionados com a passiva eventiva, nomeadamente o papel desempenhado pelo auxiliar passivo *ser* e a possibilidade de, neste tipo de passivas, não ocorrer a realização fonética do agente da passiva (isto é, a oposição entre passivas curtas e passivas longas). Na secção 1.3 trataremos a passiva adjetival, distinguindo-a da passiva eventiva, destacando as propostas que defendem a sua subdivisão em passivas adjetivais resultativas e passivas adjetivais estativas.

³Nesta dissertação, optámos por seguir, em relação às classes de verbos, a terminologia da gramática organizada por Raposo *et al.* (2013), considerando como *verbos transitivos* todos os que “selecionam um argumento com a função de complemento direto” (Gonçalves & Raposo 2013: 1195) e como *verbos intransitivos* aqueles que “não selecionam um argumento com a função de complemento direto; podem ou não selecionar outros complementos” (Gonçalves & Raposo 2013: 1195), como acontece, por exemplo, com os *verbos intransitivos indiretos*, que selecionam um argumento com a função de complemento indireto.

1.2. A PASSIVA EVENTIVA

Esta parte do trabalho será dedicada à descrição e caracterização da passiva eventiva. Deste modo, na subsecção 1.2.1 começaremos por descrever esta construção, abordando os seus elementos constituintes e os contextos sintáticos e semânticos em que pode ou não ocorrer. Na subsecção 1.2.2 será tratado o verbo *ser* enquanto auxiliar da passiva eventiva. Por último, na subsecção 1.2.3, abordaremos a questão da presença e ausência do agente da passiva neste tipo de estrutura.

1.2.1 A ESTRUTURA DA PASSIVA EVENTIVA

A passiva eventiva descreve eventos e não estados, ou seja, descreve “tipicamente situações dinâmicas em que uma das entidades envolvidas sofre alguma mudança (...) de estado, lugar ou posse” (Duarte 2013: 437). Este tipo de frases passivas ocorre com um grupo verbal complexo constituído pelo verbo auxiliar *ser* seguido do participípio passado do verbo pleno. Ao contrário do que acontece com os outros tipos de passiva, a passiva eventiva admite a realização do complemento agente da passiva, como ilustra o exemplo (3):

(3) O jornal foi lido pela Maria.

Devido ao facto de as passivas eventivas descreverem eventos e não estados, existem fortes restrições quanto à ocorrência neste tipo de frases passivas de verbos transitivos estativos (Duarte, 2013: 437), como é o caso dos verbos estativos de posse⁴ que têm como exemplo mais significativo o verbo *ter*. No entanto, verbos como *possuir*, *apresentar* e *conhecer*⁵ quando parafraseáveis pelo verbo *ter* também não são admitidos em passivas eventivas. Veja-se os seguintes exemplos:

(4) a.*As botas vermelhas são tidas pela Margarida.

b.*A casa amarela é possuída pelo João.

c.*Muitos erros eram apresentados pelo texto.

d.*Ao longo dos tempos, várias adversidades foram conhecidas pelos povos.

De igual modo, também os verbos estativos de capacidade são excluídos das passivas eventivas, na medida em que “se constroem, em frases transitivas ativas, com um argumento

⁴Estes verbos são considerados transitivos porque selecionam um complemento que pode ser substituído por um pronome clítico acusativo (Gonçalves & Raposo 2013: 1167), provando que esse complemento é direto, como mostra o teste seguinte: *A Margarida tem-nas*. Contudo, o sujeito deste tipo de frases ativas não tem uma natureza agentiva o que as impossibilita de terem versão passiva.

⁵Duarte (2013: 437) faz notar que estes verbos, na sua aceção não estativa, podem ocorrer em passivas eventivas, tal como exemplificam as seguintes frases:

(I) A Raquel foi possuída por um demónio.

(II) O telejornal foi apresentado pelo pivô.

(III) Os resultados das análises foram conhecidos ontem pelo médico.

locativo como sujeito e um argumento tema como complemento direto” (Duarte, 2013: 438). Consideremos os seguintes exemplos:

(5) a. *O dinheiro da Isabel é contido pelo mealheiro. (O mealheiro contém o dinheiro da Isabel.)

b. *Os participantes do evento foram acolhidos pelo palácio presidencial. (O palácio presidencial acolheu os participantes do evento.)

Os “verbos pseudotransitivos estativos que exprimem valores quantitativos de entidades físicas ou abstratas, em escala de peso, medida, altura, etc.” (Duarte, 2013: 438)⁶ também não são admitidos por este tipo de passivas. Trata-se de verbos de dois lugares, como *medir* ou *pesar*, que se constroem com um sujeito com papel de tema (Duarte 2003: 529), como ilustram as frases do exemplo (6):

(6) a. *Sessenta e dois quilos foram pesados pelo Gonçalo aos vinte anos. (cf. O Gonçalo pesava sessenta e dois quilos aos vinte anos)

b. *Dois metros de comprimento são medidos pela cama. (cf. A cama mede dois metros de comprimento)

Quando o verbo pleno da ativa possui duas formas participais, uma regular e outra irregular, é normalmente a forma irregular que ocorre nas orações passivas eventivas, tal como ilustram os exemplos (7):

(7) a. O diploma foi entregue*entregado pelo diretor.

b. Os insetos foram mortos*matados pelo produto tóxico.

1.2.2 O VERBO *SER* ENQUANTO AUXILIAR DA PASSIVA EVENTIVA

No seu uso enquanto verbo copulativo, *ser* ocorre com predicados estáveis, isto é, predicados que caracterizam uma entidade durante um largo período da sua existência, na sua individualidade própria (Raposo, 2013: 1305), como exemplificado em (8):

(8) a. O Rafael é português.

b. A Paula é jovem.

Embora seja possível os indivíduos mudarem as características expressas (neste caso, nacionalidade e juventude), estas são usualmente concebidas como características que contribuem para definir um ser, o que significa que se trata de qualidades estáveis.

No seu uso nas estruturas passivas eventivas, *ser* é considerado o auxiliar da voz passiva, uma vez que tipicamente é a este verbo que cabe a expressão da diátese (Raposo, 2013: 1226).

⁶Cf. Duarte (2013: 438) “As orações pseudotransitivas parecem transitivas, uma vez que se constroem com um sujeito e com um complemento não preposicionado; no entanto, não o são, uma vez que tal complemento não se qualifica como complemento direto, como mostra o facto de não ser substituído por um pronome pessoal acusativo: veja-se, por exemplo, a agramaticalidade de **eu pesava-os no ano passado*, correspondente a *eu pesava 50 kg no ano passado*.”

No entanto, investigadoras como Gonçalves & Colaço (1991) consideram que o verbo *ser*, tanto em frases predicativas como em frases passivas, funciona como verbo copulativo. Os argumentos apresentados para defender esta ideia baseiam-se em algumas semelhanças entre o verbo *ser* nas frases passivas e os verbos copulativos⁷ e no comportamento divergente apresentado por aquele verbo relativamente aos outros verbos auxiliares em construções com tempos compostos.

No entanto, por comodidade e por escassez de propostas que apresentem uma argumentação forte que siga o mesmo sentido do estudo de Gonçalves & Colaço (1991), nesta dissertação consideramos o verbo *ser*, em construções passivas, um verbo auxiliar.

A ocorrência deste verbo como auxiliar das passivas eventivas faz com que estas sejam interpretadas como eventos e não estados (Garavito, 2009: 28), sendo que, quando ocorre como auxiliar e marcador de voz passiva numa estrutura verbal que inclua outro(s) auxiliar(es), este verbo ocupa a última posição da cadeia de auxiliares, selecionando a forma (de participípio) do verbo pleno (Raposo, 2013: 1245), como mostram os exemplos (9):

- (9) a. O Ricardo está a regar o jardim.
- b. O jardim está a ser regado pelo Ricardo.

O núcleo verbal da frase ativa (9a) está preenchido por uma perífrase verbal composta pelo verbo auxiliar *estar* (*a*) seguido do verbo pleno *regar*; na sua alternativa passiva (9b), a perífrase passa a ter a seguinte estrutura: auxiliar *estar* (*a*) + auxiliar passivo *ser* + verbo *regar* no participípio.

1.2.3 O AGENTE DA PASSIVA

Nas passivas, o constituinte com o papel semântico de agente é, em certas situações, opcional, ao contrário do que acontece nas frases ativas, em que esta entidade tem de estar expressa sintaticamente, quer sob a forma de um SN lexical quer sob a forma de um sujeito nulo com referências definidas ou indeterminadas (Duarte, 2003: 524). Deste modo, as frases onde surge foneticamente realizado o agente da passiva designam-se por *passivas eventivas longas* (10a); por contraste, as frases em que o agente da passiva não está realizado foneticamente denominam-se *passivas eventivas curtas* (10b):

- (10) a. No final dos anos 30 do séc. XX, a Polónia foi invadida pelos alemães.
- b. Milhares de judeus foram mortos em campos de extermínio.

Nas orações passivas eventivas longas, o agente da passiva, com certas classes de verbos, pode ser introduzido pela preposição *de*, ao invés da preposição *por*. Isto acontece

⁷É o caso, por exemplo, da “existência de relações de concordância em género e em número entre o sujeito de superfície e o núcleo da predicação” (Gonçalves & Colaço, 1991: 130).

geralmente em passivas eventivas onde ocorrem verbos psicológicos (p.e. *amar*), alguns verbos epistémicos (p.e. *saber*) e verbos que descrevem uma relação entre entidades contínuas no espaço (p.e. *rodear*) (Duarte, 2013: 439), como mostram as frases (11):

(11) a. Se o incidente fosse conhecido de todos, certas coisas deixavam de ser praticadas.

b. A cidade foi rodeada (por\de) soldados inimigos.

Na interpretação das frases passivas curtas, apesar de o agente não estar explícito na frase, “os falantes reconstituem um agente implícito de referência indeterminada. Esta interpretação é possibilitada pelo facto de o argumento externo do verbo estar implícito, o que permite que nelas possam ocorrer expressões adverbiais que pressupõem um agente, como advérbios volitivos de atitude do agente e orações subordinadas finais” (Duarte, 2013: 439), tal como ilustram as frases (12):

(12) a. O livro foi intencionalmente colocado na estante.

b. As estradas foram cortadas para evitar graves acidentes de viação.

Duarte faz ainda notar que “as frases passivas curtas são usadas quando se desconhece a entidade denotada pelo agente da passiva implícito, quando essa entidade é inferível a partir do contexto, quando é identificada no discurso subsequente ou quando se pretende ocultar a sua identidade” (Duarte, 2013: 439). Isto indica que a omissão do agente da passiva nas passivas eventivas não resulta de imposições de ordem sintática, mas poderá antes ser condicionada por aspetos de natureza interpretativa (Duarte 2013: 439).

1.3 A PASSIVA ADJETIVAL

Enquanto as frases passivas eventivas (passivas de *ser*) descrevem especificamente a fase da situação em que ocorre o processo de mudança, as frases passivas adjetivais descrevem uma fase posterior dessa mesma situação, isto é, descrevem a fase que resulta da mudança (de estado, lugar ou posse) operada no paciente afetado. Os verbos auxiliares típicos que se combinam com a forma participial neste tipo de passivas são o verbo *ficar* e o verbo *estar*.

Nesta secção, vamos dedicar-nos à caracterização detalhada deste tipo de passivas. Na subsecção 1.3.1, discutiremos as propostas de divisão da passiva adjetival em resultativa e estativa; na subsecção 1.3.2, faremos a descrição da passiva resultativa construída com o auxiliar⁸ *ficar*; na subsecção 1.3.3, trataremos a passiva estativa construída com o verbo auxiliar

⁸Neste trabalho, optamos por referir os verbos *ficar* e *estar* como auxiliares, replicando assim a procedimento já aplicado relativamente a *ser* na descrição das passivas eventivas. No entanto, estamos conscientes de que há autores, como Duarte (2003), que os caracterizam como verbos copulativos: “sendo a forma participial que ocorre nestas construções um adjetivo, o verbo flexionado que com ela se combina não pode ser um verbo auxiliar, uma vez que esta classe de verbos apenas seleciona constituintes encabeçados por verbos como seus complementos.

estar; e, por fim, na subsecção 1.3.4, iremos tratar a questão relativa à presença do agente da passiva nas passivas adjetivais.

1.3.1 PASSIVA ADJETIVAL RESULTATIVA E PASSIVA ADJETIVAL ESTATIVA

Autores como Cunha & Cintra (1997)⁹, Marques (1998)¹⁰ e Barreiros (1998)¹¹ já davam conta, nos seus trabalhos, da presença de construções passivas com outros verbos auxiliares que não o *ser*. Contudo, a noção de que nas línguas indo-europeias há mais do que dois tipos de frases passivas obtém mais defensores quando em 2004 Embick propõe, para a língua inglesa, a distinção entre participios resultativos e participios estativos nas frases passivas adjetivais.

O principal argumento usado por este investigador para a subdivisão das passivas adjetivais assenta na presença de uma componente eventiva na passiva adjetival resultativa que não surge na passiva adjetival estativa: “English has two types, which are called resultative and simply stative. The former type refers to a state that is the result of a grammatically represented event, while the latter type is a simple state, much like a simple “adjective”” (Embick, 2004: 355).

A adaptação, para o português, da teoria de Embick (2004) foi feita por Duarte & Oliveira (2010) e Duarte (2013), que indicam que, enquanto a passiva adjetival resultativa se caracteriza pela ausência de uma componente agentiva e pela presença de uma componente eventiva, a passiva adjetival estativa caracteriza-se pela ausência tanto da componente agentiva como da componente eventiva (Duarte, 2013: 444). Na tabela seguinte apresentam-se os aspetos que, sumariamente, diferenciam a passiva eventiva, a passiva adjetival resultativa e a passiva adjetival estativa.

Assim, os verbos que ocorrem nas passivas adjetivais são verbos copulativos, pelo que a estrutura sintáctica das passivas adjectivais é idêntica à das frases copulativas” (Duarte, 2003: 535).

⁹ *Apud* Antónia Estrela (2013).

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

	Passiva eventiva	Passiva adjetival resultativa	Passiva adjetival estativa
Verbo auxiliar	<i>Ser</i>	<i>ficar</i>	Hipótese de seleção: <i>ser</i> (com predicados estáveis) <i>estar</i> (com predicados episódicos)
Componente agentiva	Tem	não tem	não tem
Componente eventiva	Tem	tem	não tem

Tabela 1.1 - Caracterização da passiva eventiva, adjetival resultativa e adjetival estativa.

Na tabela 1.1 podemos observar que tanto a passiva eventiva como a passiva adjetival resultativa exibem uma componente eventiva que falta às passivas estativas, pois enquanto a passiva eventiva e a passiva adjetival resultativa descrevem situações dinâmicas, sendo que a eventiva focaliza “a fase do processo de mudança de estado, lugar ou posse” e a adjetival resultativa focaliza “o estado que resulta dessa mudança” (Duarte, 2013: 443), a passiva adjetival estativa, apesar do formato sintático idêntico ao da passiva adjetival resultativa, descreve situações estativas, ou seja, situações não dinâmicas e bem delimitadas temporalmente, tal como mostram as frases do exemplo (16):

- (16) a. O avião foi abatido por mísseis. (passiva eventiva)
 b. O avião ficou destruído em consequência de um ataque. (passiva adjetival resultativa)
 c. O avião está destruído! (passiva adjetival estativa)

Já a componente agentiva apenas caracteriza as passivas eventivas, uma vez que estas são as únicas que podem, em português, ocorrer com o agente da passiva, com advérbios orientados para o agente, sintagmas preposicionais (SP) e ainda podem controlar o sujeito nulo de orações finais, tal como ilustra o contraste entre os exemplos (17) e (18):

- (17) a. O botão do casaco foi cosido pela costureira.
 b. O botão do casaco foi cosido com uma linha preta.
 c. O botão do casaco foi cosido para melhorar o seu aspeto
- (18) a. *O botão do caso ficou cosido pela costureira.

- b.? O botão do casaco ficou cosido com uma linha preta.
 c. *O botão do casaco ficou cosido para melhorar o seu aspeto.

Como podemos verificar, as frases ilustradas em (17) são passivas eventivas; aí podem surgir agente da passiva (17a), orações finais (17c) e/ou SP com valor instrumental (17b), sem que tais elementos alterem a gramaticalidade das frases. No entanto, em (18) tal já não se verifica, visto as frases serem passivas resultativas, sem componente agentiva; a sua combinação com elementos como o agente da passiva (18a), o SP com o valor instrumental (18b) e orações finais (18c), torna-se, assim, geradora de agramaticalidade.

1.3.2 A PASSIVA ADJETIVAL RESULTATIVA E O VERBO AUXILIAR PASSIVO *FICAR*

Como já mencionámos anteriormente, enquanto as frases passivas eventivas descrevem especificamente a fase da situação em que ocorre a mudança, as frases adjetivais resultativas descrevem uma fase posterior da mesma situação, aquela que resulta da mudança de estado, lugar e posse operada no paciente afetado (Duarte, 2013: 440).

Deste modo, podemos dizer que as frases passivas resultativas descrevem situações dinâmicas, perspetivando-as como o resultado de uma mudança de estado, lugar ou posse, como podemos observar em (19):

- (19) a. O dinheiro do homem rico ficou depositado no cofre de alta segurança.
 b. As estradas ficaram cortadas devido ao forte nevão.

Nas passivas resultativas ocorre tipicamente o verbo auxiliar *ficar*. Este verbo, à semelhança do que ocorre com *ficar* como auxiliar aspetual, introduz um valor de continuidade e duração, mas “pode também assinalar uma nova situação, de natureza estável (mas não necessariamente habitual), perspetivando-a como resultado de uma mudança” (Raposo, 2013: 1272, para uma caracterização de *ficar* enquanto auxiliar aspetual), tal como podemos observar no exemplo (20):

- (20) Depois de várias ameaças ao longo dos anos, a cidade ficou destruída.

Recuperando o que se diz em Raposo (2013) para *ficar* como auxiliar aspetual, pensamos poder dizer, relativamente ao uso deste verbo nas construções passivas, que *ficar* “representa uma situação num enquadramento temporal durativo, inferindo-se do seu uso que o novo estado se mantém durante algum tempo. Com predicadores que representam eventos (em vez de estados estáveis [...]), a componente aspetual durativa de *ficar* pode tornar-se mais saliente (especialmente se for realçada com advérbios de duração temporal ou que marcam um limite temporal)” (Raposo, 2013: 1272), como exemplificado em (21):

- (21) A cor vermelha ficou associada ao partido comunista durante várias épocas.

Portanto, a passiva adjetival resultativa assinala não só o estado resultante como ainda a fronteira da passagem a esse estado, admitindo a expressão em x tempo, que “mede o tempo que o processo demora até ser atingido” (Duarte, 2013: 442).

Outra propriedade que singulariza as frases passivas resultativas relativamente às eventivas é o facto de, como já foi referido anteriormente, as primeiras “não admitirem a realização lexical do argumento externo do verbo através de um agente da passiva” (Duarte, 2013: 441). Esta impossibilidade deve-se ao facto de o argumento externo, neste tipo de passivas, não estar implícito, ao contrário do que acontece nas passivas eventivas. Isto significa que as passivas adjetivais resultativas não admitem advérbios que pressupõem o agente, orações subordinadas finais e sintagmas preposicionais de valor instrumental ao contrário das frases passivas eventivas curtas (cf. subsecção anterior, exemplos (17) e (18)).

Em português, há verbos que têm uma forma participial verbal e outra forma participial (irregular) que foi recategorizada como adjetivo. Nas passivas resultativas, nuns casos é possível e em outros é obrigatória a forma recategorizada como adjetivo¹². Vejam-se os dois exemplos seguintes¹³:

(22) O veículo ficou *submergido* \ *submerso* na torrente.

(23) O fuzileiro ficou **cegado* \ *cego* em consequência dos estilhaços da bomba.

Foi este facto que levou muitos autores a considerá-las um subtipo de orações denominadas, na terminologia clássica, passivas adjetivais (Duarte, 2013: 442).

1.3.3 A PASSIVA ADJETIVAL ESTATIVA E O VERBO AUXILIAR PASSIVO ESTAR

Como referimos na secção 1.3.1., a passiva adjetival estativa descreve situações não dinâmicas e temporalmente limitadas, ou seja, descreve “situações estativas cujo significado não contém qualquer componente eventiva relacionada com a mudança de estado” (Duarte, 2013: 443). Este tipo de frase passiva distingue-se das restantes em virtude de a seleção do verbo auxiliar ser sensível ao tipo de predicado; assim, com predicados que denotam propriedades estáveis dos indivíduos, utiliza-se o verbo *ser* como auxiliar, ao passo que com predicados que descrevem propriedades transitórias dos indivíduos, o auxiliar é o verbo *estar* (Duarte, 2013: 443).

¹²Sobre a possibilidade ou obrigatoriedade de o verbo pleno assumir nas passivas adjetivais resultativas a forma recategorizada como adjetivo, cf. Duarte (2013:441): “A generalização descritiva que rege esta alternância parece ser a seguinte: nos casos em que a recategorização do participio irregular como adjetivo foi concluída em época anterior à presente sincronia, é obrigatória a ocorrência da forma recategorizada como adjetivo; nos casos em que a recategorização do participio irregular é um processo ainda em curso, os falantes tanto usam o participio regular como o irregular nas orações passivas resultativas”.

¹³Estes exemplos são de Duarte (2013: 442).

Uma outra diferença que Duarte (2013: 443) aponta para distinguir a passiva adjetival estativa da passiva eventiva e da passiva adjetival resultativa é que enquanto na passiva eventiva é obrigatório “a ocorrência de participios com um estatuto verbal” (cf.(24a)) e na passiva adjetival resultativa, como foi referido na secção anterior, “nuns casos pode e noutros deve ocorrer a forma recategorizada como adjetivo” (cf.(24b)), na passiva adjetival estativa a ocorrência da forma verbal recategorizada como adjetivo é obrigatória (cf.(24c) e (24d))¹⁴:

- (24) a. Este terreno foi *secado* há mais de um século.
b. A aldeia ficou *submergida/submersa* devido à barragem.
c. Este terreno é *seco*/**secado* há mais de um século.
d. Devido à construção da barragem, a aldeia está *submersa*/**submergida*.

O verbo *estar*, no seu uso enquanto auxiliar passivo, não tem valor de processo culminado nem de culminação, uma vez que é um auxiliar aspetual que expressa estado e é tendencialmente durativo e não pontual, o que o torna distinto do auxiliar passivo *ficar* (Estrela, 2013: 37).

Por isso, as frases passivas estativas não admitem expressões télicas, ou seja, não podem ocorrer em frases que descrevem eventos *em x tempo* (Duarte, 2013: 443). Esta impossibilidade é um reflexo da natureza não eventiva, mas atélica deste tipo de construções passivas, tal como ilustra o exemplo seguinte:

- (25) a.*A criança está irritada com o cão em cinco minutos.
b. A criança ficou irritada com o cão em cinco minutos.

1.3.4 O AGENTE DA PASSIVA

Como já se disse, ao contrário do que acontece na passiva eventiva, o argumento externo e a componente agentiva do verbo estão ausentes nas passivas adjetivais resultativas e estativas (cf. tabela 1.1), impossibilitando a expressão do agente da passiva. Deste modo, enquanto as passivas eventivas admitem a ocorrência de advérbios que pressupõem o agente, de orações finais e de SP de valor instrumental, tal não é possível nas passivas adjetivais (Duarte, 2013: 441).

Apesar de a maioria dos trabalhos assumir a inexistência do argumento externo do verbo em frases passivas adjetivais, alguns autores defendem que nem todas as construções passivas adjetivais têm ausente esse constituinte.

Na sua tese de doutoramento, Antónia Estrela (2013) aponta como defensores desta visão alternativa Gehrke & Sánchez-Marco (*Apud* Estrela, 2013), que argumentam que a passiva adjetival contém um argumento externo, mas diferente daquele que encontramos nas

¹⁴Estes exemplos são de Duarte (2013: 443).

passivas eventivas. De acordo com estas autoras, enquanto nas passivas eventivas o agente da passiva assume um caráter concreto, nas passivas adjetivais este complemento tem apenas um caráter genérico e não introduz referências no discurso (Estrela, 2013: 43-44).

Também Antónia Estrela (2013) dá conta da existência de um agente da passiva nas passivas adjetivais em alguns exemplos do *corpus* oral que analisa no seu estudo sobre aquisição da voz passiva em português por parte de crianças falantes nativas. Apesar de a própria admitir que não são numericamente significativos, os exemplos registados comprovam a tese defendida por Gehrke & Sánchez-Marco (*Apud* Estrela, 2013), como ilustram os dois exemplos seguintes atestadas pela investigadora portuguesa¹⁵:

(26)? O espelho ficou partido pela Maria.

(27)? O espelho está partido pela Maria.

No entanto, na sequência da sua investigação, Estrela (2013) verifica que estas produções não são de todo aceites pela maioria dos falantes nativos adultos (Estrela, 2013: 252).

Sintetizando, compreendemos, através desta exposição das características da voz passiva em português, que os tipos de verbos que não admitem diátese passiva são: os verbos intransitivos (incluindo os verbos intransitivos indiretos), verbos inacusativos, verbos que selecionam complementos preposicionados, verbos transitivos estativos e verbos pseudotransitivos. Percebemos também que as diferenças entre frases passivas eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas assentam na ausência ou presença de componentes eventivas e agentivas e nos valores sintáticos e principalmente semânticos que são veiculados pelos seus verbos auxiliares. Tendo em conta o que ficou referido neste capítulo, no próximo, veremos as características da voz passiva na língua polaca.

¹⁵Estes exemplos são de Estrela (2013: 252).

CAPÍTULO 2

A ESTRUTURA PASSIVA EM POLACO

2.1 INTRODUÇÃO

O polaco pertence ao grupo das línguas eslavas, que, por sua vez, fazem parte da família das línguas indo-europeias, sendo definida como uma língua altamente flexionada (as palavras apresentam formas diferentes através da junção ao radical de afixos que exprimem diversas categorias gramaticais) e com uma ordem sintática relativamente livre, embora a dominante seja a SVO (sujeito – verbo – objeto). Como a maioria das línguas da família a que pertence, o polaco apresenta um amplo conjunto de tipos de construção frásica, de que é exemplo a voz passiva. Neste capítulo, o nosso objetivo central é descrever e analisar a estrutura passiva típica/canónica do polaco e compará-la com as estruturas passivas do português apresentadas no capítulo anterior.

O polaco tem um conjunto diversificado de construções gramaticais que podem ser consideradas frases passivas, distinguindo-se habitualmente a construção passiva mais típica de outros tipos de estruturas, designadas por *passive-like* (Kibort, 2004). Em função dos interesses deste trabalho, trataremos unicamente o primeiro tipo de construção.

Deste modo, começaremos por explicar de forma sucinta, na secção 2.2, o modo como funciona a categoria do aspeto nesta língua, na medida em que o aspeto verbal é um fator particularmente relevante na construção passiva do polaco, determinando, por exemplo, a escolha do auxiliar.

Posteriormente, na secção 2.3, iremos descrever e analisar a construção passiva em polaco, orientando a nossa atenção para a sua estrutura formal e para a possibilidade de se aplicar, na análise desta língua, a tripartição em passivas eventivas, estativas e resultativas.

2.2 O ASPETO VERBAL NA LÍNGUA POLACA

A compreensão de uma frase não acarreta apenas a identificação dos elementos essenciais da predicação. Existem outras dimensões do valor semântico da frase que também são processadas na sua interpretação, como é o caso dos valores pertencentes ao aspeto. Esta categoria está presente quer em português, quer em polaco. No sentido de estabelecermos uma comparação entre as duas línguas, começaremos por apresentar, de forma sucinta, considerações globais sobre o seu funcionamento geral e sobre o seu funcionamento no caso concreto do português.

Do ponto de vista teórico, o aspeto diz respeito à “estrutura das situações, possibilitando o estabelecimento de distinções no que diz respeito à sua constituição temporal interna” (Cunha, 2013: 586), ou seja, o aspeto veicula informação sobre a estrutura interna do intervalo de tempo que uma determinada situação ocupa cronologicamente (Lopes & Rio-Torto, 2008: 53).

A informação aspetual de uma frase é transmitida através de duas vias diferentes: uma de natureza lexical e uma outra de cariz gramatical (Cunha, 2013: 587). O aspeto lexical consiste “no perfil temporal interno básico de uma situação” e decorre da interação de informações veiculadas pelo verbo, pelos seus complementos e, excecionalmente, por certas características semânticas do sujeito (Cunha, 2013: 587); ou seja, o aspeto lexical está relacionado com a classificação das situações, tendo em conta as características lexicais das frases, e em particular dos verbos, em estados, eventos e atividades (Lopes & Rio-Torto, 2008: 55). Já o aspeto gramatical consiste nos mecanismos que permitem “modificar a configuração aspetual básica de uma situação, convertendo-a numa outra de tipo diferente” (Cunha, 2013: 607), isto é, o aspeto gramatical está relacionado com um conjunto de elementos linguísticos, especificamente os verbos de operação aspetual, os adjuntos adverbiais temporais e os tempos gramaticais (Cunha, 2013: 608).

O aspeto gramatical, quando se pretende estabelecer a diferença entre uma ocorrência parcial ou total de uma determinada situação, divide-se em dois valores aspetuais fundamentais: aspeto perfeitivo e aspeto imperfetivo. Falamos de imperfetividade quando “a situação é perspectivada a partir do seu interior, no seu decurso, sem que as suas porções inicial e final se encontrem assinaladas” (Cunha, 2013: 617); já a perfeitividade assinala uma situação concluída do ponto de vista exterior (Cunha, 2013: 617).

Em português, por oposição ao polaco, o aspeto gramatical pode surgir na organização verbal do discurso associado à categoria tempo; isto é, como geralmente no verbo não existem recursos formais próprios para a sua expressão, os valores de aspeto são veiculados por morfemas que igualmente carregam valores relativos à categoria tempo. Deste modo, em português, tempos como o presente e o pretérito imperfeito do indicativo veiculam imperfetividade, enquanto que tempos como o pretérito perfeito¹⁶ e o mais-que-perfeito do indicativo estão associados à perfeitividade. Isto significa que, no domínio do verbo, o português, como todas as outras línguas românicas, não dispõe de constituintes próprios para

¹⁶No entanto, e como salienta Cunha (2013: 618), “devemos ter atenção que nem sempre as situações perspectivadas pelo pretérito perfeito podem ser encaradas como estando concluídas: na verdade, uma frase como *o João esteve a escrever uma carta* não implica que a carta foi escrita na totalidade. Nesse sentido, devemos distinguir bem (...) situação concluída, i.e., uma situação que contempla todas as suas fases constitutivas, e situação terminada, i.e., uma situação cujo decurso terminou e que não se prolonga mais no tempo, podendo essa situação não abarcar todas as fases de uma determinada classe aspetual, como no exemplo acima dado. Nesse sentido, assumimos que, no português, o pretérito perfeito exprime preferencialmente o segundo caso (i.e., situação terminada), na medida em que não requer obrigatoriamente a presença de todas as fases constitutivas de uma situação.”

expressar a perfetividade e imperfetividade, independentes de outros valores aspetuais veiculados por elementos externos ao verbo como o complemento direto, os sintagmas preposicionais e o sujeito.

Todavia, em polaco, como nas restantes línguas eslavas, o aspeto “baseia-se no facto de cada verbo, em todas as suas formas temporais e modais, ser perfeito, e/ou imperfeito” (Hlibowicka-Węglarz, 2015: 26). Isto significa que quase todos os verbos do polaco se organizam em duas formas: uma que veicula o valor de perfetividade e a outra um valor de imperfetividade, sendo que o verbo, dependendo da situação descrita pela frase, pode assumir a forma que manifesta ou o valor de imperfetividade ou o valor de perfetividade. (Hlibowicka-Węglarz, 2015: 26).

Esta oposição aspetual é então, em polaco, marcada no léxico, através de processos derivacionais, seja por prefixação (cf. por exemplo, o verbo que significa ‘ler’, que, quando apresenta valor imperfeito, tem a forma *czytać* e, quando apresenta o valor perfeito, a forma *prze czytać*), seja por sufixação (cf. o caso do verbo com o significado de ‘vender’, que assume a forma *wygrać* ou *wygrywać*, apresentando o valor de perfetividade ou imperfetividade, respetivamente). Geralmente, usam-se os verbos na sua forma imperfetiva quando se pretende referir atividades contínuas e na sua forma perfeita para assinalar situações concluídas (Swan, 2003: 576).

Resumidamente, enquanto que em português não se verifica uma correspondência direta entre formas linguísticas e propriedades aspetuais, uma vez que “as mesmas indicações aspetuais podem ser transmitidas por diferentes instrumentos linguísticos” (Cunha, 2013: 587), em polaco cada forma verbal tem marcada, por via de mecanismos linguísticos próprios, informação relativa ao valor aspetual, o que se coaduna com a redução de tempos verbais (Hlibowicka-Węglarz, 2015: 26), pois o polaco moderno tem apenas três tempos gramaticais (um presente, um passado e um futuro).

2.3 A CONSTRUÇÃO PASSIVA TÍPICA DO POLACO

A literatura relativa às construções passivas em polaco refere várias formas de manifestar a diátese passiva. De acordo com a proposta de Kibort (2004), que tem como base critérios de ordem morfossintática, a diátese passiva na língua polaca pode ser expressada através de três tipos de estruturas: a estrutura passiva canónica (passiva eventiva, passiva adjetival resultativa e passiva adjetival estativa), as estruturas passivas impessoais (construções frásicas com o pronome reflexivo *się*, que são equivalentes à passiva pronominal do português, e construções impessoais *-no/-to*) e as estruturas designadas por *passive-like* (construções

impessoais com verbos intransitivos, construções médias, entre outras) (Kibort, 2004: 8). Como referimos na introdução deste capítulo e tendo em conta os objetivos desta dissertação, iremos apenas cingir-nos à descrição da estrutura passiva canónica da língua polaca.

A construção passiva canónica do polaco apresenta características universalmente reconhecidas desta construção e que obedecem aos princípios morfológicos, sintáticos e semânticos das línguas indo-europeias. A sua realização é influenciada por propriedades específicas que uma determinada base verbal apresenta e que incluem a estrutura do argumento e a classe aspetual.

Nesta secção do trabalho, vamos dedicar-nos à descrição desse tipo de estrutura passiva da língua polaca. Na subsecção 2.3.1, faremos a descrição das características gerais da construção passiva do polaco e na subsecção 2.3.2 discutiremos a possibilidade de, também na língua polaca, distinguirmos frases passivas eventivas, resultativas e estativas.

2.3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA CONSTRUÇÃO PASSIVA DO POLACO

Em polaco, tal como na maioria das línguas indo-europeias, a frase passiva é referencialmente equivalente à ativa correspondente. Assim, a maioria das frases passivas em polaco¹⁷ corresponde a frases ativas construídas com verbos transitivos que pedem o caso acusativo e, em algumas situações, o caso genitivo, e apresentando, tal como o português, o auxiliar conjugado seguido do particípio passado do verbo principal que concorda em género e número com o sujeito.

Canonicamente, a frase passiva em polaco é construída ou com o verbo auxiliar *być* ('ser'/'estar') ou com o verbo auxiliar *zostać* ('tornar') (Swan, 2003: 582), sendo que o verbo auxiliar *być* pode ser usado com particípios de verbos tanto nas suas formas imperfetivas como perfetivas e o verbo auxiliar *zostać* apenas ocorre com particípios de verbos nas suas formas perfetivas. Enquanto que as perífrases verbais com o auxiliar *być* podem ocorrer nos três tempos do polaco, isto é, no presente, no passado e no futuro, as passivas com o auxiliar *zostać* apenas podem ocorrer no passado e no futuro (Swan, 2003: 582).

Em polaco, os verbos que na sua forma infinitiva terminam em -ać e ec- ocorrem na sua forma participial com o sufixo -n; os verbos que no infinitivo terminam em -ić, -yć, -c, -ść e -źć têm na sua forma do particípio o sufixo -on; já os verbos que terminam com outras vogais

¹⁷Kibort (2004) defende que, em polaco, é possível acontecer a passivação de predicados intransitivos que produzem estruturalmente uma construção passiva impessoal e que pertence ao grupo de construções designadas por *passive-like*.

seguidas de -é ocorrem no participípio com o sufixo -t (Swan, 2003: 581 e 582).Vejam-se os exemplos¹⁸ da tabela 2.1¹⁹:

	Imperfetivo										
	Voz Ativa					Voz Passiva (być)					
Presente	(28) Jan czyta książkę.	Jan	czyta	książkę.		(31) Książka jest czytana przez Jan.	Książka	jest	czytana	przez	Jan.
	O Jan lê o livro.	Jan	lê - IPFV.3SG	livro. [ACC.SG]		O livro é lido pelo Jan.	livro [NOM.SG]	é\está - 3SG	lido - IPFV.SG	por	Jan.
Passado	(29) Jan czytał książkę.	Jan	czytał	książkę.		(32) Książka była czytana przez Jan.	Książka	była	czytana	przez	Jan.
	O Jan lia o livro.	Jan	lia - IPFV.3SG	livro. [ACC.SG]		O livro era lido pelo Jan.	livro [NOM.SG]	era\estava - 3SG	lido - IPFV.SG	por	Jan.
Futuro	(30) Jan będzie czytał książkę.	Jan	będzie	czytał	książkę.	(33) Książka będzie czytana przez Jan.	Książka	będzie	czytana	przez	Jan.
	O Jan estará lendo o livro.	Jan	será\estará - 3SG	lendo - IPFV	livro. [ACC.SG]	O livro estará lido pelo Jan.	livro [NOM.SG]	será\estará - 3SG	lido - IPFV.SG	por	Jan.
	Perfetivo										
	Voz Ativa					Voz Passiva (zostać)					
Passado	(34) Jan przeczytał książkę.	Jan	przeczytał	książkę.		(36) Książka została przeczytana przez Jan.	Książka	została	przeczytana	przez	Jan.
	O Jan leu o livro.	Jan	leu - PFV.3SG	livro. [ACC.SG]		O livro foi lido pelo Jan.	livro [NOM.SG]	tornou- 3SG	lido - PVF.SG	por	Jan.
Futuro	(35) Jan przeczyta książkę.	Jan	przeczyta	książkę.		(37) Książka zostanie przeczytana przez Jan.	Książka	zostanie	przeczytana	przez	Jan.
	O Jan lerá o livro.	Jan	lerá - PFV.3SG	livro. [ACC.SG]		O livro será lido pelo Jan.	livro [NOM.SG]	tornará - 3SG	lido - PVF.SG	por	Jan.

Tabela 2.1 - Exemplos de frases passivas em polaco organizadas por aspeto e tempos verbais.

Ao observarmos as frases exemplificadas na tabela 2.1, é fácil perceber que o complemento agente da passiva é introduzido pela preposição *przez* (equivalente à preposição *por* em português); já a forma do participípio passivo do verbo *czytać/przeczytać* ('ler') é marcada pelo sufixo -n seguida do último sufixo -a que marca o género neutro (*czytana*).

¹⁸Todas as frases em polaco presentes nos exemplos desta dissertação estão traduzidas de acordo com as regras das glosas de Leipzig (*Leipzig Glossing Rules*). Este método consiste em dez regras para a sintaxe e semântica de glosas interlineares e um apêndice com uma proposta de abreviaturas das categorias gramaticais. Optámos por aplicar estas normas em tabelas, sendo que nas duas primeiras colunas está a frase polaca apresentada como exemplo seguida da sua equivalente em português e nas colunas seguintes a tradução literal de cada palavra da frase.

¹⁹Estes exemplos são de Swan (2003: 583), sendo que, por uma questão de simplificação, a forma imperfetiva do verbo principal surge acompanhada pelo verbo auxiliar *być* e a forma perfetiva pelo verbo *zostać*. No entanto, tal como já referimos no texto principal, o verbo auxiliar *być* tanto pode ser usado com verbos na sua forma imperfetiva como perfetiva.

2.3.2 AS PASSIVAS EVENTIVAS, RESULTATIVAS E ESTATIVAS DA LÍNGUA POLACA

Ao contrário do que acontece em português, no polaco a distinção entre passiva eventiva e passiva adjetival é morfológica e lexicalmente manifestada. Enquanto a passiva eventiva pode ser formada com o auxiliar *zostać* ou com o auxiliar *być* seguido do verbo principal, a passiva adjetival apenas pode ser formada através do auxiliar *być* seguido do verbo principal (Bondaruk & Rozwadowska, 2018: 34).

Em polaco, tal como na maioria das línguas, a passiva eventiva está associada à interpretação da ação, ao passo que a passiva adjetival é usada para expressar propriedades que podem ser atribuídas a objetos animados e inanimados, sendo a forma participial das primeiras recategorizada como um verbo, enquanto que a forma participial das segundas é recategorizada como um adjetivo (Bondaruk & Rozwadowska, 2014: 6). Observem-se as frases exemplificadas na tabela 2.2 ²⁰:

Passiva Eventiva			
(38) Dom jest sprząwany.	Dom	jest	sprząwany.
A casa é limpa.	casa [NOM.SG]	é/está - 3SG	limpa - IPFV.SG
(39) Dom został posprząwany.	Dom	został - 3SG	posprząwany.
A casa é limpa.	casa [NOM.SG]	torna	limpa - PVF.SG
Passiva Adjetival			
(40) Dom jest posprząwany.	Dom	jest	posprząwany.
A casa está limpa.	casa [NOM.SG]	é/está - 3SG	limpa - PVF.SG

Tabela 2.2 - Exemplos de frases passivas eventivas e adjetivais em polaco.

Constatamos através dos exemplos da tabela 2.2 que enquanto a construção passiva eventiva, como ilustram os exemplos (38) e (39), pode ser representada através de duas formas verbais morfológicamente distintas (*być* + participio imperfetivo ou *zostać* + participio perfetivo), as passivas adjetivais apenas podem ocorrer representadas pela forma verbal *być* + participio perfetivo, como mostra a frase (40). Além disso, as passivas eventivas e as passivas adjetivais diferem também na sua interpretação: assim, a frase passiva adjetival estativa exemplificada em (40) é interpretada como fazendo referência ao estado da casa, que neste caso

²⁰Estes exemplos são de Bondaruk & Rozwadowska (2018: 34 e 35).

concreto, consiste em estar limpa, sendo possível a sua mudança; já a passiva eventiva ilustrada em (38) e (39) é interpretada como uma situação que se refere à ação de limpar a casa, reportando assim um evento (Bondaruk & Rozwadowska, 2014: 5).

Como referimos no parágrafo anterior, a construção passiva adjetival admite apenas um tipo de auxiliar. No entanto, e tal como acontece em português, pode subdividir-se em adjetival resultativa e adjetival estativa. A passiva adjetival resultativa, em polaco, refere tipicamente estados irreversíveis, como exemplificado em (41), ao contrário da passiva adjetival estativa, que reporta estados reversíveis e transitórios (Bondaruk & Rozwadowska, 2014: 6), tal como ilustra a frase (42)²¹:

(41) Kontrakt jest podpisany ²² .	Kontrakt	jest	podpisany.
O contrato ficou assinado.	contrato [NOM.SG]	é/está - 3SG	assinado - PVF.SG
(42) Drzwi są zablokowane.	Drzwi	są	zablokowane.
As portas estão bloqueadas.	portas [NOM.PL]	são/estão - 3PL	bloqueadas - PVF.PL

Tabela 2.3 - Exemplos de frases passivas adjetivais resultativas e adjetivais estativas em polaco.

A grande diferença apontada pelos investigadores entre as passivas adjetivais resultativas e as passivas adjetivais estativas no polaco é que, tal como acontece em português, enquanto as primeiras permitem o uso dos mesmos modificadores verbais das passivas eventivas, incluindo modificadores de eventos (ex.: modificadores de lugar), as segundas apenas permitem o uso de modificadores relacionados com o estado dos resultados (ex.: modificadores adjetivais). Vejam-se os seguintes exemplos²³:

²¹ Estes exemplos são de Bondaruk & Rozwadowska (2018: 40).

²² Em polaco não existe um verbo específico que descreve uma situação estável (mas não habitual) e exprima um valor de continuidade e duração como, em português, o faz o verbo *ficar*. Aliás, não há nesta língua um equivalente para este verbo do português. Geralmente, em polaco para descrever situações que em português ocorrem tipicamente com o verbo *ficar*, usa-se o verbo *być* (ser/estar).

²³ Estes exemplos são de Bondaruk & Rozwadowska (2018: 42 e 43).

(43) Ten list był napisany w biurze.	Ten	list	był	napisany	w biurze.
Essa carta ficou escrita no escritório.	Essa [DEM.SG]	carta [NOM.SG]	foi/esteve - 3SG	escrita - PVF.SG	em escritório.
(44) *Opony były wciąż napompowane w garażu.	Opony	były	wciąż	napompowane	w garażu.
*Os pneus ainda estiveram bombados na garagem.	Pneus [NOM.PL]	foram/estiveram - 3PL	ainda	bombados - PVF.PL	em garagem.

Tabela 2.4 - Exemplos de frases passivas adjetivais resultativas e adjetivais estativas em polaco com modificadores de lugar.

No exemplo (43), o modificador de lugar presente no fim da frase modifica o evento que leva ao estado dos resultados. Ao permitir este tipo de modificadores, a frase passiva resultativa apresenta um comportamento idêntico às passivas eventivas. Em polaco, tal como em Português, somente advérbios de lugar, de modo e de tempo são permitidos nas frases passivas resultativas, uma vez que modificam diretamente o estado do resultado de um evento subjacente (Bondaruk & Rozwadowska, 2018: 46). No entanto, as passivas de estado, como a frase exemplificada em (44), são mais restritas quanto ao tipo de modificadores que admitem. Os modificadores adverbiais de lugar, de modo e de tempo são aceites em frases como a do exemplo (43), mas geradores de agramaticalidade em frases estativas como a (44).

Contrariamente ao que acontece em português, a passiva adjetival resultativa em polaco admite a expressão de uma componente agentiva, ou seja, admite a representação do complemento agente da passiva, como mostra a frase do exemplo (45), o que a torna sintaticamente semelhante à passiva eventiva que ocorre com o auxiliar *zostać* (Bondaruk & Rozwadowska, 2018). Contudo, a passiva adjetival estativa não admite, tal como no português, a componente agentiva, como ilustra o exemplo (46)²⁴.

²⁴Estes exemplos são de Bondaruk & Rozwadowska (2018: 42 e 43).

(45) Ten list jest napisany przez Marka.	Ten	list	jest	napisany	przez	Marka.
*Esta carta fica escrita pela Marka.	Esta [DEM.SG]	carta [NOM.SG]	é/está - 3SG	escrita - PVF.SG	por	Marka.
(46) *Opony są napompowane przez Marka.	Opony	są	napompowane	przez	Marka.	
*Os pneus estão bombeados pela Marka.	Pneus [NOM.SG]	são/estão - 3PL	bombeados - PVF.PL	por	Marka.	

Tabela 2.5 - Exemplos de frases passivas adjetivais resultativas e adjetivais estativas em polaco com a componente agentiva.

Em suma, com a explanação das características da voz passiva em polaco feita anteriormente, percebemos que a estrutura passiva do polaco apresenta um funcionamento praticamente igual ao da voz passiva em português. Contudo, inferimos igualmente que em polaco, ao contrário do que se verifica em português, nas passivas eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas o verbo auxiliar é o mesmo (*być*) e que as passivas adjetivais resultativas admitem a presença de uma componente agentiva (isto é, a realização do complemento agente da passiva). Depreendemos ainda que, em polaco, não existe um verbo que equivalha ao verbo *ficar* do português. No próximo capítulo apresentamos uma breve discussão sobre a aquisição/aprendizagem de LNM.

CAPÍTULO 3

AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE LNM

3.1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, têm surgido inúmeros estudos na área da linguística que procuram explicar as diferenças entre os processos de aquisição de línguas maternas e os processos de aquisição/aprendizagem²⁵ de línguas não maternas.

Neste terceiro capítulo, pretendemos esclarecer alguns conceitos desta área de estudo que consideramos relevantes para a nossa análise, na medida em que esta dissertação incide sobre a aquisição/aprendizagem de português como língua não materna.

Assim sendo, na secção seguinte, distinguiremos língua materna (LM) e língua não materna (LNM), realçando a diferença existente entre os processos de aquisição/aprendizagem próprios de cada situação.

Na secção 3.3, apresentaremos os conceitos de transferência linguística e de Interlíngua, referindo os fatores que atuam na construção destes sistemas linguísticos intermédios por parte dos aprendentes de uma LNM.

Na secção 3.4, explicaremos o conceito de competência linguística e os conceitos mais circunscritos de competência gramatical e competência semântica no âmbito da aquisição/aprendizagem de LNM. A abordagem destes aspetos justifica-se na medida em que a estrutura linguística analisada nesta dissertação, a voz passiva, envolve diretamente estas competências.

Por fim, na secção 3.5, iremos analisar sucintamente o processo de aquisição/aprendizagem em LM e em LNM da voz passiva, referindo dados que levam os investigadores a considerar esta uma área problemática.

²⁵Quanto ao processamento de estruturas linguísticas em LNM não existe consenso no seio da comunidade científica sobre o uso dos termos “aquisição” e “aprendizagem”. De um modo sucinto, há quem defenda que a “aquisição” se baseia na apreensão da LNM por via da comunicação ativa (*input*), enquanto o termo “aprendizagem” refere o conhecimento formal que se obtém dessa LNM (Krashen, 1981: 2). No entanto, para muitos investigadores, os argumentos evocados na distinção destes dois conceitos não são claros. Como este assunto não é consensual, e não obstante o facto de os dados empíricos serem recolhidos junto de falantes em situação de aprendizagem formal, nesta dissertação optamos pela expressão “*aquisição/aprendizagem*”, já que assim se abrangem diferentes situações.

3.2 AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA E DE LNM

Língua materna ou língua nativa ou L1 são expressões que se referem ao idioma que constitui o primeiro sistema linguístico, de socialização primária, que a criança adquire em contexto natural de imersão (Gass & Selinker, 2008: 7).

Ao contrário do defendido pelos behavioristas, Noam Chomsky (*apud* Ellis, 1986) defende que a criança inicia o processo de aquisição da LM sem possuir conhecimentos prévios, argumentando que o conhecimento que a criança adquire deriva da *Gramática Universal* (GU) que consiste num conjunto inato de princípios universais que regulam a construção de uma gramática e as possibilidades de aplicá-la a uma certa língua (Ellis, 1986: 43). Deste modo, a teoria chomskyana defende a existência de um dispositivo cognitivo, independente de outros mecanismos, para adquirir sistemas linguísticos (Ellis, 1986: 44).

Lenneberg (*apud* Ellis, 1986: 44), optando por enfatizar os “pré-requisitos” biológicos da linguagem, defende que apenas o *homo sapiens* é capaz de adquirir línguas, uma vez que o cérebro humano está especialmente configurado para o processo de aquisição/aprendizagem de línguas. No entanto, este investigador aponta que esta propensão inata se perde com o avançar da idade, sugerindo uma “*age of resonance*” durante a qual a aquisição de uma determinada língua deriva da herança genética (Ellis, 1986: 44). Após esta fase, Lenneberg considera que há “um bloqueio” na aquisição automática de línguas, sendo que este processo passa a ser feito através de um esforço consciente por parte dos indivíduos (Ellis, 1986: 44).

Na sequência de trabalhos desenvolvidos na área da neurobiologia e dos estudos de Lenneberg, é comum considerar-se que, ao contrário do que acontece com as crianças, um aprendente adulto, considerado tardio, dificilmente consegue adquirir um grau de proficiência numa LNM semelhante à dos falantes nativos (Gass & Selinker, 2008: 405). No entanto, não existe, no seio da comunidade científica, consenso quanto à existência ou limites de um período crítico na aquisição/aprendizagem de LNM, havendo investigadores que consideram que este processo é fortemente condicionado por fatores pessoais como a motivação e os objetivos do aprendente.

Uma diferença significativa entre aquisição da LM e aquisição/aprendizagem de LNM diz respeito à memória. A memória humana está dividida em memória de curto prazo (MCP) e memória de longo prazo (MLP). A MLP divide-se ainda em MLP declarativa e MLP procedimental, sendo que são estes dois subsistemas de MLP os responsáveis por diferentes tarefas de armazenamento e codificação das estruturas linguísticas (Martins, 2008: 105).

A MLP declarativa é responsável pela conceptualização de factos e eventos que podem ser expressos através de palavras, sendo “conscientemente manipuláveis em exercícios de análise, de associação e de estabelecimento de analogias” (Martins, 2008: 106). Já as

representações a cargo da MLP procedimental “configuram uma inteligência prática que diz respeito ao que se sabe fazer sem se dizer como se faz, não sendo passível de manipulação” (Martins, 2008: 106). Isto faz com que este subsistema possa ser mobilizado com extrema rapidez, ao contrário do primeiro.

Nas representações linguísticas relacionadas com a LM, investigadores defendem que o conhecimento linguístico implícito das várias áreas que lhe são associadas envolve a MLP procedimental, recorrendo-se à MLP declarativa também para o processamento do léxico. No entanto, quando a exposição a estruturas linguísticas da LNM acontece numa fase tardia, recorre-se sobretudo à MLP declarativa, o que implica um esforço consciente do processo de aquisição/aprendizagem da LNM.

Em suma, podemos afirmar que o processo de aquisição/aprendizagem de LNM é, pelas razões apontadas, distinto do de aquisição da LM; daí decorrerão diferenças visíveis na qualidade dos enunciados produzidos por falantes de LNM e por falantes nativos. O conceito de *Interlíngua*, que será discutido na próxima secção, dá conta desse facto.

3.3 TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA E INTERLÍNGUA

O conceito de interlíngua tem sido considerado dos mais relevantes na área da aquisição/aprendizagem de LNM e remete para a construção de vários estádios intermédios por parte do aprendente durante o processo de aquisição/aprendizagem da língua alvo (LA).

Diversos investigadores, como Corder (*apud* Ellis, 1986: 47) e Selinker (1972), perceberam que os “erros” cometidos por este tipo de aprendentes têm características próprias e apresentam regularidades que comprovam a existência de um sistema linguístico intermédio. Foi Selinker quem propôs, em 1972, o termo de *interlíngua* para designar os estádios de transição entre a LM e a LA do aprendente. Os sistemas das interlínguas caracterizam-se por uma certa instabilidade e estão em permanente reestruturação, que pode resultar tanto de fatores externos (*input* que o aprendente recebe de outros falantes) como de fatores internos (interferência da LM). De acordo com Rod Ellis (1986), a dinâmica observável na passagem dos diferentes estádios das interlínguas é resultado de pressupostos / hipóteses que os falantes vão colocando em relação ao funcionamento da LA, assim reorganizando a sua gramática.

Selinker (1972: 215) identifica vários processos ou mecanismos que intervêm na construção dos sistemas das interlínguas. Um desses processos é o da *transferência de instrução* e traduz-se por manifestações desviantes em relação à LA atribuíveis a hábitos ou métodos de ensino aos quais o aprendente foi anteriormente exposto. Outro dos processos implicados na construção das interlínguas está relacionado com estratégias de aprendizagem da LA desenvolvidas pelo aprendente, que tende a simplificar o sistema linguístico alvo, por exemplo,

evitando o uso de artigos. A *sobregeneralização* das regras da LA é outro dos processos intervenientes na construção das interlínguas apontados por Selinker (1972) e este mecanismo pode ser visto como um resultado das estratégias de simplificação da LA pelos aprendentes. O resultado de tais sobregeneralizações pode ser observado, sobretudo, nos planos morfológico e morfossintático, por exemplo, através da regularização dos paradigmas flexionais (Selinker, 1972: 214).

Outro processo interveniente na construção das interlínguas e que foi igualmente indicado por este autor diz respeito à *transferência linguística*. Sucintamente, a transferência consiste na presença de informação linguística da LM nas produções da LNM. A transferência de material linguístico entre a LM e a LA pode ser positiva ou negativa, conforme o grau de afinidade estrutural entre estas duas línguas. Por um lado, quando o aprendente integra, nas suas produções, estruturas desviantes relativamente à LA provenientes da LM, ocorre o fenómeno de transferência negativa. Por outro, a transferência positiva ocorre quando a LM por partilhar determinada forma/estrutura com a LA, constitui um fator positivo no processo de aquisição/aprendizagem da LA (Gass & Selinker, 2008:94).

Por fim, quando reconhece que atingiu, de forma satisfatória, os seus objetivos de comunicação na LA, o aprendente pode “estabilizar” determinadas estruturas linguísticas não convergentes com a LA e terminar assim o desenvolvimento da *interlíngua*. Este é, portanto, um dos fenómenos que pode conduzir à *fossilização*.

Segundo Selinker (1972), “fossilizable linguistic phenomena are linguistic items, rules, and subsystems which speakers of a particular NL will tend to keep in their IL relative to a particular TL, no matter what the age of the learner or amount of explanation and instruction he receives in the TL” (Selinker, 1972: 215). De acordo com esta definição, as estruturas fossilizadas são persistentes e resistentes a fatores externos, tais como a instrução formal da LA.

No entanto, e como outros autores, Ellis (1986) considera que as estruturas fossilizadas podem não ser persistentes, já que, por vezes, “the learner may succeed in producing the correct target language form” (Ellis: 1986: 48); de qualquer modo, “when the learner is focused on meaning - especially if the subject matter is difficult - he will 'backslide' towards his true interlanguage norm” (Ellis: 1986: 48). Por outro lado, há também que considerar o facto de a fossilização poder traduzir-se na fixação de uma forma convergente com a LA ou na fixação de uma forma divergente, isto é, num erro ou desvio (Ellis, 1986: 48).

Sendo muito difícil identificar e confirmar empiricamente fenómenos efetivamente fossilizados, uma vez que estes geralmente ocorrem na fase final do processo de

aquisição/aprendizagem da LNM, alguns autores, como White (2003), preferem o termo “estabilização”.

3.4 A AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA EM LNM

Um dos grandes objetivos do ensino de LNM é o desenvolvimento da competência comunicativa, isto é, o desenvolvimento da capacidade que o aprendente tem de se comportar de forma ativa e eficaz numa determinada comunidade linguística através da ativação de várias competências indispensáveis à comunicação. Assim, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referências para as Línguas (QECR), no desenvolvimento desta competência integram-se as competências linguística, sociolinguística e pragmática.

No âmbito deste trabalho, interessa-nos sobretudo a competência linguística, uma vez que nos centramos no processo de aquisição/aprendizagem dos aspetos formais e semânticos associados às construções passivas.

A competência linguística consiste no conhecimento que os aprendentes têm dos recursos formais que uma determinada língua usa para construir enunciados corretos e com significado, isto é, refere-se ao “conhecimento de recursos formais a partir dos quais se podem elaborar e formular mensagens corretas e significativas, bem como a capacidade para os usar” (QECR, 2001: 157).

Mais especificamente, o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade que o aprendente tem de os compreender e usar na construção e produção de frases corretas, ao invés da sua simples memorização e reprodução, é resultado da competência gramatical (QECR, 2001: 161). Esta competência envolve especialmente os domínios da morfologia (relativa à estrutura interna das palavras) e da sintaxe (relativa à organização das palavras nas frases em função da classe gramatical a que pertencem).

Da competência linguística faz parte igualmente a competência semântica, que consiste na “consciência e controlo que o aprendente possui sobre a organização do significado” (QECR, 2001: 165), uma vez que “em qualquer língua natural existe uma combinação entre o significado das palavras e as regras que regem a construção de predicções e dos meios que garantem a sequencialização de enunciados nos planos discursivo” (Lopes & Rio-Torto, 2007: 13). Isto indica que todas as línguas são sustentadas por uma organização da forma e uma organização do significado.

De acordo com a proposta do *Referencial Camões para o Ensino de Português como Língua Estrangeira* (RCPLE) as estruturas que fazem parte da competência linguística e semântica, como é o caso da frase passiva, devem ser abordadas e tratadas sequencialmente ao longo dos níveis de proficiência propostos pelo QECR, de modo “a respeitar os critérios de

progressão necessários ao desenvolvimento da competência comunicativa” (RCPLE, 2017). Na tabela seguinte organizam-se esses dados, apresentando-os sob o formato de descritores ²⁶:

C2	Domina todos os tipos de passiva do português em dificuldade.
CI	Deve ser capaz de dominar todos os tipos de passiva do português
B2	Neste nível, deve dominar a passiva pronominal.
B1	Neste nível, deve demonstrar que domina a passiva eventiva com e sem complemento agente da passiva expresso.
A2	Neste nível, deve dominar a passiva adjetival.
A1	Domina apenas frases ativas simples.

Tabela 3.1- Domínio da voz passiva ao longo dos níveis de proficiência do QECR.

Ao analisarmos a escala representada na tabela 3.1, constatamos que a construção passiva é apenas introduzida após o aprendente possuir um controlo limitado de estruturas gramaticais simples, como frases ativas do género: *O João come a maçã*. Também observamos que a aquisição/aprendizagem dos vários tipos de frases passivas do português integra aspetos progressivamente mais complexos ao longo do processo de instrução formal da LA.

3.5 A AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM EM LM E LNM DA VOZ PASSIVA

A aquisição da voz passiva em LM tem sido um assunto estudado ao longo das últimas décadas por diversos investigadores em várias línguas.

No caso concreto do português, Peres & Mória (1995) dão conta, através da análise de textos jornalísticos produzidos por falantes nativos, de diversos casos de construções passivas desviantes, considerando a norma codificada; estes autores identificam, por exemplo, frases passivas construídas a partir de verbos que não selecionam complementos diretos, como: “*O depoimento do ex-Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general lemos Ferreira, foi prescindido pelo advogado de Correia Cunha*”²⁷, sugerindo a existência de dificuldades com este tipo de construção por parte dos nativos. Também Antónia Estrela (2013) constatou, ao analisar a compreensão de frases passivas por parte de crianças falantes nativas de português europeu, que a aquisição da voz passiva em LM é feita gradualmente e que as crianças revelam dificuldades em interpretar os contrastes existentes entre passivas eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas (Estrela, 2013: 263).

²⁶Cf.: https://www.instituto-camoes.pt/?option=com_content&view=article&id=18549 .

²⁷Este exemplo é de Peres & Mória (1995: 218)

Estrela (2013) esclarece ainda que pesquisas na área da aquisição da voz passiva em LM indicam que as dificuldades sentidas pelos falantes podem ser inerentes à própria construção, apontando vários estudos com diferentes hipóteses explicativas. Pesquisas desenvolvidas por autores como Borer & Wexler (*apud* Estrela, 2013: 98) relacionam as dificuldades registradas com a maturação de competências linguísticas; já outros investigadores, como Fox & Grodzinsky (*apud* Estrela, 2013: 114), julgam que certos problemas advêm do processo de reconhecimento de uma possível hierarquia temática, visto que na voz passiva há uma alteração hierárquica que consiste no alinhamento do complemento direto da correspondente ativa como ponto de partida da situação descrita pela frase. Há ainda estudiosos, como Gordon & Chafetz (*apud* Estrela, 2013: 137), que associam as dificuldades manifestadas pelos falantes nativos no domínio desta estrutura ao conhecimento que provém do *input* não adequado de outros falantes.

Esta investigadora também refere que, no caso concreto do português, alguns autores defendem que as dificuldades demonstradas pelos falantes nativos na aquisição desta estrutura não lhes são exclusivas, sendo transversais a outros nativos relativamente à sua LM (Estrela, 2013: 158). Além disso, investigadores como Sim-Sim (*apud* Estrela, 2013: 155) ou Correia (*apud* Estrela, 2013: 157) defendem que as dificuldades que os falantes nativos apresentam na aquisição de construções passivas resultam de características como a pobreza de *input*, da opcionalidade do agente da passiva e da natureza agentiva do sujeito.

No que toca à aquisição/aprendizagem da voz passiva do português como LNM, os estudos desenvolvidos são ainda escassos. Contudo, investigações desenvolvidas no âmbito da aquisição/aprendizagem da voz passiva em inglês (Marinis, 2007) ou da voz passiva em italiano (Franciotti, 2016) mostram que o processo de aquisição/aprendizagem desta estrutura, à semelhança do que se observa na LM, é realizado gradualmente.

Marinis (2007) constata, através da observação do processamento de construções passivas por parte de crianças que têm o inglês como LM ou LNM, que a aquisição da voz passiva foi realizada por ambos os grupos com recurso aos mesmos mecanismos mentais, mostrando que tanto em LM como em LNM (se bem que numa fase precoce) o processo de aquisição e aprendizagem da estrutura é idêntico. Já Franciotti (2016) demonstra, ao testar a estrutura passiva do italiano em grupos de aprendentes adultos com diferentes LMs e níveis de proficiência e num grupo de controlo composto por falantes nativos, que os aprendentes de LNM atingem um desempenho igual ao dos falantes nativos nos estádios mais avançados do processo de aquisição/aprendizagem da LA. Esta investigadora apurou igualmente que os aprendentes de LNM mais facilmente compreendem a informação veiculada por uma frase passiva do que a produzem espontaneamente, apresentando a tendência para produzir este tipo de construções apenas nos níveis de proficiência mais avançados.

De facto, estudos como os de Marinis (2007) e Franciotti (2016), pelos resultados apurados, demonstram que o processo da aquisição/aprendizagem da voz passiva em LNM tem um padrão bastante semelhante ao da aquisição/aprendizagem desta estrutura em LM sendo que, numa fase mais avançada da aquisição/aprendizagem desta construção, os falantes de LNM podem inclusivamente revelar comportamentos semelhantes aos dos falantes nativos, tanto no domínio da compreensão como no da produção. Por outro lado, a maioria dos estudos referidos nesta subsecção fazem notar que a voz passiva, pelas suas características intrínsecas, é uma área “crítica” do ponto de vista da aquisição, potencialmente mais problemática quando a LA é LNM.

Posto isto, na parte seguinte desta dissertação apresentamos o trabalho empírico desenvolvido no âmbito da aquisição/aprendizagem de voz passiva por parte de aprendentes polacos de PLE.

PARTE II

TRABALHO EMPÍRICO

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

4.1 INTRODUÇÃO

Tendo como objetivo analisar os comportamentos linguísticos e metalinguísticos de aprendentes não nativos de Português com LM polaca no domínio das estruturas passivas, neste capítulo pretendemos apresentar detalhadamente os procedimentos de recolha e de organização dos dados que foram analisados nesta dissertação.

Assim sendo, na secção 4.2 começaremos por apresentar o perfil dos informantes junto dos quais recolhemos os dados (subsecção 4.2.1); de seguida, na subsecção 4.2.2, iremos descrever o processo de construção e o modo de aplicação do instrumento de recolha; na subsecção 4.2.3 será descrita a forma de organização dos dados. Na secção 4.3, iremos descrever o modo como os dados foram tratados e apresentar, fundamentando-a, uma tipologia de respostas que orientará a análise.

4.2 RECOLHA DOS DADOS E CONSTITUIÇÃO DOS *CORPORA*

4.2.1 OS INFORMANTES

A nossa amostra principal é constituída por um total de 78 informantes que têm o polaco como LM e que possuem diferentes níveis de proficiência na língua alvo, isto é, em português. Estes 78 informantes são de ambos os sexos e têm idades compreendidas entre os 19 e os 29 anos, sendo que, no momento da recolha dos dados, se encontravam a estudar português como língua estrangeira (PLE), em contexto formal e de não imersão, na Universidade Jaguelónia de Cracóvia (Polónia).

De acordo com a turma frequentada na ocasião da recolha dos dados e tendo como referência o QECR, distribuímos os informantes pelos seguintes três níveis: (i) nível *inicial*, correspondente aos aprendentes do nível A2²⁸, que estudam português há menos de um ano; (ii) o nível *intermédio*, integrando este grupo os aprendentes dos níveis B1 e B2, que se encontram a aprender português pelo segundo ano; (iii) o nível *avançado*, referente aos informantes dos níveis B2+ e C1, que estudam português há três e quatro anos. Obtivemos, assim, 33 informantes no nível inicial, 25 no nível intermédio e 20 no nível avançado (cf. tabela 4.1).

²⁸ Começámos a nossa análise a partir do nível A2, uma vez que é nesta fase da aquisição e aprendizagem da língua portuguesa que a voz passiva é introduzida nos programas a lecionar.

Nível de Proficiência		Número de informantes/questionários
Inicial	A2	33
Intermédio	B1	25
	B2	
Avançado	B2+	20
	C1	

Tabela 4.1- Número de informantes / questionários por nível de proficiência.

A amostra de nativos (grupo de controlo) é constituída por 30 falantes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos e que, no momento da participação neste estudo, frequentavam o ensino superior em Portugal.

Para assegurar a identificação da autoria das várias partes do questionário e de forma a garantir o anonimato dos participantes, foi atribuído a cada informante polaco um número de ordem composto por três algarismos, tendo sido pedido que o registassem em todas as páginas do questionário. Um número de ordem foi também atribuído aos falantes nativos. Associámos, ainda, a cada participante um código que identifica o *corpus* a que pertence (LMPol / LMPort).

4.2.2 O(S) QUESTIONÁRIO(S)

Para a recolha dos dados foram construídos três questionários (cf. anexos I, II e III), sendo que dois deles (questionários A e B) foram aplicados aos grupos de aprendentes polacos e o outro (questionário C) ao grupo de falantes nativos. Uma vez que todos os participantes neste processo, incluindo os falantes nativos, possuem conhecimentos metalinguísticos adquiridos no ensino secundário e/ou universitário, foi possível recorrer a metalinguagem básica na formulação das instruções.

Os questionários que serviram de estímulo aos aprendentes polacos foram divididos em três partes: uma primeira (parte I), onde foi pedido que os aprendentes transformassem um conjunto de frases ativas em frases passivas e o justificassem, sempre que considerassem impossível a transformação de uma determinada frase; uma segunda (parte II), onde se confrontou os aprendentes com algumas das frases do exercício anterior, agora apresentadas na “forma passiva”, e se pediu que formulassem um juízo de gramaticalidade, justificando sempre que considerassem uma frase gramaticalmente incorreta; uma terceira (parte III), onde se pediu

que os aprendentes selecionassem o verbo auxiliar que considerassem correto na frase apresentada.

Nos exercícios das partes I e II, os verbos plenos (e respetivas estruturas argumentais) foram selecionados em função da sua utilização ser ou não admitida em estruturas passivas. Deste modo, criámos frases que integram os seguintes tipos de verbos:

- (i) verbos transitivos que aceitam passivização (*comer, regar, adorar, pagar, ler, descobrir, odiar e enviar*);
- (ii) verbos que descrevem situações que não são passíveis de apresentação através de frases passivas, como as que têm no seu núcleo verbal:
 - (iia) verbos transitivos estativos²⁹ (*ter, apresentar, conhecer e possuir*³⁰);
 - (iib) verbos “pseudotransitivos estativos” (Duarte, 2013: 438) (*pesar*);
 - (iic) verbos intransitivos indiretos (*obedecer*);
 - (iid) verbos que selecionam complementos preposicionados (*voltar a, gostar de; sair de e cair em*);
 - (iie) verbos intransitivos (*nadar, dormir, cantar e dançar*³¹).

Em todos os grupos de aprendentes polacos selecionados para análise, optámos por aplicar sequencialmente as diferentes partes do questionário, ou seja, cada aprendente só teve acesso à parte seguinte depois de terminar e entregar a parte anterior.

Cada parte do questionário (anexo I) que serviu de estímulo aos aprendentes do nível inicial apresenta a seguinte estrutura:

- i. Na primeira parte apresentaram-se 24 frases na forma ativa, solicitando-se a sua transformação na correspondente passiva. Quando tal operação fosse considerada não possível, solicitava-se a justificação, a selecionar de entre um conjunto de opções [i] *sentido do verbo* (V); ii) *tipo de complemento* (COMP); iii) *tipo de sujeito* (*agente ou não-agente*) (SU); iv) *tempo verbal* (TV); v) *não sei* (NS)]. O principal objetivo deste tipo de exercício foi averiguar se os aprendentes conseguiam identificar (e explicitar)

²⁹Cf. nota 4, capítulo 1, subsecção 1.2.1.

³⁰Como referimos na subsecção 1.2.1 do Capítulo 1, os verbos *apresentar, conhecer e possuir* não admitem passivização quando são “parafraseáveis pelo verbo estativo típico de posse, *ter*” (Duarte 2013: 437); já na sua aceção não estativa podem ocorrer em frases passivas (Duarte 2013: 437). De forma a testar o comportamento dos aprendentes nestas duas situações, criámos frases em que estes se comportam como verbos estativos, o que não permite a sua ocorrência em frases passivas (cf. *O Afonso conheceu muitas dificuldades. / O Adelino possui a casa amarela. / O texto apresentava muita informação.*) e frases em que estes se comportam como não estativos, permitindo a transformação passiva (cf. *Muitos portugueses conhecem a Polónia. / Um demónio possuiu a Raquel. / O conferencista apresentou dados muito relevantes.*).

³¹ Os verbos *cantar e dançar* foram, neste estudo, inseridos no grupo dos verbos intransitivos, uma vez que nas situações em que aparecem nos questionários não seleciona nenhum complemento direto (*A menina/ O galo cantou de madrugada e A Joana dançou a noite toda.*). Não consideramos, portanto, o uso transitivo deste verbo (observado em frases como *O Humberto cantou o fado e A Maria dançou a valsa de Viena.*).

quais os tipos de verbos e estruturas argumentais que admitem transformação passiva em português.

- ii. Na segunda parte, os aprendentes foram confrontados com a “forma passiva” de 20 frases presentes na parte anterior (e de que já não dispunham), tendo-lhes sido pedido que expressassem um juízo de gramaticalidade, ou seja, que identificassem as frases passivas incorretas e o justificassem de acordo com as opções fornecidas, sendo estas opções as mesmas da parte anterior.

Decidimos optar por, neste exercício, excluir algumas frases do exercício anterior cujo constituinte pós-verbal tenha sido introduzido por uma preposição e seja do tipo oblíquo (locativo ou outro), argumental ou não; essas frases foram: (i) *O barco voltou a Angola*; (ii) *A Mariana saiu de casa*; (iii) *A menina cantou de madrugada* e (iv) *A folha caiu no chão*. O principal objetivo do exercício desta parte foi verificar se os aprendentes conseguem identificar, através da leitura de várias frases com estrutura passiva, quais os tipos de verbos e estruturas argumentais que admitem diátese passiva.

- iii. Na terceira e última parte, foi pedido aos aprendentes que, num conjunto de 16 frases passivas, escolhessem a forma correspondente ao verbo *ser* e/ou ao verbo *estar*, rasurando (quando fosse esse o seu juízo) a opção que considerassem errada. O principal objetivo deste exercício foi apurar se os aprendentes são capazes de reconhecer os aspetos e características de cada tipo de frase passiva por via da seleção do verbo auxiliar.

O questionário aplicado como estímulo aos aprendentes dos níveis intermédio e avançado (questionário B) seguiu uma estrutura idêntica à descrita nos parágrafos anteriores. As diferenças entre este questionário e o que foi aplicado aos informantes do nível inicial residem na complexidade do léxico usado, no número de frases do exercício da parte I (26 frases ativas) e da parte II (22 frases na “forma passiva”) e no facto de, no exercício da parte III, se ter acrescentado, a *ser* e *estar*, a possibilidade de opção pelo verbo auxiliar *ficar*³², sendo o número de frases igualmente de 16.

Após as recolhas dos dados relativos aos grupos de informantes com LM polaca, aplicámos o questionário C ao grupo de 30 falantes nativos. Este questionário foi preenchido *online*, via *Google Formulários*, e consistiu em duas tarefas:

- i. Num primeiro momento, os falantes foram confrontados com a mesma série de frases da parte II do questionário B, aplicado aos aprendentes polacos dos níveis

³²Estamos conscientes de que em algumas frases do exercício da parte III [cf. “*Os retratos dos reis foram/estavam colocados na sala principal durante duas semanas*”. (Questionário A)] “*Durante cinco minutos, a linha telefónica ficou/estava interrompida*” (Questionário B)] existem outras variáveis que podem influenciar a escolha do verbo auxiliar correto, como, por exemplo, o tempo em que cada forma verbal se encontra. Todavia, e face à necessidade de circunscrever o escopo desta dissertação, tivemos apenas em conta as variáveis definidas no Capítulo 1.

intermédio e avançado, tendo-lhes sido pedido que formulassem um juízo de gramaticalidade, justificando a opção (em caso de não aceitação) através da seleção de uma das possibilidades fornecidas. O principal objetivo deste exercício foi averiguar o grau de conhecimento (explícito) dos falantes nativos sobre os tipos de verbos e estruturas argumentais que admitem transformação passiva em português.

- ii. A seguir, foi pedido aos falantes que selecionassem o(s) verbo(s) auxiliar(es) adequado(s), escolhendo entre *ser/estar* ou *ser/ficar* ou *estar/ficar*). O principal objetivo desta tarefa era conhecer as suas opções enquanto falantes nativos, para depois fazer o confronto com os comportamentos dos aprendentes polacos.

Optámos, então, por não replicar integralmente, junto dos falantes nativos, o questionário aplicado aos aprendentes com LM polaca devido a questões práticas relacionadas com o seu modo de aplicação. Na verdade, a conveniência de recorrer a respostas por escolha múltipla, relacionada com as opções de funcionamento da ferramenta usada na aplicação do questionário, levou-nos à exclusão da parte que exigia produção escrita.

4.2.3. OS DADOS

Depois da recolha, efetuámos a contagem de todas as respostas dadas aos exercícios de cada uma das três partes dos questionários aplicados aos diferentes grupos em análise, tendo contabilizado 6150 respostas produzidas pelos 78 informantes que constituem a amostra dos aprendentes com LM polaca (cf. tabela 4.2) e 1334 respostas produzidas pelos 30 participantes que formam a amostra dos falantes nativos (cf. tabela 4.3), constituindo-se assim os dados de análise usados no estudo desenvolvido nesta dissertação.

<i>Corpus dos aprendentes com LM Polaca</i>					
Nível	Número de questionários/informantes	Número de Respostas			
		Parte I	Parte II	Parte III	Total
Inicial	33	1107	828	528	2463
Intermédio	25	926	710	390	2026
Avançado	20	757	584	320	1661
Total	78	2790	2122	1238	6150

Tabela 4.2 - Aprendentes polacos - número de questionários / informantes e de respostas por nível de proficiência.

Corpus dos falantes nativos			
Número de questionários/informantes	Número de Respostas		
	Parte I	Parte II	Total
30	871	463	1334

Tabela 4.3 - Falantes nativos - número de questionários / informantes e de respostas.

4.3 REGISTO E TRATAMENTO DOS DADOS

Para o registo, organização e contabilização das informações relativas aos informantes e dos dados quantificados na tabela 4.2, usámos a ferramenta EXCEL, considerando respostas todas as reações escritas aos estímulos dados. Nos casos em que o informante era instado a fornecer mais do que uma resposta relativamente a um mesmo item, cada resultado foi registado numa categoria própria.

Começámos por registar o código de cada participante e a sua idade. Posteriormente, procedemos à organização dos dados linguísticos e metalinguísticos de cada resposta dos aprendentes polacos em função da secção do questionário e das categorias linguísticas relevantes discutidas no capítulo 1 desta dissertação.

Assim, na parte I, para cada frase considerámos:

- i) se o aprendente procede à transformação passiva (TR) ou não (NTR);
- ii) se essa (não) transformação está de acordo com a estrutura gramatical da LA (resposta convergente - Conv.) ou não (resposta divergente - Div.);
- iii) nos casos de não transformação, a natureza da justificação (cf. subsecção 4.2.2).
Apenas registámos e tivemos em conta as justificações apresentadas quando o aprendente efetuava NTR convergentes das frases ativas (isto é, optava, corretamente, por não proceder à transformação).

A tabela seguinte exemplifica isto mesmo:

Resposta 1 b) - <i>A Ana nadou no rio.</i>				
Código de identificação	Idade	Transformação (TR) / Não Transformação (NTR)	Resposta convergente (Conv.) / divergente (Div.)	Justificações (V; COMP; SU; TV; NS)
LMPol.175.Inicial	20	NTR	Conv.	V
LMPol.118.Inicial	21	TR	Div.	-

Tabela 4.4 - Organização dos dados obtidos na Parte I dos questionários A e B - amostra.

Ainda na parte I, considerámos como respostas incompreensíveis (RI) todos os casos em que a resposta era inadequada em função da instrução dada (ex.: transformação da frase “*O João come a maçã*” na estrutura “*Foi o João que comeu a maçã*”). Todos os casos em que se registou ausência de resposta ao estímulo fornecido foram assinalados como não respondidos (NR)³³.

Na parte II, para cada frase tivemos em consideração:

- i) se o aprendente apresenta sobre a frase um juízo de gramaticalidade correto (CORR) ou não (N. CORR), isto é, considera como certas formas passivas que derivam de frases cujos núcleos verbais estão preenchidos por verbos que admitem a diátese passiva e como erradas “formas passivas” incorretas (CORR); considera como certas “formas” passivas agramaticais e como erradas construções passivas certas (N. CORR);
- ii) nos casos em que o aprendente considera acertadamente a “forma” passiva gramaticalmente incorreta, a natureza da justificação (cf. subsecção 4.2.2).

A tabela 4.5 ilustra um exemplo de organização dos dados desta parte:

³³ Devido à natureza dos exercícios do questionário aplicados aos falantes nativos e das restantes partes dos questionários usados como estímulo nos informantes com LM polaca (exercícios de seleção e opção), os casos das respostas incompreensíveis ou não respondidas apenas foram constatados e contabilizados na parte I dos questionários usados nos polacos, uma vez que o exercício exigia a construção/produção de texto. Curiosamente, nas partes II e III não foram encontradas NR.

		Resposta 2 e) – <i>A noite toda foi dançada pela Joana.</i>	
Código de identificação	Idade	Juízo de gramaticalidade CORR / N. CORR	Justificações (V; COMP; SU; TV; NS)
LMPol.200.Intermédio	20	CORR	SU
LMPol.119.Intermédio	21	N. CORR	-

Tabela 4.5 - Organização dos dados obtidos na Parte II dos questionários A e B - amostra.

Na parte III consideramos, para cada resposta:

- i) se o aprendente selecionava a *opção correta* ou a *opção não correta*, nas situações em que apenas um dos verbos auxiliares era admitido;
- ii) se o participante selecionava *um verbo ou os dois verbos* nas situações que admitiam ambos os verbos auxiliares.

A tabela seguinte exemplifica isto mesmo:

Resposta 3 f) (caso em que só um verbo é possível)					
Código de identificação	Idade	Opção correta	Opção não correta	1 verbo	2 verbos
LMPol.180.Avançado	25		x	-	-
LMPol.138.Avançado	22	x		-	-
Resposta 3 p) (caso em que os dois verbos são possíveis)					
LMPol.177.Avançado	25	-	-		x
LMPol.237.Avançado	29	-	-	x	

Tabela 4.6 - Organização dos dados obtidos na parte III dos questionários A e B - Amostra.

Após a organização das respostas de cada parte dos questionários aplicados aos aprendentes polacos pelas categorias próprias, contabilizámos, nos dados obtidos, as TR, as NTR, os juízos de gramaticalidade e as seleções dos verbos auxiliares que estavam ou não de acordo com a gramática da LA (português), elaborando, a partir do tipo de respostas, encontradas uma tipologia de desvios. Deste modo, distinguimos grupos de tipos de respostas não convergentes em função de cada parte dos questionários aplicados aos aprendentes polacos.

Assim, nos dados da Parte I, considerámos como respostas desviantes todas aquelas em que:

- i) o aprendente transforma em frase passiva a frase ativa cujo núcleo verbal é preenchido por verbos que descrevem situações incompatíveis com aquela estrutura (ex.: o aprendente transforma a frase “*A Joana dançou a noite toda*” na estrutura “*A noite toda foi dançada pela Joana*”) – TR divergente;
- ii) o aprendente não transforma a frase ativa cujo núcleo verbal se encontra preenchido por um verbo transitivo que admite passivização (ex.: considera-se não possível a forma passiva da frase “*A maçã é comida pelo João*”) – NTR divergente.

Nos dados da Parte II, considerámos erradas todas as respostas em que: o aprendente faz um juízo de gramaticalidade incorreto (N. CORR) da frase passiva (ex.: considera errada uma frase como “*O jornal era lido pela rapariga*” ou considera certa uma frase desviante do tipo “*A melhor nota da turma foi tida pelo António*”).

Nestas duas partes dos questionários, identificámos ainda justificações selecionadas de forma imprevista e dificilmente compreensível. Assim, na parte I, são dessa natureza os seguintes casos, que consideramos na análise qualitativa, no próximo capítulo:

- i) o aprendente selecionou a opção TV, uma vez que em nenhuma das frases deste exercício o tempo em que os verbos se encontram flexionados é um fator de impossibilidade de TR da frase em passiva;
- ii) o aprendente selecionou a opção COMP em frases que ocorrem com verbos transitivos e que selecionam um complemento direto, mas que não admitem diátese passiva (ex.: NTR a frase “*O texto apresentava muita informação*” devido ao seu COMP)
- iii) o aprendente escolheu a opção SU em frases onde este constituinte tem uma natureza agentiva (ex.: NTR a frase “*A Mariana saiu de casa*” devido ao seu SU).

Na parte II considerámos como justificações pouco aceitáveis:

- i) o aprendente selecionou a opção TV, visto que o tempo em que os verbos se encontram flexionados não é gerador de agramaticalidade de nenhuma das frases do exercício;
- ii) o aprendente escolheu a opção COMP em frases cujo complemento agente da passiva deriva de um sujeito agente (ex.: considera a frase “*A manhã inteira foi dormida pela Rita*” agramatical por causa do seu COMP);

iii) o aprendente selecionou a opção SU em frases em que este constituinte deriva de um complemento direto (ex.: considera como incorreta a frase “*A casa amarela é possuída pelo Adelino*”).

Nos dados da parte III, foram consideradas erradas todas as respostas em que o aprendente seleciona o verbo auxiliar errado (ex.: em “*O espelho foi/estava partido pelo vento*” é escolhido o verbo *estar (estava)* como o auxiliar da frase); quando ambos os verbos são possíveis, distinguiram-se também (i) os casos em que aprendente seleciona apenas um (ex.: em “*Sempre que tentava ligar-te, a linha telefónica era/estava interrompida*” seleciona-se apenas um dos verbos auxiliares) e (ii) os casos em que o informante seleciona os dois auxiliares .

A tabela 4.7 sintetiza os grupos de repostas encontradas nos dados dos informantes com LM polaca organizadas em função das partes dos questionários:

Tipos de repostas	Partes
TR (convergente ou divergente) de frases ativas em frases passivas	Parte I
NTR (convergente ou divergente) de frases ativas	
Justificação das NTR convergentes por tipo de seleção das opções fornecidas	
Juizados de gramaticalidade CORR e N. CORR	Parte II
Justificação dos juizados CORR de “formas passivas” incorretas por tipo de seleção das opções fornecidas	
Seleção de opção (correta ou não correta) em casos que só admitem um dos auxiliares	Parte III
Seleção de 1 verbo ou 2 verbos em casos em que os dois verbos auxiliares são possíveis	

Tabela 4.7 - Tipos de repostas registadas e encontradas nos questionários A e B.

Em relação ao registo das repostas obtidas junto do grupo de controlo (falantes nativos), e à semelhança do procedimento adotado para o tratamento das repostas dos aprendentes polacos, começámos por registar o código de cada participante e a sua idade. De seguida procedemos à organização dos dados linguísticos e metalinguísticos em função da secção do questionário e dos tipos de resposta e categorias linguísticas relevantes descritas no capítulo 1.

Deste modo, para cada resposta da parte I do questionário C, considerámos:

- i) se o participante apresenta sobre a frase um juízo de gramaticalidade correto (CORR.) ou não (N. CORR.), isto é, considerar como certas formas passivas que derivam de frases cujos núcleos verbais estão preenchidos por verbos que admitem a diátese passiva e como erradas “formas passivas” incorretas (CORR.); considerar como certas “formas passivas” agramaticais e como erradas construções passivas certas (N. CORR.);
- ii) nos casos em que o falante considera acertadamente a “forma” passiva gramaticalmente incorreta, a natureza da justificação (*tipo de verbo* (V); *tipo de complemento* (COMP); *tipo de sujeito* (SU); *tempo verbal* (TV) e *nenhuma das justificações apresentadas anteriormente é válida* (NV)). Esta última opção apenas foi fornecida neste questionário.

A exemplificação deste tipo de organização surge na tabela seguinte:

<i>A manhã inteira foi dormida pela Rita.</i>			
Código de identificação	Idade	Juízo de gramaticalidade CORR / N. CORR	Justificações (V; COMP; SU; TV; NV)
LMPort.7	18	CORR	TV
LMPort.8	20	N. CORR	-
LMPort.11	21	NS	

Tabela 4.8 - Organização dos dados obtidos na parte I do questionário C - Amostra.

Na parte II do questionário consideramos, para cada resposta:

- i) se o falante selecionava a *opção correta* ou a *opção não correta*, nas situações em que apenas um dos verbos auxiliares era admitido. Caso o falante selecionasse, nestes casos, a possibilidade de os dois verbos auxiliares serem aceites, era indicado com recurso ao símbolo $x(ambas)$ na coluna da *opção não correta*³⁴;
- ii) se o participante selecionava *um verbo ou os dois verbos* nas situações que admitiam ambos os verbos auxiliares.

A tabela 4.9 exemplifica isto mesmo:

³⁴ Este tipo de respostas foi apenas considerado no grupo dos falantes nativos. Apesar de, inicialmente, ter sido igualmente previsto encontrar casos como este nos dados dos aprendentes polacos, tal acabou por não acontecer.

Frases 1 (um único verbo é possível)					
Código de identificação	Idade	Opção correta	Opção não correta	1 verbo	2 verbos
LMPort.3	21		x (ambas)	-	-
LMPort.4	22	x		-	-
LMPort.5	23		x		
Frases 16 (os dois verbos são possíveis)					
LMPort.20	21	-	-		x
LMPort.30	19	-	-	x	

Tabela 4.9 - Organização dos dados obtidos na parte II do questionário C - Amostra.

Após a organização das respostas dos nativos pelas devidas categorias, elaboramos, tal como já tinha sido feito com os dados das respostas dos aprendentes polacos, uma tipologia de desvios a partir das respostas encontradas neste *corpus*. Assim sendo, distinguimos tipos de respostas não convergentes, considerando as características da voz passiva em português apresentadas no capítulo 1.

Nos dados da Parte I, considerámos como desviantes todas as respostas em que:

- i) o falante faz um tipo juízo de gramaticalidade incorreto N. CORR da frase passiva (ex.: considera errada uma frase como “*A maçã é comida pelo João*” ou considera certa uma frase desviante do tipo “*O general foi obedecido pelos soldados*”);

Ainda nesta parte do questionário, considerámos como justificações imprevistas e dificilmente compreensíveis, todos os casos em que o falante realizou:

- i) a seleção da opção TV, visto que o tempo em que os verbos se encontram flexionados não é gerador de agramaticalidade em nenhuma das frases do exercício;
- ii) a seleção da opção COMP em frases cujo complemento agente da passiva deriva de um sujeito agente (ex.: considera a frase “*O rio foi nadado pela Ana*” agramatical por causa do seu COMP);
- iii) a seleção da opção SU em frases em que este constituinte deriva de um complemento direto (ex.: considera como incorreta a frase “*Muita informação era apresentada pelo texto*”).

Nos dados da parte II, distinguimos os seguintes tipos de resposta:

- i) o falante seleciona o verbo auxiliar certo ou o verbo auxiliar errado (ex.: em “*O jantar fica/está servido em dez minutos*” é escolhido o verbo *estar* (*estava*) como o auxiliar da frase);
- ii) o falante seleciona a opção relativa à aceitabilidade dos dois verbos auxiliares em frases em que só um é aceitável (ex.: em “*O botão do casaco foi/ficou cosido pela costureira*” é selecionada a opção que aceita ambos os verbos auxiliares);
- iii) o falante seleciona apenas um dos auxiliares quando ambos os verbos auxiliares são possíveis (ex.: em “*Sempre que tentava ligar-te, a linha telefónica era/estava interrompida*” seleciona-se apenas um dos verbos auxiliares);
- iv) o falante seleciona a opção de resposta, criada exclusivamente para este questionário, “*nenhuma das frases está correta*”.

Contabilizados e organizados todos os dados recolhidos junto dos dois grupos de informantes e definida as tipologias de respostas, no próximo capítulo deste trabalho iremos proceder à apresentação dos resultados apurados nesta investigação.

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 INTRODUÇÃO

A partir da recolha dos dados empíricos apresentados no capítulo 4, obtivemos, como foi referido nesse mesmo capítulo, 6150 respostas produzidas pelos informantes com LM polaca dos três níveis de proficiência e 1334 respostas produzidas pelos falantes nativos. Neste capítulo, temos como principal objetivo apresentar organizadamente e discutir os resultados obtidos. Assim sendo, começaremos por descrever e analisar, na secção 5.2, os resultados extraídos das respostas dos questionários aplicados aos aprendentes polacos pela seguinte ordem: resultados da parte I dos questionários (subsecção 5.2.1); resultados da parte II (subsecção 5.2.2); resultados da parte III (subsecção 5.2.3).

Por fim, na secção 5.3 apresentaremos os dados recolhidos junto dos falantes nativos, confrontando-os com os dados dos aprendentes polacos discutidos na secção anterior.

5.2 APRENDENTES POLACOS

5.2.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PARTE I DOS QUESTIONÁRIOS (A) E (B)

Na parte I dos questionários, como se referiu atrás, solicitou-se aos aprendentes que transformassem um conjunto de frases ativas na sua correspondente passiva e que, caso considerassem impossível tal transformação, o justificassem através da seleção de uma das opções fornecidas (cf. subsecção 4.2.2, Capítulo 4). No âmbito deste exercício, foram produzidas 2790 repostas de TR, NTR e justificação (cf. tabela 4.2) e registaram-se 42 casos de não resposta ou resposta incompreensível (NR/RI), tendo sido os aprendentes do nível avançado os que mais respostas deste tipo produziram (29 em 757 respostas totais), tal como mostra a tabela 5.1:

	Número de respostas	Número de NR/RI
Nível Inicial	1107	8
Nível Intermédio	926	5
Nível Avançado	757	29

Tabela 5.1 - Parte I: Número de respostas totais e de NR/RI por nível de proficiência.

As informações fornecidas por esta tabela mostram-nos que os aprendentes do último nível (que responderam ao mesmo questionário que os do nível intermédio) têm um comportamento mais propenso a hesitações.

No que toca à TR e NTR convergente e divergente, genericamente, podemos constatar (cf. gráfico 5.1) que, tanto na TR como na NTR, a percentagem de respostas convergentes é muito superior à de respostas divergentes, o que nos faz perceber que, globalmente, os aprendentes polacos dominam e sabem quais os contextos verbais e argumentais que admitem diátese passiva em português.

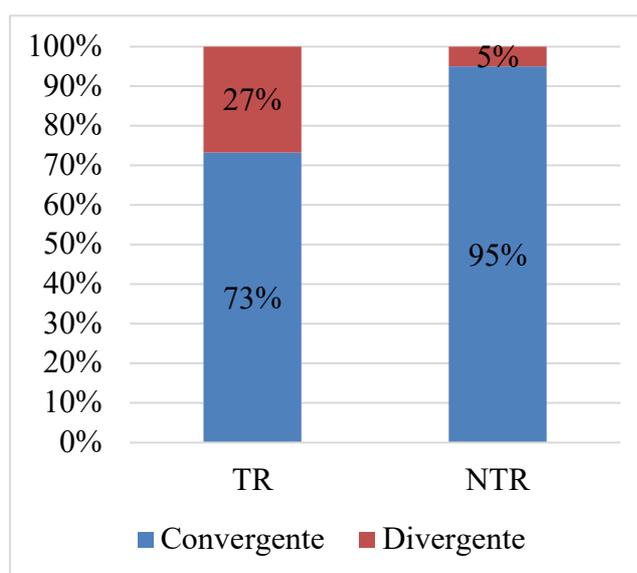


Gráfico 5.1 - Parte I: distribuição percentual global de TR e NTR convergente e divergente.

Podemos ainda observar no gráfico 5.1 que a percentagem de TR divergente (27%) é superior à de NTR indevida (5%), o que nos indica que os aprendentes polacos apresentam uma maior propensão para *transformar* frases que ocorrem com verbos que não admitem a diátese passiva (como é o caso da transformação passiva de frases como “*A Rita dormiu a manhã inteira*” em “*A manhã inteira foi dormida pela Rita*” [LMPol.181.Inicial]) do que para *não transformar* frases ativas que ocorrem com verbos transitivos que admitem a passivização (cf., por exemplo, a não transformação da frase “*O Miguel regava o jardim*” [LMPol.237.Avançado]).

Relativamente à distribuição das TR e NTR convergentes e divergentes pelos três níveis de proficiência, pode ver-se nos gráficos 5.2 e 5.3 que os aprendentes do nível avançado são os que realizam mais NTR desviantes (7%) e que os aprendentes do nível inicial são os que apresentam um maior número (31%) de *transformações* indevidas.

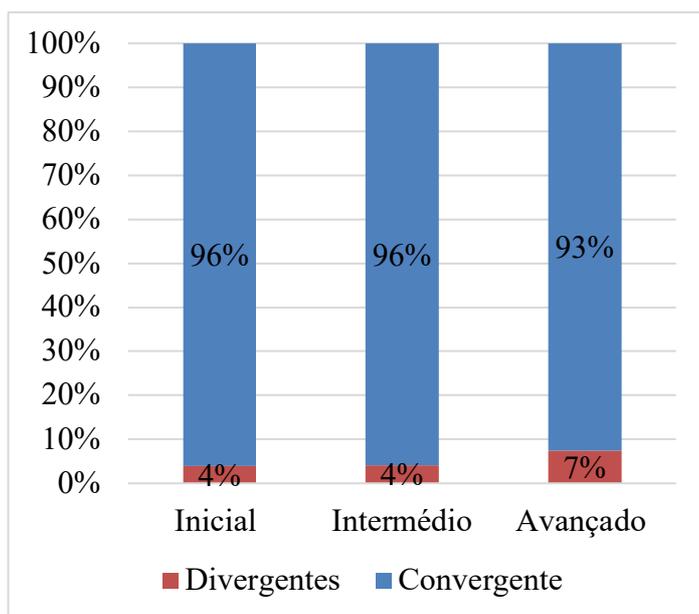


Gráfico 5.2 - Parte I: distribuição percentual de NTR convergente e divergente por nível de proficiência.

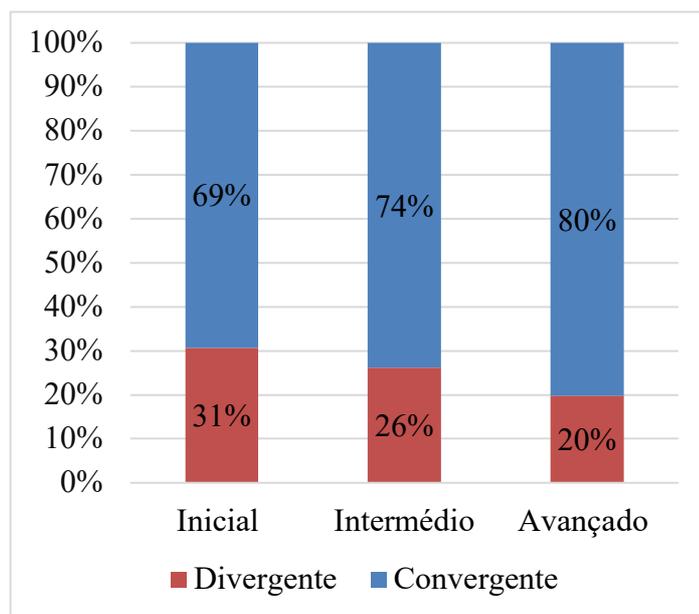


Gráfico 5.3 - Parte I: distribuição percentual TR convergente e divergente por nível de proficiência.

No que concerne à evolução das NTR divergentes ao longo dos níveis de proficiência, notamos ainda (gráfico 5.2) que o aumento percentual se verifica apenas na passagem para o nível avançado, mantendo-se no nível intermédio os 4% de desvios do nível inicial. Estes dados mostram que, contrariamente ao que era expectável, os aprendentes polacos revelam uma dificuldade acrescida nos últimos estádios de desenvolvimento das interlínguas em reconhecer alguns contextos verbais e argumentais que verdadeiramente admitem diátese passiva em português, como pode ficar evidenciado no facto de 20% dos participantes deste nível terem considerado que a frase “*O João come a maçã*” não pode ser transformada em passiva (cf. Anexo V).

Já no que respeita à evolução das TR não convergentes, podemos observar (gráfico 5.3) que a percentagem de respostas desviantes vai diminuindo à medida que avança o nível de proficiência (31% - 26% - 20%), o que demonstra que os aprendentes polacos evoluem positivamente no reconhecimento de estruturas verbo-argumentais que não admitem diátese passiva. Estes dados permitem-nos ainda observar a dinâmica da construção das interlínguas dos aprendentes no processo que antecede o domínio de determinada estrutura gramatical.

Consideremos agora a distribuição destes desvios pelas categorias de verbos contempladas nos exercícios; na tabela 5.2, resumem-se os valores relativos às ocorrências de TR desviantes:

Tipo de Verbo	Número de Respostas	TR desviantes	
		Número	%
Verbos Transitivos Estativos	279	155	56%
Verbos Pseudotransitivos Estativos	78	1	1%
Verbos que Selecionam Complementos Preposicionados	312	25	8%
Verbos Intransitivos	312	35	11%
Verbos Intransitivos Indiretos	156	64	41%

Tabela 5.2 - Parte I: Número de ocorrências e desvios de TR por tipo de verbo.

Observamos que os aprendentes polacos realizaram mais transformações desviantes de frases ativas que ocorrem com *verbos transitivos estativos* (ex. *apresentar, conhecer e possuir*): das 279 respostas aos estímulos fornecidos com este tipo de verbos, 155 correspondem a TR desviante, isto é, 56% das respostas são transformações indevidas de frases que ocorrem com estes verbos em frases passivas (veja-se o caso da transformação da frase “*O texto apresentava muita informação*” em “*Muita informação era apresentada pelo texto*” [LMPol.158.Intermédio]).

Nas frases em que estes verbos surgem na sua aceção transitiva, a maioria dos aprendentes não manifestou problemas, tendo procedido, de forma convergente, à sua transformação passiva, como é o caso de “*O conferencista apresentou dados muito relevantes*” / “*Dados muito relevantes foram apresentados pelo conferencista*” [LMPol.131.Avançado] estes resultados podem estar relacionados com dificuldades na identificação e distinção do esquema sintático-semântico (transitivo ou transitivo estativo) atualizado por este tipo de verbos e respetivos contextos de ocorrência. Uma grande parte dos aprendentes polacos parece assumir que estes verbos, em todas as situações em que é possível a sua ocorrência, são transitivos e ocorrem com sujeitos que correspondem a um agente, não sendo capazes de distinguir estes contextos de contextos em que estes mesmos verbos se apresentam na sua aceção transitiva estativa, associados a sujeitos cuja natureza é não-agentiva, não se admitindo, por isso, diátese passiva.

No que concerne aos *verbos pseudotransitivos estativos*, apenas foi contabilizado um desvio (cf. tabela 5.2) de um informante do nível inicial, o que nos leva a deduzir tratar-se de um problema do aprendente e não do grupo em estudo.

Em relação à distribuição pelos três níveis de proficiência das TR divergentes por tipo de verbo, observe-se a tabela seguinte:

Nível	Tipo de Verbo	Número de Respostas	TR desviante	
			Nº	%
Inicial	Verbos Transitivos Estativos	99	59	60%
	Verbos Pseudotransitivos Estativos	33	1	3%
	Verbos que Seleccionam Complementos Preposicionados	132	19	14%
	Verbos Intransitivos	132	27	20%
	Verbos Intransitivos Indiretos	66	34	52%
Intermédio	Verbos Transitivos Estativos	100	62	62%
	Verbos Pseudotransitivos Estativos	25	0	0%
	Verbos que Seleccionam Complementos Preposicionados	100	4	1%
	Verbos Intransitivos	100	8	2%
	Verbos Intransitivos Indiretos	50	19	10%
Avançado	Verbos Transitivos Estativos	80	34	43%
	Verbos Pseudotransitivos Estativos	20	0	0%
	Verbos que Seleccionam Complementos Preposicionados	80	2	3%
	Verbos Intransitivos	80	0	0%
	Verbos Intransitivos Indiretos	40	11	28%

Tabela 5.3 - Parte I: percentagem da TR divergente por tipo de verbo e nível de proficiência.

Como é possível observar, os aprendentes polacos dos três níveis transformam indevidamente em passiva frases que ocorrem com *verbos transitivos estativos*, *verbos que seleccionam complementos preposicionados* e *verbos intransitivos indiretos*. Aliás, a leitura da tabela 5.3 permite-nos constatar que os desvios relativos a TR divergentes com *verbos transitivos estativos* (60% - 62% - 43%) e *intransitivos indiretos* (52% - 10% - 28%), apesar de diminuírem do nível inicial para o nível avançado, nunca desaparecem, sendo, portanto, muito resistentes, e correndo risco de *fossilização*. Já os casos de TR de frases ativas que ocorrem

com *verbos que seleccionam complementos preposicionados* (14% - 1% - 3%) apresentam valores percentuais residuais a partir do nível intermédio, evidenciando uma melhoria significativa no desempenho destes aprendentes.

Verificamos ainda que a TR desviante de frases com *verbos intransitivos* em frases passivas (como é o caso da transformação passiva de frases como *A Ana nadou no rio: O rio foi nadado pela Ana* [LMPol.146.Inicial]) vai diminuindo na passagem do nível inicial para o intermédio, desaparecendo no nível avançado (20% - 10% - 0%), o que nos mostra claramente uma evolução positiva em relação a este tipo de desvio. Este resultado pode ser explicado pelo facto de a impossibilidade de *transformar* em passivas frases com *verbos intransitivos* ser regra também na língua polaca (cf. Capítulo 2, secção 2.3), o que possibilita transferência positiva da LM para a LA.

Como referimos anteriormente (cf. Capítulo 4), nesta parte dos questionários foi pedido aos aprendentes que justificassem com uma das opções fornecidas (cf. subsecção 4.2) sempre que considerassem impossível *transformar* uma frase em passiva. Na tabela seguinte (tabela 5.4) apresentamos a contabilização das justificações dadas pelos aprendentes polacos por opções seleccionadas para as NTR convergentes:

Opções de justificação seleccionadas pelos aprendentes	Justificações	
	Número	%
V	342	41%
COMP	178	21%
SU	128	15%
TV	46	6%
V/COMP	13	2%
V/SU	1	1%
NS	120	14%
Total	828	100%

Tabela 5.4 - Parte I: Número de tipos de justificação para as NTR convergentes.

Constatamos que os aprendentes polacos recorreram mais vezes à selecção da opção *tipo de verbo* (V) como razão que os levou a considerar impossível *transformar* em passiva algumas frases do exercício (342 em 828 justificações contabilizadas no total). O *tipo de complemento* (COMP) e o *tipo de sujeito* (SU) foram outras das opções seleccionadas por um número significativo de aprendentes, tendo a primeira sido escolhida 178 vezes e a segunda 128 vezes.

O facto de a opção *tipo de verbo* (V) representar 41% do total das justificações contabilizadas nesta tarefa do questionário demonstra que, no geral, os aprendentes polacos foram capazes de perceber que algumas frases do exercício não admitem diátese passiva devido ao verbo que preenche o seu núcleo verbal. Por outro lado, a opção *tipo de complemento* (COMP), que regista 21% das escolhas dos aprendentes relativas às justificações, diz-nos que, em certos casos, alguns aprendentes tenderam a interpretar a impossibilidade de determinada frase não poder sofrer passivização por causa do(s) seu(s) complemento(s) (cf., por exemplo, resposta do informante [LMPol.236.Intermédio], que considera não possível transformar a frase *O galo canta de madrugada* devido ao seu COMP). Contudo, há frases do exercício em que o complemento não é responsável pela impossibilidade da sua transformação, como é o caso daquelas que ocorrem com *verbos transitivos estativos*, e em que esta opção foi seleccionada (cf. por exemplo, NTR da frase *O Adelino possui a casa amarela* devido ao COMP [LMPol.180.Avançado]), o que indica que os aprendentes não foram capazes de entender essas situações do ponto de vista metalinguístico.

Em relação à opção *tipo de sujeito* (SU), cuja percentagem de escolha é de 15%, constatámos que há dois tipos de casos: i) esta opção é seleccionada quando o sujeito da frase tem uma natureza não-agentiva, o que indica que o aprendente realizou um tipo de raciocínio metalinguístico aceitável e que, (por exemplo, considera que a frase *O António teve a melhor nota da turma* não pode ter equivalente passiva devido ao seu SU [LMPol.122.Inicial]); ii) a sua escolha quando o sujeito corresponde a um agente (por exemplo, a resposta do aprendente [LMPol.115.Inicial], que considera impossível transformar a frase “*A Ana nadou no rio*” por causa do seu SU), o que nos leva a inferir que, em situações como a exemplificada, os aprendentes não foram capazes de identificar os constituintes frásicos que impossibilitam algumas frases de sofrerem passivização.

No que toca à distribuição pelos três níveis de proficiência dos tipos de justificações seleccionados, pode ver-se nos gráficos 5.4, 5.5 e 5.6 que os aprendentes dos três níveis de proficiência preferem a opção *tipo de verbo* (V). A opção *não sei* (NS) é, no nível inicial, a segunda resposta mais frequente, o que, em parte, pode ser explicado pelo facto de estes aprendentes terem iniciado a aquisição/aprendizagem da LA há pouco tempo.

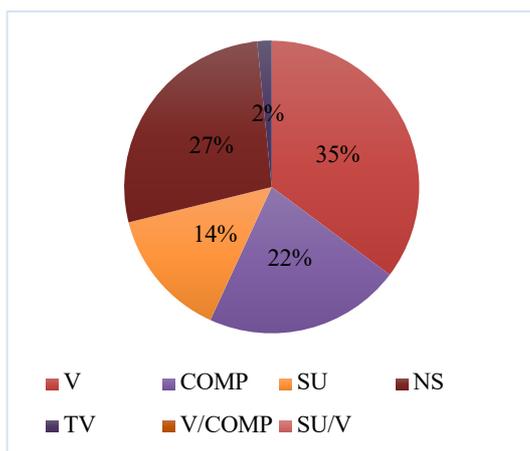


Gráfico 5.4 - Parte I: distribuição percentual dos tipos de justificação - nível inicial.

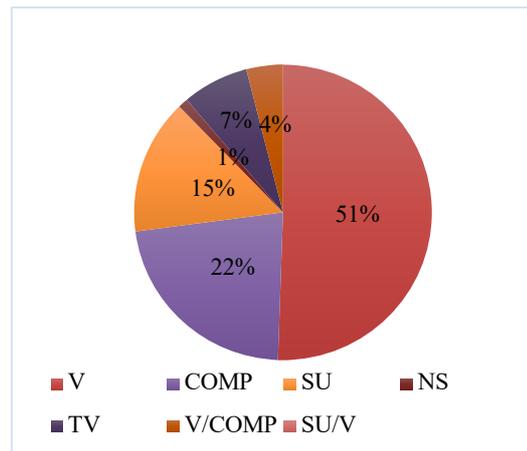


Gráfico 5.5 - Parte I: distribuição percentual dos tipos de justificação - nível intermédio.

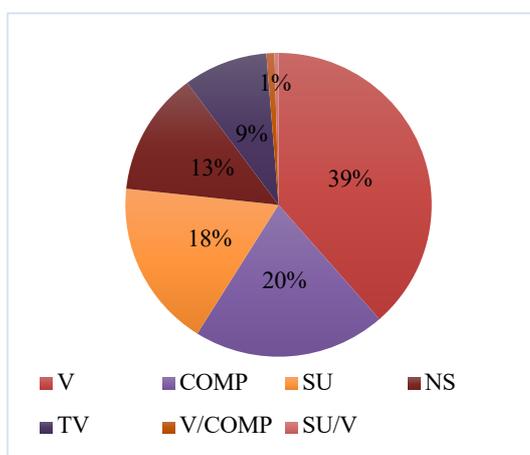


Gráfico 5.6 - Parte I: distribuição percentual dos tipos de justificação - nível avançado.

Observámos ainda que a opção pela justificação V/COMP (ex.: NTR da frase *A Ana nadou no rio* devido ao V e COMP [LMPol.165.Intermédio]) foi apenas feita por aprendentes do nível intermédio e avançado, revelando que a partir de um certo grau de proficiência na LA alguns aprendentes são capazes de interpretar determinadas situações com recurso a um raciocínio metalinguístico direcionado para vários constituintes frásicos.

5.2.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PARTE II DOS QUESTIONÁRIOS (A) e (B)

Na parte II dos questionários, os aprendentes foram confrontados com as equivalentes passivas da maioria das frases da parte I e pediu-se que, para cada uma delas, formulassem um juízo de gramaticalidade, justificando sempre que considerassem uma frase gramaticalmente errada. No total, foram contabilizadas 2122 respostas (cf. tabela 4.2).

De um modo geral, no que concerne aos juízos de gramaticalidade, observámos (cf. gráfico 5.7) que os aprendentes polacos produzem mais juízos de gramaticalidade corretos (CORR.) do que não corretos (N. CORR.), o que nos leva a concluir que, globalmente, tal como já tínhamos constatado na parte I (cf. secção 5.2.1), dominam os contextos verbais e argumentais que admitem passivização em português.

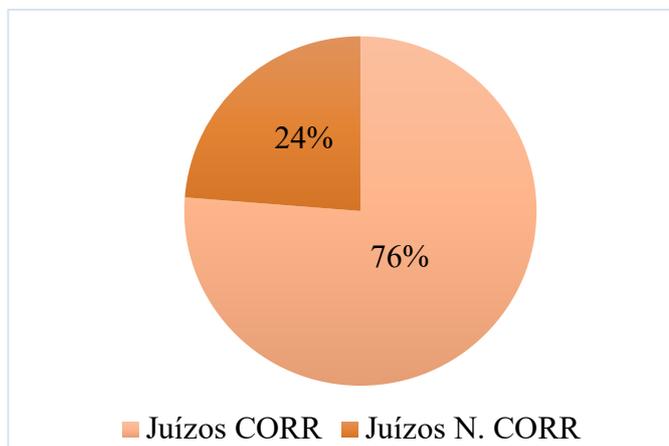


Gráfico 5.7 - Parte II: distribuição percentual global de juízos de gramaticalidade (CORR. e N. CORR.) dos aprendentes polacos.

Em relação à distribuição dos juízos de gramaticalidade CORR. e N. CORR. pelos três níveis de proficiência, verificámos (cf. gráfico 5.8) que os aprendentes do nível intermédio foram os que mais produziram juízos de gramaticalidade CORR. (79%), enquanto que os aprendentes do nível inicial foram os que produziram mais juízos de gramaticalidade N. CORR. (27%). A título de exemplo, recupera-se aqui o caso de um aprendente, [LMPol.185.Inicial], que considerou gramaticalmente correta a frase *O rio foi nadado pela Ana*.

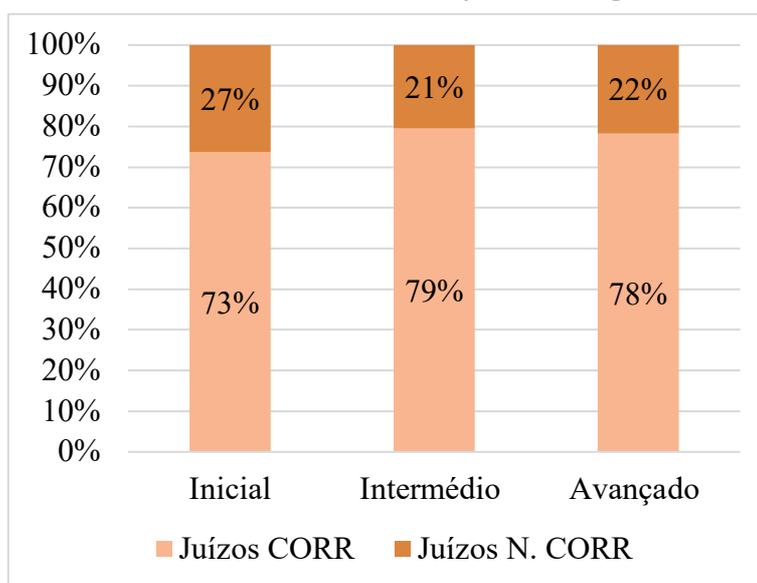


Gráfico 5.8 - Parte II: distribuição percentual de juízos de gramaticalidade CORR e N. CORR pelos três níveis de proficiência.

Apuramos ainda que a percentagem de juízos N. CORR. diminui na passagem do nível inicial para os restantes níveis, mas a transição entre o nível intermédio e o nível avançado evidencia uma evolução menos linear no processamento destas estruturas, relacionada provavelmente com a persistência de algumas dificuldades que este tipo de aprendentes apresenta no domínio dos contextos verbais e argumentais que admitem passivização.

Relativamente ao número de juízos de gramaticalidade N. CORR. contabilizados por tipo de verbo, vejamos a tabela 5.5:

Tipo de Verbo	Número de Respostas	Juízos N. CORR	
		Número	%
Verbos Transitivos	891	46	5%
Verbos Transitivos Estativos	279	178	64%
Verbos Pseudotransitivos Estativos	78	2	2%
Verbos que Selecionam Complementos Preposicionados	78	25	32%
Verbos Intransitivos	231	33	14%
Verbos Intransitivos Indiretos	156	98	63%

Tabela 5.5 - Parte II: Número de ocorrências e desvios de juízos N. CORR por tipo de verbo.

À semelhança do que já tínhamos notado para as TR divergentes na parte I, observamos também aqui uma tendência para considerar como corretas frases passivas com *verbos transitivos estativos* (64% do total das respostas relativas a este tipo de verbo), como é o caso, já referido, da frase “*Muita informação era apresentada pelo texto*” [LMPol.157.Intermédio].

Verificámos ainda que os aprendentes polacos realizaram igualmente muitos juízos N. CORR em relação a frases passivas com *verbos intransitivos indiretos*, considerando-as linguisticamente aceitáveis: das 156 reações aos estímulos fornecidos com este tipo de verbos, 63% consiste em juízos de gramaticalidade N. CORR. (cf., por exemplo, a avaliação como possível em português da frase *O general foi obedecido pelos soldados* [LMPol.224.Intermédio]).

Colocamos a hipótese de a dificuldade sentida pelos aprendentes polacos no domínio dos *verbos intransitivos indiretos* poder estar relacionada com más interpretações da função sintática e do valor semântico do sujeito das “formas passivas” que ocorrem com este tipo de verbos, dificultada, em parte, pela não visualização da equivalente “ativa”. Acreditamos que a

maioria dos informantes com LM polaca que cometeu este tipo de desvio não terá sido capaz de perceber que o sujeito destas frases deriva de um complemento indireto e não de um complemento direto. Aliás, pressupomos que se os aprendentes tivessem acesso à equivalente ativa das frases aquando da realização do exercício, alguns teriam percebido isso mesmo, na medida em que um número significativo de aprendentes, quando confrontado, na parte anterior, com a versão ativa destas “formas passivas” *não transformou* a frase (cf. tabela 5.2).

No que concerne à distribuição pelos três níveis de proficiência dos juízos de gramaticalidade incorretos organizados por tipo de verbo, atentemos na tabela seguinte:

Nível	Tipo de Verbo	Número de Respostas	Juízos N. CORR	
			Número	%
Inicial	Verbos Transitivos	330	19	6%
	Verbos Transitivos Estativos	99	71	72%
	Verbos Pseudotransitivos Estativos	33	2	6%
	Verbos que Seleccionam Complementos Preposicionados	33	12	36%
	Verbos Intransitivos	99	18	18%
	Verbos Intransitivos Indiretos	66	52	79%
Intermédio	Verbos Transitivos	250	7	3%
	Verbos Transitivos Estativos	100	62	62%
	Verbos Pseudotransitivos Estativos	25	0	0%
	Verbos que Seleccionam Complementos Preposicionados	25	7	28%
	Verbos Intransitivos	75	11	15%
	Verbos Intransitivos Indiretos	50	25	50%
Avançado	Verbos Transitivos	200	20	10%
	Verbos Transitivos Estativos	80	45	56%
	Verbos Pseudotransitivos Estativos	20	0	0%
	Verbos que Seleccionam Complementos Preposicionados	20	6	30%
	Verbos Intransitivos	60	4	7%
	Verbos Intransitivos Indiretos	40	21	53%

Tabela 5.6 - Parte II: percentagem de juízos N. CORR. por tipo de verbos e nível de proficiência.

Como é possível observar, a percentagem de juízos de gramaticalidade N. CORR. realizados sobre “formas passivas” que ocorrem com *verbos transitivos estativos* (72% - 62% - 56%), *verbos pseudotransitivos estativos* (6% - 0% - 0%) e *verbos intransitivos* (18% - 15% - 7%) vai diminuindo à medida que avança o nível de proficiência, o que demonstra que os aprendentes polacos evoluem positivamente. Contudo, verificamos também que no caso das frases que ocorrem com *verbos transitivos estativos* e *verbos intransitivos* os juízos N. CORR. nunca chegam a desaparecer totalmente, mantendo-se até ao nível avançado, o que indica que são tipos de desvios resistentes.

Aferimos ainda com a análise à tabela 5.6 que os aprendentes polacos do nível avançado, em comparação com os outros dois níveis, demonstram mais dificuldade em reconhecer que algumas frases passivas que foram transformadas a partir de frases ativas com verbos transitivos são linguisticamente aceites em português, considerando, por exemplo, a frase “*Aquele governante era odiado pelas pessoas*” gramaticalmente incorreta [LMPol.248.Avançado].

Relativamente às “formas passivas” que ocorrem com *verbos que seleccionam um complemento preposicionado* (36% - 28% - 30%) e *verbos intransitivos indiretos* (79% - 50% - 53%) contactamos que os aprendentes polacos apresentam uma evolução menos linear quanto à atribuição de juízos N. CORR., o que nos revela que este tipo de dificuldades manifestadas por estes aprendentes é muito persistente, estando naturalmente sujeitas a *fossilização*.

Conforme referido no Capítulo 4, também nesta parte dos questionários aplicados aos aprendentes polacos, foi pedido que sempre que considerassem uma frase passiva incorreta o justificassem com uma das opções fornecidas (cf. subsecção 4.2). Na tabela 5.5 apresentamos a contabilização das opções seleccionadas pelos aprendentes polacos nos casos de correta identificação (CORR.) de formas passivas incorretas:

Opções de justificação selecionadas pelos aprendentes	Justificações	
	Número	%
V	189	40%
COMP	72	15%
SU	93	20%
TV	11	2%
V/COMP	6	1%
V/SU	11	2%
NS	94	20%
Total	476	100%

Tabela 5.7 - Parte II: Número de tipos de justificação para os juízos CORR de frases passivas incorretas

Podemos notar que os aprendentes polacos, tal como também verificámos com as justificações da parte I, recorreram mais vezes à seleção da opção *tipo de verbo* da frase (V) (189 das 476 justificações contabilizadas). Constatamos também que opções como *tipo de complemento* (COMP) (72 em 476), *tipo de sujeito* (SU) (93 em 476) e *não sei* (NS) (94 em 476) apresentam também valores relevantes. Para além disto, nesta parte, encontramos também, mas em menor número, algumas justificações que combinam as opções *tipo de verbo* com *tipo de complemento* (V/COMP) e *tipo de sujeito* com *tipo de verbo* (SU/V).

No que concerne à escolha da opção *tipo de sujeito* (SU), cuja percentagem de seleção é de 20%, averiguámos as situações seguintes: i) a sua escolha em frases em que este constituinte frásico deriva de constituintes que não desempenham a função sintática de complemento direto e que não têm o papel semântico de paciente na “equivalente” ativa (por exemplo, o aprendente [LMPol.200.Intermédio] considera agramatical a frase “*A noite toda foi dançada pela Joana*” devido ao SU), o que revela que, nos casos como o exemplificado, o aprendente realiza um tipo de raciocínio metalinguístico compreensível; ii) a sua escolha em frases em que o sujeito deriva de um complemento direto (por exemplo, [LMPol.160.Inicial] considera a frase *Muitas dificuldades foram conhecidas pelo Afonso* errada devido ao SU), indica-nos que, neste tipo de casos, o aprendente apresentou um tipo de raciocínio metalinguístico incompreensível.

Em relação à opção *tipo de complemento* (COMP), que representa 15% das justificações totais, constatámos dois tipos de casos: i) a sua seleção em frases cujo agente da passiva deriva de sujeitos não-agentivos, o que indica que, nestas situações, os aprendentes realizaram um tipo de raciocínio metalinguístico compreensível (por exemplo, [LMPol.152.Intermédio] considera

agramatical devido ao COMP a frase “*A melhor nota da turma foi tida pelo António*”); ii) a sua escolha quando o complemento agente da passiva deriva de um sujeito com natureza agentiva (por exemplo, [LMPol.149.Inicial] não aceita como correta a frase “*O rio foi nadado pela Ana*”, devido ao COMP), o que nos leva a depreender que os aprendentes não foram capazes de realmente entender quais os constituintes frásicos que verdadeiramente estão envolvidos na agramaticalidade de frases como a exemplificada.

No que toca à distribuição dos tipos de justificação para os juízos CORR. de gramaticalidade de formas passivas efetivamente incorretas pelos três níveis de proficiência, vejamos os gráficos seguintes:

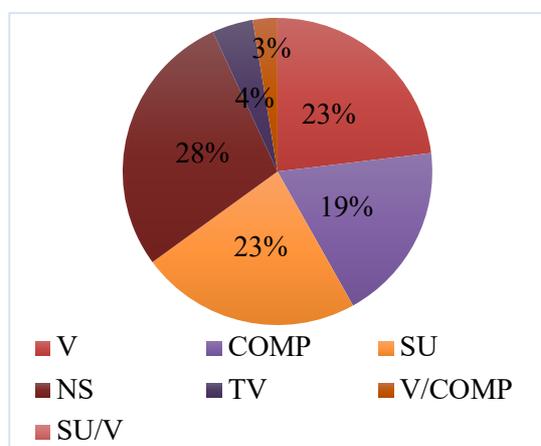


Gráfico 5.9 - Parte II: distribuição percentual dos tipos de justificação - nível inicial.

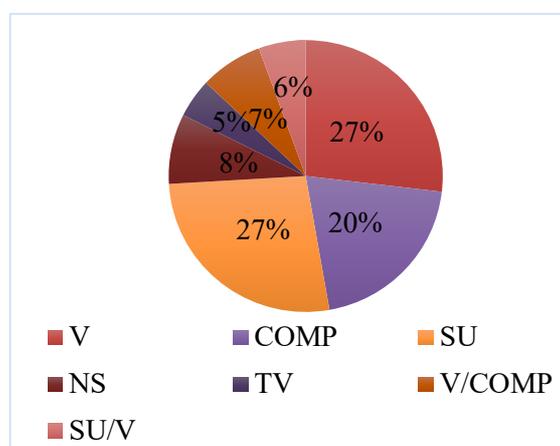


Gráfico 5.10 - Parte II: distribuição percentual dos tipos de justificação - nível intermédio.

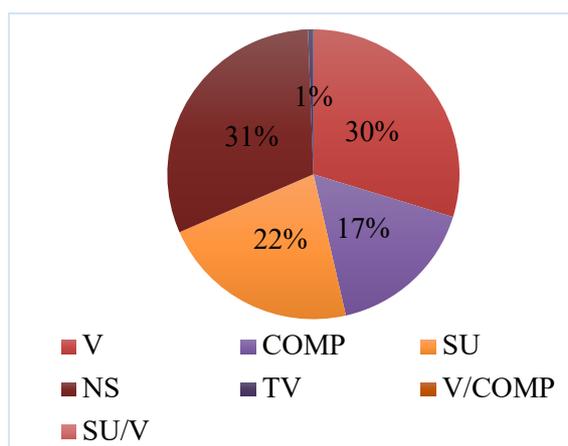


Gráfico 5.11 - Parte II: distribuição percentual dos tipos de justificação - nível avançado.

Verificámos nos gráficos 5.9, 5.10 e 5.11 que a tendência para selecionar as opções *tipo de verbo* (V), *tipo de complemento* (COMP) e *tipo de sujeito* (SU) é transversal aos três níveis em estudo. No que concerne à opção *não sei* (NS), observamos que os aprendentes do nível inicial (cf. gráfico 5.9) foram os que mais a selecionaram. Curiosamente, após uma diminuição no nível intermédio (cf. gráfico 5.10), constatamos que os aprendentes de nível avançado apresentam uma percentagem também significativa de seleção dessa mesma opção (cf. gráfico 5.11), o que nos indica que algumas incertezas e dúvidas sobre as estruturas e as regras envolvidas na construção da diátese passiva em português permanecem ou voltam a surgir nos estádios mais avançados das interlínguas.

Apurámos ainda que os aprendentes do nível intermédio foram os que mais selecionaram a opção *tipo de sujeito* (SU) - considerando, por exemplo a frase *A noite toda foi dançada pela Joana* errada devido ao SU [LMPol.236.Intermédio].

5.2.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PARTE III DOS QUESTIONÁRIOS (A) E (B)

Na parte III dos questionários solicitou-se aos aprendentes que, num conjunto de frases passivas, escolhessem o(s) auxiliar(es) adequado(s): no caso do nível inicial, a forma correspondente aos verbos *ser* e/ou *estar*; no caso dos níveis intermédio e avançado, formas correspondentes ao verbo *ficar* e/ou *estar* ou *ficar* e/ou *ser*. Neste exercício obtiveram-se 1238 respostas.

Em relação à seleção do verbo nos casos em que uma só opção era possível, observamos (cf. gráfico 5.12) que os aprendentes polacos apresentam valores mais altos de seleção adequada (64%) do que de seleção incorreta. Contudo, o número de casos de seleção incorreta (36%) não deixa de ser significativo, o que nos revela que estes aprendentes, apesar de muitas vezes escolherem o verbo auxiliar passivo certo, apresentam ainda algumas dificuldades em distinguir os diferentes tipos de passiva através da seleção do verbo auxiliar passivo.

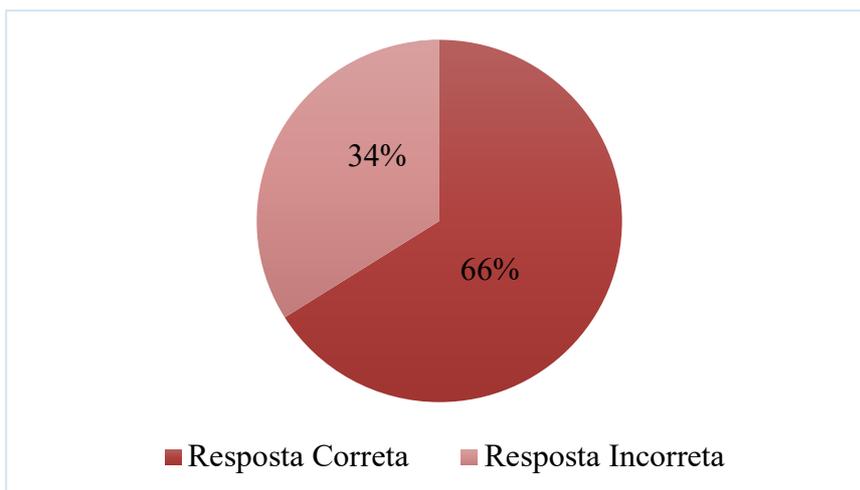


Gráfico 5.12 - Parte III: distribuição percentual de respostas corretas e incorretas em frases que admitem uma opção.

Por outro lado, os dados apresentados no gráfico 5.13 mostram-nos que, no caso das frases que admitiam os dois auxiliares passivos, foram muito raras as vezes em que os participantes selecionaram os dois verbos auxiliares, o que nos leva a concluir que este tipo de aprendentes apresenta grandes dificuldades em reconhecer situações passivas que permitem ambas as opções fornecidas. Por exemplo, na frase “*Sempre que tentava ligar-te, a linha telefónica era/estava interrompida*”, tanto o verbo auxiliar *ser* (*era*) como o verbo auxiliar *estar* (*estava*) são aceites em português; contudo, os aprendentes polacos tendem a selecionar apenas um deles. Podemos verificar nos anexos V e VI que, no caso exemplificado, a tendência maioritária recai sobre a seleção da forma do verbo auxiliar *estar* (*estava*).

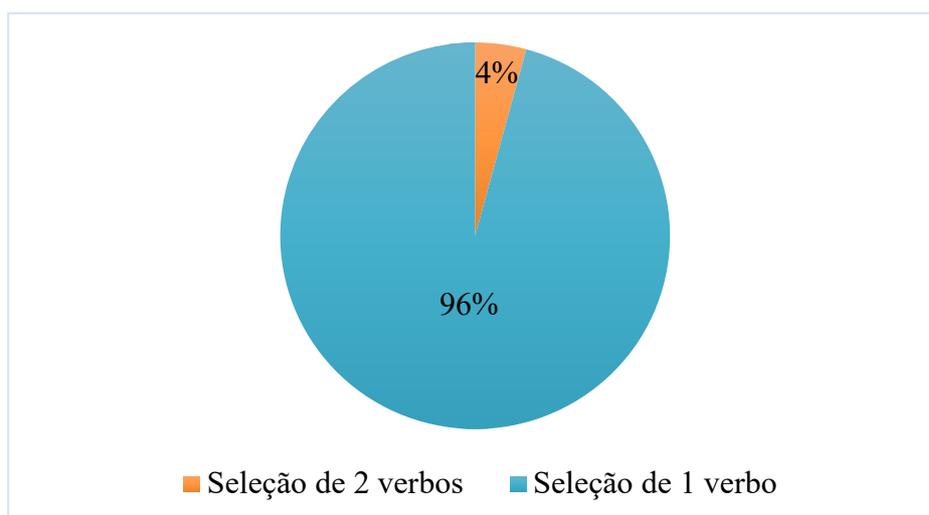


Gráfico 5.13 - Parte III: distribuição percentual de respostas em frases que admitem as duas opções.

Os resultados apresentados nos gráficos 5.12 e 5.13 podem, em parte, justificar-se pelo facto de, como se assinalou no Capítulo 2, na LM dos aprendentes em estudo, os três tipos de frase passiva (eventiva, adjetival resultativa e adjetival estativa) ocorrerem com o mesmo verbo auxiliar (*być*), sendo que, em português, os núcleos verbais desses três tipos de frases passivas são preenchidos por diferentes verbos auxiliares (*ser*, *ficar* e *estar*). Em português, enquanto os verbos auxiliares *ser*, *ficar* e *estar* veiculam individualmente os seus próprios valores semânticos e lexicais, no polaco, esses valores estão concentrados apenas num verbo (*być*). Tendo em atenção as características de ambas as línguas e os resultados apresentados nos gráficos 5.12 e 5.13, deduzimos que a aquisição/aprendizagem dos verbos auxiliares passivos em português é, para os aprendentes polacos, uma área crítica.

Em relação à distribuição, pelos três níveis de proficiência, das respostas nos casos em que havia uma única hipótese de seleção, o gráfico 5.14 mostra-nos que a percentagem mais elevada de seleção incorreta de uma das duas opções foi registada no nível avançado (40%).

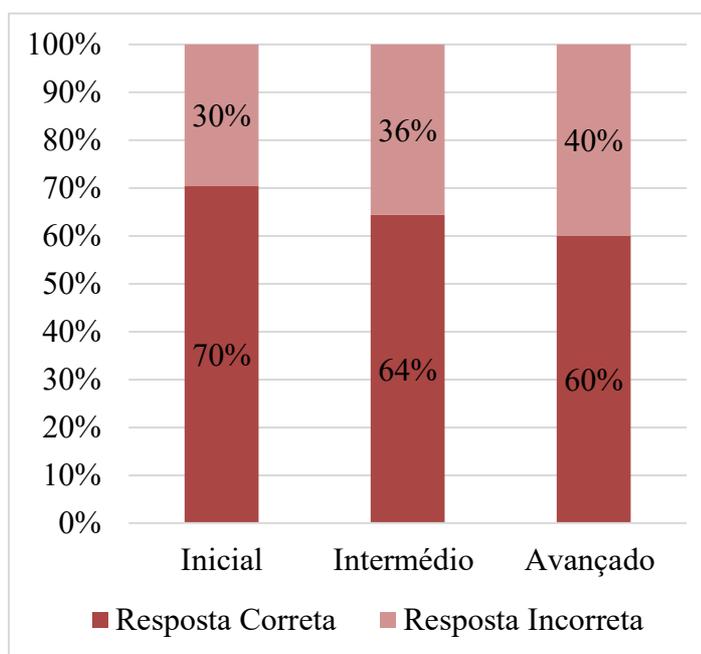


Gráfico 5.14 - Parte III: distribuição percentual de frases que admitem uma opção por nível de proficiência.

Os dados apresentados no gráfico 5.14 mostram que, contrariamente ao que poderíamos esperar, a percentagem de seleção incorreta nos casos em que apenas uma das formas verbais era aceitável vai aumentando em função do nível de instrução formal dos aprendentes. Este resultado pode, em parte, ser explicado pelo facto de a complexidade do exercício nos níveis intermédio e avançado ser maior. Contudo, verificamos que na passagem do nível intermédio para o avançado (em que foi aplicado o mesmo exercício) a percentagem de respostas incorretas aumenta 4%, o que nos leva a depreender que os problemas sentidos por estes aprendentes na

escolha correta do auxiliar passivo cresce nos últimos estádios de desenvolvimento das interlínguas, revelando que os desvios relacionados com a seleção dos verbos auxiliares passivos são muito resistentes.

Observamos ainda que os aprendentes polacos manifestam maiores dificuldades na escolha do verbo auxiliar passivo quando têm de optar entre os verbos auxiliares *ser* / *ficar* ou entre *estar* / *ficar* e uma tendência para acertar quando devem escolher entre *ser* ou *estar*, na medida em que os aprendentes do nível inicial, que só foram confrontados com a opção *ser* ou *estar*, foram os que, dos três níveis em análise, mais respostas certas realizaram nos casos que só permitem a ocorrência de um verbo auxiliar (cf. gráfico 5.14). Apurámos igualmente, como se pode comprovar nos anexos V e VI, que os aprendentes dos níveis intermédio e avançado apresentam um melhor desempenho quando têm de optar pelo auxiliar *ser* e *estar* (cf, por exemplo, a seleção do verbo *ser* (*foi*) em “O espelho *foi/estava* partido pelo vento” [LMPol.109.Avançado]).

Este comportamento pode, por um lado, ser interpretado como transferência negativa da LM dos aprendentes, visto que em polaco a passiva adjetival resultativa permite, contrariamente ao português, a representação da componente agentiva (cf. Capítulo 2, secção 2.3.2), levando a que, como se pode observar no anexo VI, por exemplo, 45% dos 20 aprendentes do nível avançado, na frase “*A vítima do assalto ficou/foi ferida pelos ladrões*”, opte por seleccionar como verbo auxiliar o verbo *ficar* (cf. anexo VI, parte III, alínea d). Outra hipótese explicativa para estes resultados pode estar relacionada com a grande dificuldade que este tipo de aprendentes, devido às características da sua LM, tem em distinguir os valores semânticos e sintáticos dos verbos *ser*, *estar* e, sobretudo, *ficar* enquanto auxiliares passivos.

Para além disso, notámos ainda que, em frases passivas que descrevem situações télicas, muitos dos participantes neste estudo demonstram uma inclinação para, erradamente, seleccionar o verbo auxiliar *estar*, ao invés do verbo *ser* ou do verbo *ficar*. Veja-se no anexo V que, por exemplo, em “*O jantar fica/está servido em dez minutos*”, 52% dos 25 participantes do nível intermédio seleccionaram o verbo auxiliar *estar* (cf. Anexo V, parte III, alínea m). Isto indica-nos que grande parte dos informantes polacos desconhece a impossibilidade de, em português, o verbo auxiliar *estar* ocorrer em frases passivas com a expressão *em x tempo*, isto é, em frases passivas télicas (cf. Capítulo 1, subsecção 1.2.3).

No que concerne às situações que admitem os dois auxiliares passivos, o gráfico 5.15 revela-nos que, em todos os casos, a esmagadora maioria dos informantes seleccionou um único verbo, tendo sido o nível inicial aquele que menos seleccionou 2 verbos (2%) e o nível avançado o que mais vezes seleccionou 2 verbos (10%). Estes dados mostram-nos que o valor relativamente baixo que os aprendentes do nível avançado, apesar de tudo, exibem, podem

indicar que a inclinação que os informantes polacos demonstram para, neste tipo de situações, apenas considerar como possível a ocorrência de um dos verbos auxiliares permanece até ao último nível de proficiência, permitindo-nos concluir que esta tendência não se altera significativamente.

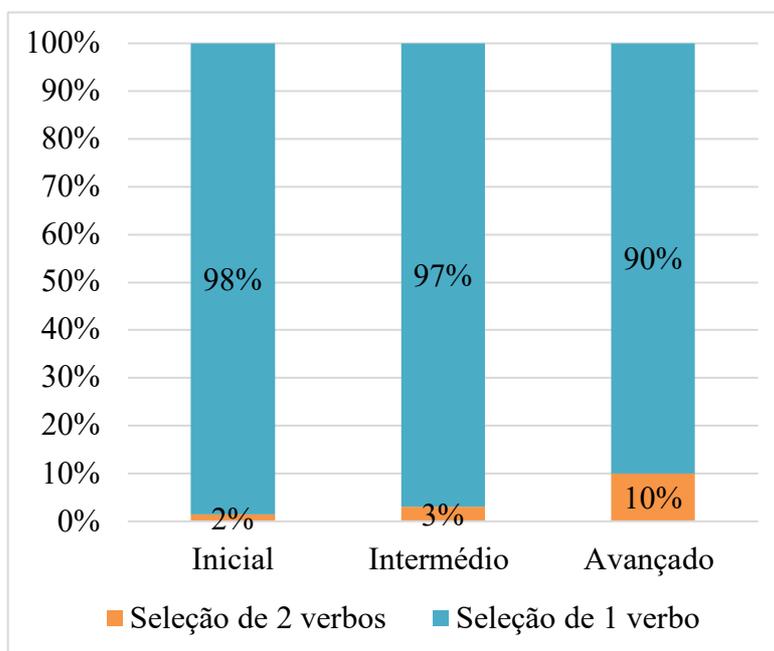


Gráfico 5.15 - Parte III: distribuição percentual de frases que admitem as duas opções por nível de proficiência.

5.3 OS DADOS DOS FALANTES NATIVOS: CONFRONTO COM OS DADOS DOS APRENDENTES POLACOS DE PLE

Como foi mencionado anteriormente, decidimos criar um grupo de controlo, submetendo falantes nativos a um questionário *online* que aferiu aspetos igualmente testados junto dos aprendentes polacos. Através da comparação dos comportamentos dos dois grupos de informantes, tentámos perceber se as particularidades reveladas pelos aprendentes polacos constituem especificidades das interlínguas destes ou decorrem também das próprias complexidades da voz passiva, eventualmente também refletidas no desempenho dos nativos.

Deste modo, nesta secção começaremos por apresentar os dados dos falantes nativos (subsecção 5.3.1) e, de seguida, confrontaremos esses dados com os dos aprendentes polacos apresentados anteriormente (subsecção 5.3.2).

5.3.1 DADOS DOS FALANTES NATIVOS

No questionário aplicado aos falantes nativos foram contabilizadas 1334 respostas, sendo que 871 são relativas aos juízos de gramaticalidade e justificações (parte I deste inquérito) e 463 à parte II, que testa a escolha dos verbos auxiliares passivos em determinadas estruturas. No que concerne às respostas dos nativos obtidas na parte I, podemos observar no gráfico 5.16 que, no que toca aos juízos de gramaticalidade, este grupo, genericamente, realiza mais juízos CORR. (66%) do que N. CORR. (21%). Todavia, a percentagem de juízos N. CORR. leva-nos a concluir que, em alguns casos, os falantes nativos nem sempre são cabalmente capazes de identificar corretamente quais os contextos verbais e argumentais que admitem diátese passiva. O valor da percentagem de escolha da opção *não sei* (NS) (13%) demonstra ainda que, em alguns casos, os falantes nativos manifestam incerteza e/ou dúvida quanto à aceitabilidade ou não de determinada construção (por exemplo, em relação à frase “*As férias finalmente foram pagas pelo chefe*”, 6 dos 30 participantes nativos escolheu a opção NS [cf. anexo VII]).

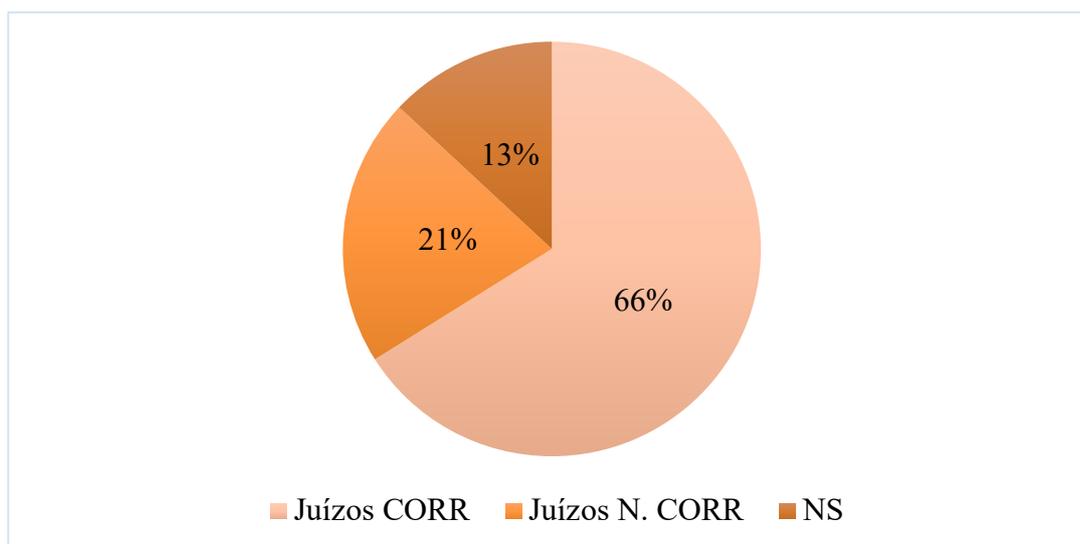


Gráfico 5.16 - Nativos: distribuição percentual global de juízos de gramaticalidade (CORR., N. CORR. e NS).

Relativamente ao número de juízos de gramaticalidade N. CORR contabilizados por tipo de verbo, vejamos a tabela 5.8:

Tipo de Verbo	Número de Respostas	Juízos N. CORR	
		Número	%
Verbos Transitivos	330	60	18%
Verbos Transitivos Estativos	120	42	35%
Verbos Pseudotransitivos Estativos	30	7	23%
Verbos que Seleccionam Complementos Preposicionados	30	0	0%
Verbos Intransitivos	90	4	4%
Verbos Intransitivos Indiretos	60	25	42%

Tabela 5.8 - Nativos: Número de ocorrências e desvios em juízos N. CORR por tipo de verbo.

À semelhança do que já tínhamos notado nos dados dos aprendentes polacos, também os falantes nativos mostram uma inclinação para considerar como corretas frases passivas com *verbos intransitivos indiretos* (42% do total das respostas relativas a este tipo de verbo) e *verbos transitivos estativos* (das 120 reações aos estímulos fornecidos com este tipo de verbos, 35% consiste em juízos N. CORR. de gramaticalidade). Verificamos também que este grupo manifesta dificuldade em perceber que as frases passivas com *verbos pseudotransitivos estativos* são agramaticais: das 30 respostas realizadas no âmbito deste tipo de verbos 23% consiste em juízos N. CORR.

No que toca às justificações para os juízos CORR. de formas passivas incorretas, atentemos na tabela seguinte:

Opções de justificação selecionadas pelos aprendentes	Justificações	
	Número	%
V	48	23%
COMP	35	17%
SU	69	33%
TV	31	14%
NV	28	13%
Total	211	100%

Tabela 5.9 - Nativos: Justificações para os juízos CORR de frases passivas incorretas.

Observamos que os falantes nativos evidenciam um comportamento metalinguístico pouco consensual quanto à justificação da razão que os levou a considerar determinadas frases passivas como agramaticais, na medida em que os números de escolha de cada opção são muito variáveis, sendo que, por exemplo, a opção *tipo de verbo* (V) foi em 211 justificações totais selecionada 48 vezes ao passo que a opção *tempo verbal* (TV) foi escolhida 31 vezes. Isto indica-nos que os nativos, em determinados casos, manifestam um tipo de comportamento metalinguístico aceitável, como aqueles em que a opção *tipo de verbo* (V) foi selecionada. Todavia, noutras situações, apurou-se que o comportamento demonstrado por estes falantes nem sempre foi compreensível, por exemplo, os casos em que a opção *tempo verbal* (TV) foi escolhida (ex.: o falante [LMPort.19] considera a frase “*O rio foi nadado pela Ana*” errada devido ao TV).

No caso da escolha da opção SU (33% das 211 justificações) temos de ter em atenção dois tipos de situações: i) aquelas em que o falante escolheu esta opção como justificação de frases passivas agramaticais em que o seu sujeito deriva de um complemento direto (cf., por exemplo, a não aceitação da frase *A melhor nota da turma foi tida pelo António*, devido ao SU [LMPort.4]), que nos indica que, do ponto de vista metalinguístico, os falantes apresentam um comportamento incompreensível, na medida em que escolhem a opção relativa ao constituinte frásico que não interfere na agramaticalidade da frase; ii) aquelas em que os falantes selecionaram esta opção como justificação de frases passivas cujo sujeito não deriva de um complemento direto (por exemplo, não aceitação da frase *A noite toda foi dançada pela Joana*, devido ao SU [LMPort.9]), que nos mostram que, em situações como a exemplificada, este tipo de comportamento é compreensível.

Relativamente às respostas dos falantes nativos apuradas na parte II do questionário, constatámos (cf. gráfico 5.17) que em relação às frases em que só uma opção é possível apresentam valores consideráveis de seleção incorreta (34%), o que nos indica que os nativos, apesar de muitas vezes escolherem o verbo auxiliar passivo certo, apresentam, tal como os polacos, problemas na distinção dos diferentes tipos de passiva.

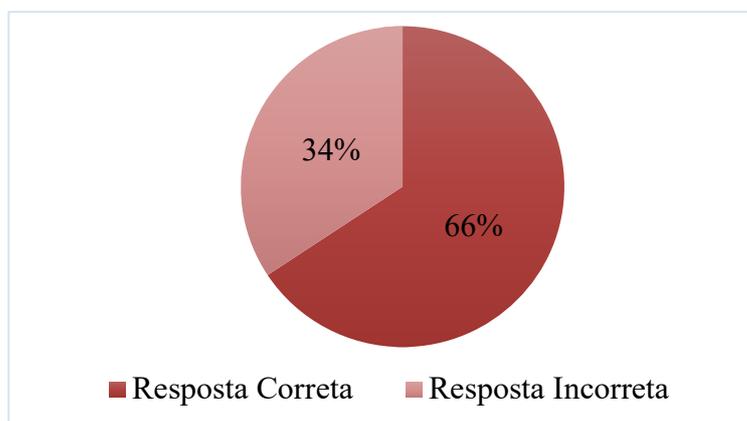


Gráfico 5.17 - Nativos: distribuição percentual de respostas corretas e incorretas em frases que admitem uma opção.

No que concerne aos casos das frases que admitem os dois auxiliares passivos, observamos, ao analisar o gráfico 5.18, que a tendência maioritária dos nativos, assim como a dos aprendentes polacos, recai na escolha de apenas 1 verbo, indicando que também este grupo revela problemas em perceber que em determinados casos é possível ocorrerem os dois auxiliares. Recuperemos o exemplo igualmente usado para ilustrar esta tendência nos informantes polacos: “*Sempre que tentava ligar-te, a linha telefónica era/estava interrompida*”; neste caso, como podemos verificar no anexo VII, apenas 30% dos participantes nativos considerou ambos os verbos, sendo que a tendência maioritária (50% dos falantes) recaiu sobre a seleção da frase com a forma do verbo *estar* (*estava*).

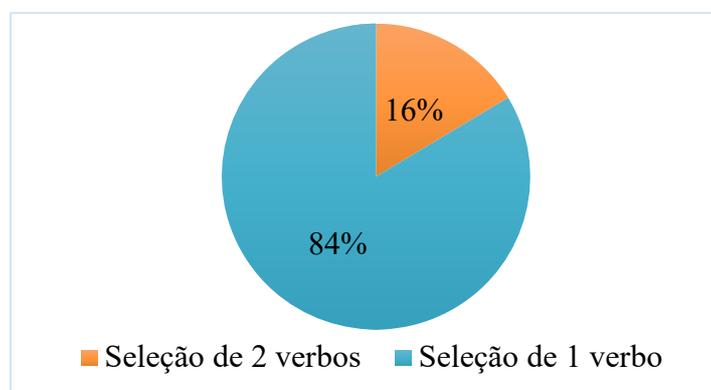


Gráfico 5.18 - Nativos: distribuição percentual de respostas em frases que admitem as duas opções.

5.3.1 APRENDENTES POLACOS E FALANTES NATIVOS

Após analisar e discutir os dados obtidos no grupo dos aprendentes polacos e no grupo dos falantes nativos, concluímos que, relativamente às frases passivas cuja versão ativa ocorre com *verbos transitivos estativos* ou *verbos intransitivos indiretos* (como, por exemplo, “*Muita informação era apresentada pelo texto*” e “*O general foi obedecido pelos soldados*”), tanto os falantes nativos (cf. tabela 5.8) como os aprendentes polacos dos três níveis de proficiência (cf. tabela 5.6) tendem a aceitá-las. Este facto leva-nos a colocar a hipótese de este tipo de problemas ser resultado da complexidade da estrutura em estudo, nomeadamente das restrições verbo-argumentais da sua formação.

No que toca aos dados metalinguísticos (justificações) observamos que, em ambos os grupos, a maioria dos participantes escolheu as opções *tipo de verbo* e *tipo de sujeito*, o que nos indica que a maioria dos indivíduos dos dois grupos de informantes pensa no mesmo tipo de constituintes frásicos (verbo e sujeito) quando não aceita determinadas frases passivas. Contudo, enquanto nos dados dos aprendentes polacos a opção mais selecionada foi a *tipo de verbo*, sendo a opção *tipo de sujeito* a segunda mais escolhida, no caso dos falantes nativos foi apurado o contrário: a opção *tipo de sujeito* foi a mais selecionada, sendo a opção *tipo de verbo* a segunda preferência.

No que concerne à seleção dos verbos auxiliares passivos, os dados dos falantes nativos permitem-nos concluir que as dificuldades manifestadas pelos aprendentes polacos nas escolhas dos verbos auxiliares passivos em determinadas situações são, além do avançado na subsecção 5.2.3, resultado da complexidade inerente a esta estrutura. Desta decorrerá a não uniformidade nas respostas dos nativos, por exemplo, quando instados sobre a aceitabilidade da expressão do agente da passiva em frases passivas adjetivas resultativas; observámos, por exemplo, que na frase 3 (cf. anexo VII) 60% dos falantes nativos consideraram certa tanto a frase *As ruas de Damasco ficaram destruídas pelos bombardeamentos* como *As ruas de Damasco foram destruídas pelos bombardeamentos*, ao passo que, na frase *O botão foi/ficou cosido pela costureira* (cf. anexo VII, frase 6), a tendência da maioria dos participantes falantes nativos é para a rejeição da ocorrência do auxiliar *ficar*, em sintonia, portanto, com a descrição feita por Duarte (2013: 441).

Em suma, podemos entender com este tipo de análise que certos aspetos como, por exemplo, a aceitação de frases passivas com *verbos transitivos estativos* ou a aceitação de algumas frases passivas adjetivais resultativas com componente agentiva decorrem da própria complexidade da voz passiva, que, correlacionada com o processo de aquisição/aprendizagem de LNM e a construção da(s) interlíngua(s) dos aprendentes polacos, podem ajudar a explicar as dificuldades na aquisição/aprendizagem da voz passiva e na sua consolidação.

CONCLUSÕES

Ao longo da presente dissertação, pretendemos perceber quais os comportamentos linguísticos e metalinguísticos dos aprendentes polacos de PLE ao longo do processo de aquisição/aprendizagem da voz passiva e averiguar se as dificuldades apresentadas por estes são resultado de fenómenos de transferência ou decorrem das complexidades intrínsecas desta estrutura. Deste modo, procedemos à análise exaustiva de respostas a questionários concebidos para testar diferentes situações verbais e argumentais que podem ou não admitir diátese passiva, considerando a distinção de três tipos de construções (passivas eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas) associadas à seleção dos verbos auxiliares passivos do português (*ser, ficar e estar*).

No primeiro capítulo, dedicado à descrição da voz passiva em português, apresentámos as principais características desta construção com base nos trabalhos de Duarte (2003; 2013). e Duarte & Oliveira (2010), que analisam os traços específicos das frases passivas eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas.

No capítulo 2, procedemos à caracterização da voz passiva na LM dos aprendentes em estudo (polaco), apresentando, numa primeira secção, as diferenças existentes entre a língua polaca e o português no que respeita à categoria aspeto, relevante para entendimento da escolha do verbo auxiliar e forma do verbo pleno nas construções passivas do polaco. De seguida, apresentámos as características gerais da voz passiva em polaco, segundo Kibort (2004). Por fim, descrevemos as especificidades das passivas eventivas, adjetivais resultativas e adjetivais estativas em polaco de acordo com os trabalhos desenvolvidos por Bondaruk & Rozwadowska (2014; 2018).

No capítulo 3, para finalizar o enquadramento teórico, fizemos uma revisão de alguns conceitos relevantes para o estudo da aquisição/aprendizagem de línguas não maternas. No decorrer desta abordagem, foi possível explicitar os fatores que tipicamente fazem parte da construção dos sistemas interlinguísticos dos aprendentes de uma LNM, como a transferência de material linguístico da LM para a LNM. Apresentámos ainda, no âmbito deste capítulo, algumas considerações sobre o processo de aquisição em LM e aquisição/aprendizagem em LNM da voz passiva.

No capítulo 4, procedemos à descrição detalhada do perfil dos participantes neste estudo e da metodologia usada na construção e aplicação dos questionários e na recolha e organização das respostas obtidas. Assim sendo, organizámos cada resposta de acordo com as partes do questionário a que pertenciam e do tipo de estímulo apresentado da seguinte forma:

- i) na parte I, considerámos 3 categorias de resposta: 1) TR das frases ativas em passivas; 2) NTR; 3) justificações apresentadas sempre que um aprendente optava, adequadamente, pela NTR;
- ii) na parte II, organizámos os juízos de gramaticalidade em duas categorias (CORR e N. CORR) e as justificações apresentadas, nos juízos CORR de “formas” passivas linguisticamente incorretas, pelas categorias previamente definidas;
- iii) na parte III, nos casos que só admitem um dos verbos auxiliares, observou-se se a seleção do auxiliar estava ou não de acordo com a gramática da LA e, nos casos que admitem os dois verbos auxiliares, se os aprendentes selecionavam apenas um ou os dois.

Neste capítulo, elaborámos ainda, com base nas características da voz passiva em português e nas respostas encontradas, uma tipologia de desvios. Esta tipologia serviu como ponto de partida para a análise e discussão dos dados apurados.

Desta forma, no capítulo 5, começámos por analisar as respostas dos aprendentes polacos, iniciando a nossa discussão pelos dados da parte I, onde contactámos que o número de respostas convergentes é superior ao de divergentes: tal facto indica-nos que os aprendentes polacos não apresentam grandes dificuldades em saber, demonstrando-o através da transformação de frases ativas em passivas, quais os contextos verbais e argumentais que podem ou não sofrer passivização. Nessa parte, apurámos igualmente que a percentagem de TR divergente é superior à de NTR indevida, ficando claro que os aprendentes polacos possuem mais dificuldades em identificar os contextos verbais e argumentais que não admitem diátese passiva. Por outro lado, verificámos que os aprendentes do nível inicial foram os que mais contribuíram com TR indevida e os aprendentes do nível avançado os que fizeram mais NTR divergente. Observámos ainda que os *verbos transitivos estativos* foram os que mais problemas causaram aos aprendentes polacos, uma vez que grande parte dos verbos deste tipo usados no questionário só tinham esta aceção em determinadas situações.

Na parte II, averiguámos que, em relação aos juízos de gramaticalidade, a percentagem de juízos CORR. é superior à de juízos N. CORR., comprovando que os aprendentes polacos não apresentam muitos problemas na identificação dos contextos verbais e argumentais que podem ou não admitir diátese passiva. Ficámos também a saber que os aprendentes do nível inicial foram os que mais juízos N. CORR. fizeram. Todavia, observámos que os juízos N. CORR. nunca chegam a ser erradicados, persistindo dificuldades na correta identificação de todas as frases passivas que são gramaticalmente aceites em português. Constatámos ainda que este tipo de aprendentes apresenta uma tendência para considerar como linguisticamente

aceitáveis em português, frases passivas cujas equivalentes ativas ocorrem com *verbos transitivos estativos e intransitivos indiretos*.

No que toca aos dados metalinguísticos (justificações), constatámos que, na parte I, as opções de justificação mais escolhidas pelos aprendentes foram o *tipo de verbo* (tipo de raciocínio metalinguístico previsto e aceitável), *tipo de complemento* e *tipo de sujeito*. Nestas duas últimas opções, houve casos em que ficou evidenciado um tipo de pensamento metalinguístico aceitável, mas noutros este tipo de comportamento foi incompreensível tendo em conta a situação apresentada pela frase. Na parte II, as opções de justificação mais seleccionadas pelos aprendentes foram igualmente o *tipo de verbo* (comportamento metalinguístico aceitável), *tipo de complemento* e *tipo de sujeito*. Também nesta parte, estas duas opções de justificação foram escolhidas em casos em que ficou evidenciado um tipo de raciocínio metalinguístico previsível e aceitável, sendo que noutras situações este tipo de pensamento pareceu não fundamentado.

Na parte III dos questionários aplicados aos aprendentes polacos constatámos que, nas situações em que apenas é aceite um dos verbos auxiliares passivos, a percentagem de seleção da opção incorreta é menor do que a percentagem de seleção da opção correta. Todavia, o número de respostas incorretas foi significativo e revelador de algumas dificuldades sentidas pelos aprendentes polacos quanto à escolha do verbo auxiliar em determinadas situações, por exemplo, seleccionando a forma do verbo auxiliar *ficar* em frases em que o agente da passiva está expresso ou a forma do verbo auxiliar *estar* em frases passivas télicas. Quanto às situações que aceitam ambos os verbos auxiliares apresentados, a tendência maioritária dos aprendentes é para seleccionar apenas um verbo. Contudo, verificámos que esta tendência vai, de forma ligeira e progressiva, diminuindo ao longo do processo de construção das interlínguas dos aprendentes, sugerindo um efeito positivo da instrução.

Por fim, com o objetivo de tentar perceber se os problemas dos aprendentes polacos na aquisição/aprendizagem da voz passiva assinalados ao longo desta dissertação são resultado de fenómenos de transferência ou decorrem das complexidades inerentes a esta estrutura, submetemos um grupo de falantes nativos (grupo de controlo) aos estímulos presentes nas partes II e III dos questionários aplicados aos informantes polacos. Na última secção do capítulo 5, comparámos os dados recolhidos junto dos falantes nativos com os dados dos aprendentes polacos. Este tipo de análise permitiu-nos observar que os falantes nativos e os aprendentes polacos apresentam comportamentos linguísticos e metalinguísticos muito semelhantes: concretamente, muitos dos problemas revelados pelos aprendentes polacos com esta estrutura, observados na aceitação de frases passivas cujas equivalentes ativas que ocorrem com *verbos transitivos estativos* ou *verbos intransitivos indiretos* ou na aceitação de algumas frases

passivas adjetivas resultativas com componente agentiva, correspondem às dificuldades reveladas pelos falantes nativos. Isto permite-nos concluir que muitas das dificuldades sentidas pelos informantes polacos provêm de complexidades intrínsecas da voz passiva e que, em casos como a aceitação de algumas frases passivas adjetivas resultativas com componente agentiva, podem ainda estar correlacionadas com fenómenos de transferência.

Concluída a presente dissertação, acreditamos que seria interessante alargar o estudo da aquisição/aprendizagem da voz passiva a outros grupos de aprendentes de PLE, de modo a apurar se as tendências assinaladas neste trabalho são exclusivas deste grupo ou continuam a ser verificadas em aprendentes com outras LMs. Os dados recolhidos permitiram, então, explorar de modo mais sustentado a hipótese da transferência linguística. Pensamos ainda que seria útil que numa investigação futura se tivesse em consideração, no domínio da seleção dos verbos auxiliares passivos, variáveis como o tempo verbal, variável que não foi possível manipular no âmbito desta dissertação.

Contudo, e independentemente dos trabalhos futuros que possam vir a ser realizados com base neste primeiro projeto, estamos conscientes de que, pela ausência de estudos centrados na aquisição/aprendizagem da passiva portuguesa por parte de falantes não nativos, esta dissertação poderá dar informações relevantes para professores de PLE e investigadores que tenham interesse no estudo desta questão.

BIBLIOGRAFIA

BONDARUK, A. & ROZWADOWSKA, B (2014). *Polish Object Experiencer verbs in the stative and eventive passive*. Edição on-line, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330349588_Polish_Object_Experiencer_verbs_in_the_stative_and_eventive_passive

BONDARUK, A. & ROZWADOWSKA, B (2018). *Heterogeneity of states in Polish stative passives*. Edição on-line, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327034866_Heterogeneity_of_states_in_Polish_stative_passives?enrichId=rgreq-cb8865b23c475c1648fe778335ec8459-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMyNzAzNDg2NjtBUzo2NTk4MTYyNzYwNTgxMTNAMTUzNDMyMzg2NzM3MQ%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf

CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino e avaliação*. Lisboa: ASA.

CUNHA, C. & LINDLEY, L. F. (2005), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Editora Sá da Costa.

CUNHA, L. (2013), *Aspeto*. In Raposo, E. P. & Nascimento, M.F.B. & Mota, M.A. & Segura, L. & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 585-619.

DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE LÍNGUA E CULTURA, CAMÕES, IP (2017), *Referencial Camões PLE*. Lisboa: Camões, Instituto da Cooperação e da Língua I.P. Disponível em: https://www.instituto-camoes.pt/?option=com_content&view=article&id=18550

DUARTE, I. & OLIVEIRA, F. (2010), *Sobre participios e construções resultativas em português*. Documento apresentado no XXXIX Simpósio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística. Santiago de Compostela: Sociedade Española de Lingüística, disponível em: <http://alturl.com/ibkbr>.

DUARTE, I. (2013), *Construções ativas, passivas, incoativas e médias*. In Raposo, E. P. & Nascimento, M.F.B. & Mota, M.A. & Segura, L. & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp 429-447.

ELLIS, R. (1986), *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.

EMBICK, David (2004). *On the structure of resultative participles in english*. In *Linguistic Inquiry* (nº 35).

ESTRELA, Antónia (2013), *A aquisição de Estruturas Passivas em Português Europeu*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/11415/1/Estrela_PhD_versao_revista.pdf

FERREIRA, T. (2011), *Padrões na Aquisição/Aprendizagem da Marcação de Género Nominal em Português como L2*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, disponível em: [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18583/1/Dissertação%20de%20Mestrado%20\(Vol.%20I\)_Tânia%20Ferreira.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18583/1/Dissertação%20de%20Mestrado%20(Vol.%20I)_Tânia%20Ferreira.pdf), pp. 5-17.

FRANCIOTTI, P. (2016), *The Acquisition of Passive voice in L2 Italian: Evidence from Comprehension and Production*. Artigo on-line, disponível em: <http://lear.unive.it/jspui/bitstream/11707/5673/1/08.%20Franciotti.pdf>

GASS, S. & SELINKER, L. (2008), *Second Language Acquisition: an introductory course*. New York: Taylor and Francis Group, Routledge.

GARAVITO, J. B. (2009), *Eventive and Stative Passives: The Role of Transfer in the Acquisition of ser and estar by German and English L1 Speakers*. In Selected Proceedings of the 11th Hispanic Linguistics Symposium. Artigo on-line, disponível em: <http://www.lingref.com/cpp/hls/11/paper2200.pdf>

GONÇALVES, A. & COLAÇO, M. (1991), *Para um tratamento uniforme do(s) verbo(s) ser no Português Europeu*. In *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.

GONÇALVES, A. & RAPOSO, E. P. (2013), *Verbo e Sintagma Verbal*. In Raposo, E. P. & Nascimento, M.F.B. & Mota, M.A. & Segura, L. & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.1165-1218.

HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara (2015). *As divergências e as convergências entre o sistema temporal polaco e português*. Edição on-line, disponível em: https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwiq9qG3_5rfAhUKL1AKHUNZB2YQFjABegQICBAC&url=http%3A%2F%2Fczasopisma.tnkul.pl%2Findex.php%2Frh%2Farticle%2Fdownload%2F1119%2F1235&usg=AOvVaw2iXpK32_eRS8vJXguXkYcN

KIBORT, A. (2004). *Passive and passive-like constructions in English and Polish*. Tese de doutoramento. Cambridge University, disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.127.8679&rep=rep1&type=pdf>

KRASHEN, S.D. (1981), *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford: Pergamon Press. Edição on-line, disponível em: http://www.sdkrashen.com/content/books/sl_acquisition_and_learning.pdf

LEIRIA, I. (2004), *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira: Investigação e Ensino*. In: *Idiomático*. Revista Digital de Didática de PLN, n.º 3, Centro Virtual Camões, disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>

LOPES, A. C. M. & RIO-TORTO, G (2007), *Semântica*. Lisboa: Caminho.

LYONS, J. (1977). *Factividade*. In *Dicionário de Termos Linguísticos*. Edição on-line, disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=2708>

MATEUS, M. H. M. & BRITO, A.M. & DUARTE, I. & FARIA, I.H. (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 521-538.

MATEUS, M. H. M. & VILLAVA, A. (2007), *Linguística*. Lisboa: Caminho.

- MARINIS, T. (2007), *On-line Processing of Passives in L1 and L2 Children*. Artigo on-line, disponível em: <http://www.lingref.com/cpp/galana/2/paper1567.pdf>
- MARTINS, C. (2008), *O papel diferenciado de subsistemas de memória de longo prazo nos processos de aquisição e de aprendizagem de uma L2*. In *A Linguagem da Pólis*, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- PERES, J.A.& MÓIA, T. (1995), *Áreas Críticas do Português Contemporâneo*. Lisboa: Caminho, pp. 207-247.
- RAPOSO, E. P. (2013), *Verbos Auxiliares*. In Raposo, E. P.& Nascimento, M.F.B. & Mota, M.A.& Segura, L. & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1221-1281.
- SAWN, Oscar E. (2003). *Polish Grammar in a Nutshell*. Pittsburg: University of Pittsburg.
- SELINKER, L. (1972), *Interlanguage*. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*. Edição on-line, disponível em: https://kupdf.net/download/selinker-%20interlanguage_59f1ff3fe2b6f5604ea71872_pdf
- WHITE, L. (2003), *On the Nature of Interlanguage Representation: Universal Grammar in the Second Language*. In: Doughty, C.J. & Long, M.H., eds. – *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell. pp. 19-42.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS APRENDENTES POLACOS DO NÍVEL INICIAL –
QUESTIONÁRIO A

Instruções

Esta investigação está a ser desenvolvida no âmbito da tese de mestrado de Inês Alexandra Carvalho Gama, mestranda da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Santos e da Professora Doutora Ana Paula Loureiro.

Através deste questionário pretende-se identificar eventuais “desvios” na aquisição e aprendizagem da voz passiva por aprendentes de português como língua estrangeira e com o polaco como língua materna.

Este questionário destina-se a estudantes universitários que estudam português como língua estrangeira ou língua materna.

A participação neste estudo é voluntária e anónima. Será apenas identificado por um número distribuído aleatoriamente e que apenas se destina a identificar as três partes do questionário como pertencentes à mesma pessoa.

Apenas os investigadores envolvidos neste projeto terão acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais e anónimas. Por favor, não escreva o seu nome ou outro elemento de identificação pessoal em nenhuma das páginas do questionário.

Caso aceite participar, deverá antes de mais prestar o seu consentimento (em baixo, onde se lê Consentimento Informado).

Declaração de consentimento informado

Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo, da participação voluntária, dos limites da confidencialidade e das demais questões, tendo-me sido prestados todos os esclarecimentos que solicitei a participar de forma voluntária. Como tal, ao colocar uma cruz no quadrado que se segue, disponho-me a participar e a responder de forma sincera.

Data: ____ / ____ / ____

Informante nº _____

Idade: _____

Língua Materna: _____

Outra(s) Língua(s) que está a estudar ou domina. Indique também o nível de proficiência (A1; A2; B1; B2 e C1): _____

Já alguma vez viveu em Portugal ou num outro país que tem o português como língua oficial (ex.: Brasil, Angola, Guiné, etc.)? Se sim, por quanto tempo? _____

Parte I

1. **Transforme** as frases ativas seguintes em frases passivas, **utilizando o verbo auxiliar SER**. Caso ache que a transformação da frase ativa em frase passiva não é possível, indique-o **justificando** a razão que o/a levou considerar a transformação não possível (indique uma das seguintes hipóteses como justificação: I) sentido do verbo; II) tipos de complementos ; III) tipo de sujeito [agente ou não-agente]; IV) tempo verbal; V) não sei).

- a. O João come a maçã. _____
- b. A Ana nadou no rio. _____
- c. O Miguel comprou as calças. _____
- d. Todas as mulheres adoram diamantes. _____
- e. A Joana dançou a noite toda. _____
- f. Os funcionários obedeceram à ordem. _____
- g. O Chefe finalmente pagou as férias. _____
- h. O barco voltou a Angola. _____
- i. A Joana gostava de vestidos compridos. _____
- j. A Rita dormiu a manhã inteira. _____
- k. Os soldados obedecerem ao general. _____
- l. A Mariana saiu de casa. _____
- m. O António teve a melhor nota da turma. _____
- n. A rapariga lia o jornal. _____
- o. O Afonso conheceu muitas dificuldades. _____
- p. Marie Curie descobriu a radioatividade. _____
- q. O texto apresentava muita informação. _____

- r. O escritor enviou o livro à editora. _____
 - s. A menina cantou de madrugada. _____
 - t. A pessoas odiavam aquele governante. _____
 - u. A Isabel pesava cinquenta quilos. _____
 - v. Muitos portugueses conhecem a Polónia. _____
 - w. A folha caiu no chão. _____
 - x. O conferencista apresentou dados muito relevantes. _____
-

Parte II

2. **Leia** as frases seguintes e **sublinhe** aquelas que considere como erradas, do ponto de vista da construção passiva. Para as “estruturas erradas”, indique uma das seguintes justificações: I) sentido do verbo; II) tipo de complemento; III) tipo de sujeito [agente ou não-agente]; IV) tempo verbal; V) não sei).

- a. A maçã é comida pelo João.
- b. O rio foi nadado pela Ana.
- c. As calças foram compradas pelo Miguel.
- d. Diamantes são adorados por todas as mulheres.
- e. A noite toda foi dançada pela Joana.
- f. A ordem foi obedecida pelos funcionários.
- g. As férias finalmente foram pagas pelo Chefe.
- h. Vestidos cumpridos são gostados pela Joana.
- i. A manhã inteira foi dormida pela Rita.
- j. O general foi obedecido pelos soldados.
- k. A melhor nota da turma foi tida pelo António.
- l. O jornal era lido pela rapariga.
- m. Muitas dificuldades foram conhecidas pelo Afonso.
- n. A radioatividade foi descoberta por Marie Curie.
- o. Muita informação era apresentada pelo texto.
- p. O livro foi enviado pelo escritor à editora.
- q. Aquele governante era odiado pelas pessoas.
- r. Cinquenta quilos eram pesados pela Isabel.
- s. A Polónia é conhecida por muitos portugueses.
- t. Dados muito relevantes foram apresentados pelo conferencista

Parte III

3. Risque o que **não considere** possível.

- a. A fotografia **foi/estava** tirada pelo Gonçalo.
- b. Aquele livro **era/estava** sempre oferecido à Maria.
- c. As regras **foram/estavam** escritas no caderno em cinco minutos.
- d. O espelho **foi/estava** partido pelo vento.
- e. Anteontem, o bolo **foi/estava** feito pelo pasteleiro.
- f. Os retratos dos reis **foram/estavam** colocados na sala principal durante duas semanas.
- g. Hoje a Serra da Estrela **é/está** coberta de neve.
- h. A Mona Lisa **foi/estava** pintada pelo Leonardo da Vinci.
- i. A fotografia **está/é** tirada e já não há nada a fazer!
- j. As regras **foram/estavam** escritas no caderno pelo professor.
- k. Aquele livro **foi/estava** oferecido à Maria pelo seu aniversário.
- l. O espelho já **estava/era** partido quando ele começou a cantar.
- m. Os retratos dos reis **foram/estavam** colocados na sala principal pelos funcionários.
- n. A Mona Lisa **é/está** colocada no Louvre.
- o. O bolo já **foi/estava** feito quando ela o pediu.
- p. Soube ontem que a Serra da Estrela **foi/estava** coberta de neve.

Obrigada pela sua ajuda!

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS APRENDENTES POLACOS DOS NÍVEIS INTERMÉDIO E AVANÇADO – QUESTIONÁRIO B

Instruções

Esta investigação está a ser desenvolvida no âmbito da tese de mestrado de Inês Alexandra Carvalho Gama, mestranda da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Santos e da Professora Doutora Ana Paula Loureiro.

Através deste questionário pretende-se identificar eventuais “desvios” na aquisição e aprendizagem da voz passiva por aprendentes de português como língua estrangeira e com o polaco como língua materna.

Este questionário destina-se a estudantes universitários que estudam português como língua estrangeira ou língua materna.

A participação neste estudo é voluntária e anónima. Será apenas identificado por um número distribuído aleatoriamente e que apenas se destina a identificar as três partes do questionário como pertencentes à mesma pessoa.

Apenas os investigadores envolvidos neste projeto terão acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais e anónimas. Por favor, não escreva o seu nome ou outro elemento de identificação pessoal em nenhuma das páginas do questionário.

Caso aceite participar, deverá antes de mais prestar o seu consentimento (em baixo, onde se lê Consentimento Informado).

Declaração de consentimento informado

Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo, da participação voluntária, dos limites da confidencialidade e das demais questões, tendo-me sido prestados todos os esclarecimentos que solicitei a participar de forma voluntária. Como tal, ao colocar uma cruz no quadrado que se segue, disponho-me a participar e a responder de forma sincera.

Data: ____ / ____ / ____

Informante nº _____

Idade: _____

Língua Materna: _____

Outra(s) Língua(s) que está a estudar ou domina. Indique também o nível de proficiência (A1; A2; B1; B2 e C1): _____

Já alguma vez viveu em Portugal ou num outro país que tem o português como língua oficial (ex.: Brasil, Angola, Guiné, etc.)? Se sim, por quanto tempo?

Parte I

1. **Transforme** as frases ativas seguintes em frases passivas, **utilizando o verbo auxiliar SER**. Caso ache que a transformação da frase ativa em frase passiva não é possível, indique-o **justificando** a razão que o/a levou considerar a transformação não possível (indique uma das seguintes hipóteses como justificação: I) sentido do verbo; II) tipos de complementos ; III) tipo de sujeito [agente ou não-agente]; IV) tempo verbal; IV) não sei).

a. O João come a maçã. _____

b. A Ana nadou no rio. _____

c. O Miguel regava o jardim. _____

d. Todas as mulheres adoram joias. _____

e. A Joana dançou a noite toda. _____

f. Os funcionários obedeceram à ordem. _____

g. O Chefe finalmente pagou os salários. _____

h. O Afonso conheceu muitas dificuldades. _____

i. O navio voltou a Angola. _____

j. A Joana gostava de vestidos compridos. _____

k. A Rita dormiu a manhã inteira. _____

l. Os soldados obedecerem ao general. _____

m. A Mariana saiu de casa. _____

n. O António teve a melhor nota da turma. _____

o. A rapariga lia o jornal. _____

p. O Adelino possui a casa amarela. _____

q. Marie Curie descobriu a radioatividade. _____

- r. O texto apresentava muita informação. _____
- s. O escritor enviou o livro à editora. _____
- t. O galo canta de madrugada. _____
- u. Um demónio possuiu a Raquel. _____
- v. O povo odiava aquele governante. _____
- w. A Isabel pesava cinquenta quilos. _____
- x. Muitos portugueses conhecem a Polónia. _____
- y. A folha caiu no chão. _____
- z. O conferencista apresentou dados muito relevantes. _____

Parte II

2. **Leia** as frases seguintes e **sublinhe** aquelas que considere como erradas, do ponto de vista da construção passiva. Para as “estruturas erradas”, indique uma das seguintes justificações: I) sentido do verbo; II) tipo de complemento; III) tipo de sujeito [agente ou não-agente]; IV) tempo verbal; V) não sei).

- a. A maçã é comida pelo João.
- b. O rio foi nadado pela Ana.
- c. O jardim é regado pelo Miguel.
- d. Joias são adoradas por todas as mulheres.
- e. A noite toda foi dançada pela Joana.
- f. A ordem foi obedecida pelos funcionários.
- g. As férias finalmente foram pagas pelo Chefe.
- h. Muitas dificuldades foram conhecidas pelo Afonso.
- i. Vestidos cumpridos são gostados pela Joana.
- j. A manhã inteira foi dormida pela Rita.
- k. O general foi obedecido pelos soldados.
- l. A melhor nota da turma foi tida pelo António.
- m. O jornal é lido pela rapariga.
- n. A casa amarela é possuída pelo Adelino.
- o. A radioatividade foi descoberta por Marie Curie.
- p. Muita informação era apresentada pelo texto.
- q. O livro foi enviado pelo escritor à editora.
- r. A Raquel foi possuída por um demónio.
- s. Aquele governante era odiado pelas pessoas.

- t. Cinquenta quilos eram pesados pela Isabel.
- u. A Polónia é conhecida por muitos portugueses.
- v. Dados muito relevantes foram apresentados pelo conferencista.

Parte III

3. Risque o que **não considere** possível.

- a. As joias da coroa **ficaram\foram** depositadas no museu por funcionários.
- b. A cor vermelha **estava\ficou** associada ao partido comunista durante vários anos.
- c. A ruas de Damasco **ficaram\foram** destruídas pelos bombardeamentos.
- d. A vítima do assalto **ficou\foi** ferida pelos ladrões.
- e. O espelho já **estava\era** partido quando cheguei a casa.
- f. O botão do casaco **ficou\foi** cozido pela costureira.
- g. O jantar já **é\está** servido!
- h. Durante cinco minutos, a linha telefónica **ficou\estava** interrompida.
- i. A cor vermelha **foi\estava** associada ao partido comunista por eles.
- j. As joias da coroa **ficaram\estavam** depositadas no museu durante um ano.
- k. A vítima do assalto já **foi\estava** ferida quando a polícia chegou.
- l. O botão do casaco **foi\ficou** cozido para melhorar o seu aspeto.
- m. O jantar **fica\está** servido em dez minutos.
- n. O espelho **foi\estava** partido pelo vento.
- o. A ruas de Damasco **ficaram\foram** inevitavelmente destruídas.
- p. Sempre que tentava ligar-te, a linha telefónica **era\estava** interrompida

Obrigada pela sua ajuda!

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FALANTES NATIVOS – QUESTIONÁRIO C

Voz Passiva

Esta investigação está a ser desenvolvida no âmbito da tese de mestrado de Inês Alexandra Carvalho Gama, mestranda da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), sob a orientação da Professora Doutora Isabel Santos e da Professora Doutora Ana Paula Loureiro.

A participação neste estudo é voluntária e anónima.

Apenas os investigadores envolvidos neste projeto terão acesso aos dados e, por isso, as respostas são totalmente confidenciais e anónimas. Por favor, não escreva o seu nome ou outro elemento pessoal em nenhuma parte deste questionário.

*Obrigatório

1. **Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo, da participação voluntária, dos limites de confidencialidade e das demais questões. Como tal, ao selecionar a opção "consinto", disponho-me a participar e a responder de forma sincera. ***

Marque todas que se aplicam.

Consinto

2. **Idade ***

Marque todas que se aplicam.

18

19

20

21

22

23

+24

Parte I

Leia as frases seguintes e selecione a opção que considere correta.

3. **A maçã é comida pelo João. ***

Marcar apenas uma oval.

Frase passiva correta.

Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.

Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.

Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)

Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.

Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.

Não sei.

4. **O rio foi nadado pela Ana.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

5. **O jardim é regado pelo Miguel.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

6. **Jóias são adoradas por todas as mulheres.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

7. **A noite toda foi dançada pela Joana.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

8. **A ordem foi obedecida pelos funcionários.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

9. **As férias finalmente foram pagas pelo Chefe.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

10. Muitas dificuldades foram conhecidas pelo Afonso. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

11. Vestidos compridos são gostados pela Joana. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

12. A manhã inteira foi dormida pela Rita. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

13. O general foi obedecido pelos soldados. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

14. A melhor nota da turma foi tida pelo António. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

15. O jornal é lido pela rapariga. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

16. **A casa amarela é possuída pelo Adelino.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

17. **A radioatividade foi descoberta por Marie Curie.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

18. **Muita informação era apresentada pelo texto.** *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

19. **O livro foi enviado pelo escritor à editora. ***

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

20. **A Raquel foi possuída por um demónio. ***

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

21. **Aquele governante era odiado pelas pessoas. ***

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

22. Cinquenta quilos eram pesados pela Isabel. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

23. A Polónia é conhecida por muitos portugueses. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

24. Dados muito relevantes foram apresentados pelo conferencista. *

Marcar apenas uma oval.

- Frase passiva correta.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de verbo.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de complemento.
- Frase passiva incorreta devido ao tipo de sujeito (agente ou não-agente)
- Frase passiva incorreta devido ao tempo verbal.
- Frase passiva incorreta, mas nenhuma das justificações apresentadas é válida nesta situação.
- Não sei.

Parte II

Selecione a opção que considere correta.

25. Frase 1 *

Marcar apenas uma oval.

- As jóias da coroa ficaram depositadas no museu por funcionários. As
- jóias da coroa foram depositadas no museu por funcionários. Ambas
- as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

26. **Frase 2 ***

Marcar apenas uma oval.

- A cor vermelha estava associada ao partido comunista durante vários anos. A
- cor vermelha ficou associada ao partido comunista durante vários anos. Ambas
- as frases corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

27. **Frase 3 ***

Marcar apenas uma oval.

- As ruas de Damasco ficaram destruídas pelos bombardeamentos. As
- ruas de Damasco foram destruídas pelos bombardeamentos. Ambas
- as frases corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

28. **Frase 4 ***

Marcar apenas uma oval.

- A vítima do assalto ficou ferida pelos ladrões. A
- vítima do assalto foi ferida pelos ladrões. Ambas
- as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

29. **Frase 5 ***

Marcar apenas uma oval.

- O espelho já estava partido quando cheguei a casa. O
- espelho já era partido quando cheguei a casa. Ambas
- as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

30. **Frase 6 ***

Marcar apenas uma oval.

- O botão do casaco ficou cosido pela costureira. O
- botão do casaco foi cosido pela costureira. Ambas
- as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

31. **Frase 7 ***

Marcar apenas uma oval.

- O jantar já é servido!
- O jantar já está servido!
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

32. **Frase 8 ***

Marcar apenas uma oval.

- Durante cinco minutos, a linha telefónica ficou interrompida.
- Durante cinco minutos, a linha telefónica estava interrompida.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

33. **Frase 9 ***

Marcar apenas uma oval.

- A cor vermelha foi associada ao partido comunista por eles.
- A cor vermelha estava associada ao partido comunista por eles.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

34. **Frase 10 ***

Marcar apenas uma oval.

- As jóias da coroa ficaram depositadas no museu durante um ano. As
- jóias da coroa estavam depositadas no museu durante um ano.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

35. **Frase 11 ***

Marcar apenas uma oval.

- A vítima do assalto já foi ferida quando a polícia chegou.
- A vítima do assalto já estava ferida quando a polícia chegou.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

36. **Frase 12 ***

Marcar apenas uma oval.

- O botão do casaco foi cosido para melhorar o seu aspeto.
- O botão do casaco ficou cosido para melhorar o seu aspeto.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

37. **Frase 13 ***

Marcar apenas uma oval.

- O jantar fica servido em dez minutos. O
- jantar está servido em dez minutos.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

38. **Frase 14 ***

Marcar apenas uma oval.

- O espelho foi partido pelo vento.
- O espelho estava partido pelo vento.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

39. **Frase 15 ***

Marcar apenas uma oval.

- As ruas de Damasco ficaram inevitavelmente destruídas. As
- ruas de Damasco foram inevitavelmente destruídas. Ambas
- as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

40. **Frase 16 ***

Marcar apenas uma oval.

- Sempre que tentava ligar-te, a linha telefónica era interrompida.
- Sempre que tentava ligar-te, a linha telefónica estava interrompida.
- Ambas as frases estão corretas.
- Nenhuma das frases está correta.

Powered by



Parte II

Código de identificação	Idade	Fase 2 a)		Fase 2 b)		Fase 2 c)		Fase 2 d)		Fase 2 e)		Fase 2 f)		Fase 2 g)		Fase 2 h)		Fase 2 i)		Fase 2 j)		Fase 2 k)		Fase 2 l)		Fase 2 m)		Fase 2 n)		Fase 2 o)		Fase 2 p)		Fase 2 q)		Fase 2 r)		Fase 2 s)		Fase 2 t)			
		Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)	Julho de Gramaticidade Certo (CORR) / Não Certo (NCORR)	Justificação (V; COMP; SU; TV; NS)				
LMPol.169.Inicial	21	CORR		CORR	SU	CORR		CORR		CORR	COMP	N. CORR.	SU	COER		CORR	COMP	COER	COMP	N. CORR.		CORR	V	COER		CORR	SU	COER		N. CORR.		COER		COER		COER	SU	COER		N. CORR.			
LMPol.181.Inicial	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		COER		CORR	COMP	N. CORR.		N. CORR.		COER	SU	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	SU	COER		COER			
LMPol.249.Inicial	21	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		COER		CORR	COMP	COER	V	N. CORR.		COER	V	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	SU	COER		COER			
LMPol.174.Inicial	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	SU	COER	COMP	COER		CORR	SU	COER	SU	N. CORR.		N. CORR.		COER	SU	COER		COER															
LMPol.175.Inicial	21	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		COER		CORR	V	COER	NS	N. CORR.		COER	V	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER	V	COER		COER			
LMPol.170.Inicial	25	CORR		CORR	COMP	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		COER		CORR	V	COER	V	N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER	SU	COER		COER		COER		COER	COMP	COER		COER			
LMPol.217.Inicial	19	CORR		N. CORR.		CORR		CORR		N. CORR.		N. CORR.		COER		COER	NS	N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	NS	COER		COER			
LMPol.134.Inicial	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		COER		CORR	SU	COER	V	N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	SU	COER		COER			
LMPol.219.Inicial	21	CORR		CORR	COMP	CORR		CORR		CORR	COMP	N. CORR.	COMP	COER		CORR	COMP	COER	SU	N. CORR.		N. CORR.		COER		COER	V	COER		N. CORR.		COER		COER		COER	SU	COER		COER			
LMPol.118.Inicial	20	CORR		N. CORR.		CORR		CORR		N. CORR.		N. CORR.		COER		COER	V	N. CORR.		N. CORR.		COER	V	N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		COER		COER		COER	N. CORR.		COER		COER		
LMPol.149.Inicial	21	CORR		N. CORR.		CORR		CORR		COER	NS	N. CORR.		COER		N. CORR.		COER	NS	N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	N. CORR.		COER		COER		
LMPol.120.Inicial	19	CORR		CORR	SU	CORR		CORR		COER	SU	N. CORR.		COER		COER	SU	COER	SU	N. CORR.		COER	COMP	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	SU	COER		COER			
LMPol.146.Inicial	24	N. CORR.		N. CORR.		COER		COER		N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		COER	NS	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	V	COER		COER			
LMPol.115.Inicial	21	CORR		CORR	SU	CORR		COER		N. CORR.		COER	SU	COER		N. CORR.		N. CORR.		COER	V	N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	V	COER		COER			
LMPol.160.Inicial	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		COER	SU	N. CORR.		COER		COER	NS	COER	NS	N. CORR.		N. CORR.		COER		COER	SU	COER		N. CORR.		COER		COER		COER	NS	COER		COER			
LMPol.185.Inicial	23	CORR		N. CORR.		COER		COER		COER	V	N. CORR.		COER		COER	V	N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	V	COER		COER			
LMPol.128.Inicial	20	CORR		CORR	V	CORR		COER		COER	COMP	N. CORR.		COER		COER	NS	COER	V	N. CORR.		N. CORR.		COER		COER	NS	COER		N. CORR.		COER		COER		COER	NS	COER		COER			
LMPol.195.Inicial	26	CORR		CORR	SU	CORR		COER		COER	SU	N. CORR.		COER		COER	V	COER	SU	N. CORR.		COER	V	COER		COER	SU	COER		N. CORR.		COER		COER		COER	V	COER		COER			
LMPol.127.Inicial	20	CORR		N. CORR.		N. CORR.		COER		COER	NS	N. CORR.		COER		N. CORR.		COER	NS	COER	NS	COER	NS	COER		COER	NS	COER		COER	NS	COER		COER		COER	NS	COER		COER			
LMPol.227.Inicial	20	CORR		N. CORR.		COER		COER		COER	V	N. CORR.		COER		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		COER	NS	COER		N. CORR.		N. CORR.		COER		COER		COER		COER	NS	COER		COER	
LMPol.187.Inicial	20	CORR		CORR	NS	COER		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		COER		COER		COER		COER	NS	COER		COER													
LMPol.105.Inicial	19	CORR		CORR	V	COER		COER		COER	NS	COER	NS	COER		N. CORR.		COER	NS	COER	NS	COER	NS	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		N. CORR.		COER	NS	COER		COER	
LMPol.141.Inicial	21	CORR		CORR	NS	COER		COER		N. CORR.		N. CORR.	NS	COER		N. CORR.		COER	NS	COER		COER		COER		COER	NS	COER		COER													
LMPol.123.Inicial	21	CORR		CORR	NS	COER		COER		N. CORR.		N. CORR.	NS	COER		N. CORR.		N. CORR.		COER	NS	N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	NS	COER		COER			
LMPol.183.Inicial	21	CORR		CORR	V	COER		COER		COER	COMP	N. CORR.		COER		N. CORR.		COER	V	N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER		COER	COMP	COER		COER	V	COER		COER	
LMPol.213.Inicial	22	CORR		CORR	V	COER		COER		COER	V	N. CORR.		COER		COER	V	COER	V	N. CORR.		COER	TV	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	NS	COER		COER			
LMPol.171.Inicial	24	CORR		CORR	V	COER		COER		COER	V	N. CORR.		COER		COER	COMP	COER	V	N. CORR.		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	SU	COER		COER			
LMPol.154.Inicial	20	CORR		CORR	NS	COER		COER		COER	NS	COER	NS	COER		N. CORR.		COER	NS	COER	NS	COER	NS	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER	NS	COER		COER			
LMPol.122.Inicial	20	CORR		CORR	V	COER		N. CORR.		COER	COMP	COER	COMP	COER		COER	COMP	COER	SU	N. CORR.		COER	SU	COER		COER	SU	COER		COER													
LMPol.133.Inicial	20	CORR		CORR	NS	COER		COER		N. CORR.		COER	NS	N. CORR.		COER	NS	COER	NS	N. CORR.		COER	NS	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER	NS	N. CORR.		COER			
LMPol.214.Inicial	22	CORR		CORR	COMP	COER		COER		COER	COMP	COER	COMP	COER		COER	COMP	COER	COMP	COER	NS	N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER	SU	COER		COER		COER	COMP	COER		COER			
LMPol.116.Inicial	23	CORR		CORR	COMP	COER		COER		COER	COMP	N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		COER	SU	COER	SU	N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		COER		COER	V	COER		COER			
LMPol.173.Inicial	21	CORR		CORR	COMP	COER		COER		COER	V	N. CORR.		COER		COER	NS	COER	NS	N. CORR.		COER	NS	COER		N. CORR.		COER		N. CORR.		COER		COER		N. CORR.		COER	V	COER		COER	

Total Números / Percentagem	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.																													
	32	97%	26	79%	32	97%	32	97%	25	76%	7	21%	30	91%	21	64%	23	70%	7	21%	14	42%	31	94%	8	24%	29	88%	6	18%	33	100%	28	85%	31	94%	32	97%	32	97%
	1	3%	7	21%	1	3%	1	3%	8	24%	26	79%	3	9%	12	36%	10	30%	26	79%	19	58%	2	6%	25	76%	4	12%	27	82%	0	0%	5	15%	2	6%	1	3%	1	3%

Parte II

Código de Identificação	Idade	Fase 2 a)		Fase 2 b)		Fase 2 c)		Fase 2 d)		Fase 2 e)		Fase 2 f)		Fase 2 g)		Fase 2 h)		Fase 2 i)		Fase 2 j)		Fase 2 k)		Fase 2 l)		Fase 2 m)		Fase 2 n)		Fase 2 o)		Fase 2 p)		Fase 2 q)		Fase 2 r)		Fase 2 s)		Fase 2 t)		Fase 2 u)		Fase 2 v)					
		Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)	Justificação (V)	Índice de Gramaticidade Casos (CORR/COMP/SE/TV/NS)					
MPol 129 Interno do	20	CORR		CORR	NS	CORR		CORR		CORR	NS	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR		CORR			
MPol 241 Interno do	21	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	SE	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		N. CORR.		CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 191 Interno do	25	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	CORR	V	CORR		CORR	V	CORR	V	CORR	V	CORR	SE	CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	SE	CORR		CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR			
MPol 111 Interno do	22	CORR		CORR	SE	CORR		CORR		CORR	SE	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	NS	CORR	SE	N. CORR.		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	SE	CORR		CORR		CORR		CORR			
MPol 288 Interno do	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	SE	CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR	COMP	CORR	V	CORR	SE	CORR	V	CORR		CORR	V	CORR		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR		CORR	V	CORR		CORR			
MPol 142 Interno do	21	CORR		CORR	VCOMP	CORR		CORR		CORR	COMP	CORR	COMP	CORR		N. CORR.		N. CORR.		CORR	VCOMP	CORR	COMP	CORR	COMP	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 136 Interno do	21	CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR	V	CORR	SE	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 224 Interno do	21	CORR		CORR	V	CORR		CORR		N. CORR.		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		N. CORR.		CORR	TV	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	V	CORR		CORR			
MPol 119 Interno do	21	CORR		CORR	V	CORR		CORR		N. CORR.		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		N. CORR.		CORR	TV	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	V	CORR		CORR			
MPol 132 Interno do	20	N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR		CORR	SE	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	N. CORR.		CORR	SE	N. CORR.		CORR		N. CORR.		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	TV	CORR		N. CORR.		CORR		CORR	SE	CORR		CORR		
MPol 147 Interno do	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	SE	N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		N. CORR.		CORR		CORR	SE	CORR		CORR	
MPol 177 Interno do		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	SE	CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR	N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		CORR		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR										
MPol 177 Interno do	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	COMP	N. CORR.		CORR	COMP	CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 112 Interno do	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		N. CORR.		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	SE	CORR	V	N. CORR.		CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	SE	CORR		CORR		CORR									
MPol 208 Interno do	20	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	NS	N. CORR.		CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR		CORR	VCOMP	CORR		CORR		CORR	
MPol 193 Interno do	21	CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	NS	CORR	V	CORR	V	CORR	V	CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	NS	CORR		CORR	NS	CORR		CORR	
MPol 190 Interno do	21	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	VSE	CORR	VSE	CORR		CORR	V	CORR	VSE	CORR		N. CORR.		CORR		CORR	TV	CORR		CORR		N. CORR.		CORR	VSE	CORR		CORR											
MPol 221 Interno do	22	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		CORR	V	CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 186 Interno do	21	CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR	V	CORR	COMP	CORR		N. CORR.		CORR	SE	CORR	V	CORR	SE	CORR	V	CORR		CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 145 Interno do	22	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	V	CORR	VCOMP	CORR		N. CORR.		CORR	VCOMP	CORR	V	CORR	VCOMP	N. CORR.		CORR		CORR		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 138 Interno do	22	CORR		CORR	SE	CORR		CORR		CORR	SE	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	N. CORR.		CORR	V	CORR	NS	CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	SE	CORR		CORR										
MPol 236 Interno do	25	CORR		CORR	SE	CORR		CORR		CORR	SE	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	COMP	CORR	V	CORR	SE	N. CORR.		CORR	V	CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		CORR		CORR		CORR	V	CORR		CORR			
MPol 143 Interno do	21	CORR		CORR	COMP	CORR		CORR		CORR	COMP	CORR	COMP	CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR	V	CORR	COMP	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	COMP	CORR		CORR											
MPol 152 Interno do	21	CORR		CORR	V	CORR		CORR		CORR	COMP	CORR	COMP	CORR		N. CORR.		CORR	TV	CORR	COMP	CORR	COMP	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	V	CORR		CORR											
MPol 145 Interno do	22	CORR		CORR	V	N. CORR.		CORR		CORR	COMP	N. CORR.		CORR		N. CORR.		CORR	COMP	N. CORR.		CORR	V	N. CORR.		CORR		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.		N. CORR.	SE	CORR		N. CORR.											

Total Números / Porcentagem	CORR		N. CORR.		COMP		V		VSE		VCOMP		TV		NS		SE		TVCOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP		VSECOMP									
	24	90%	21	80%	24	90%	25	100%	22	88%	9	36%	25	100%	6	24%	18	72%	19	76%	16	64%	14	56%	23	92%	9	36%	25	100%	5	20%	23	92%	24	96%	24	96%	25	100%	24	96%	25	100%	24	96%	25	100%				
	1	4%	4	16%	1	4%	0	0%	3	12%	16	64%	0	0%	19	76%	7	28%	6	24%	9	36%	11	44%	2	8%	16	64%	0	0%	16	64%	0	0%	1	4%	1	4%	0	0%	1	4%	25	100%								

